UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
ARQUITETURA E URBANISMO

JEFFERSON DE CARVALHO FEITOSA

Próxima estação:
PANTANAL

SÃO PAULO
2022

Fonte: Jef Delgado (2019)

Fonte: Pancho Baile

JEFFERSON DE CARVALHO FEITOSA

Próxima estação:

PANTANAL

FUNK COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL E O DIREITO À CIDADE

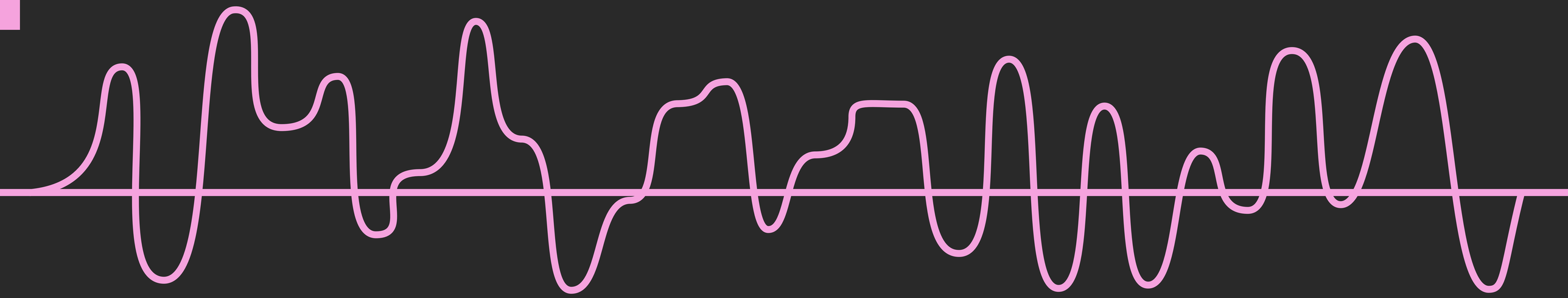
Trabalho Final de Graduação apresentado à Universidade Anhembi Morumbi para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof.º Dr.º Laudelino Roberto Schweigert
Curso: Bacharel em Arquitetura e Urbanismo
10º Semestre

Escaneie o QR Code para ouvir uma música relacionada ao tema e local de estudo. Atenção: conteúdo +18.

SÃO PAULO
2022

Dedicatória



Para todos aqueles que tem direito a se divertir.

Agradecimento

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador Laudelino Roberto Schweigert, por ter aceitado um tema delicado como o funk e ser um grande exemplo para mim.

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma, direta ou indireta, para o desenvolvimento desse tema, principalmente ao meus pais e irmãos, ao Guto e a todos os funkeiros e moradores de União de Vila Nova.

Agradeço a todos os amigos e amigas pela compreensão da ausência e a força nos momentos de dores, e também amores, de cursar arquitetura.

Epígrafe

Não Foi Cabral – MC Carol
Professora me desculpe
Mas agora vou falar
Esse ano na escola
As coisas vão mudar

Nada contra ti
Não me leve a mal
Quem descobriu o Brasil
Não foi Cabral

Pedro Álvares Cabral
Chegou 22 de abril
Depois colonizou
Chamando de Pau-Brasil
Ninguém trouxe família
Muito menos filho
Porque já sabia
Que ia matar vários índios

Treze Caravelas
Trouxe muita morte
Um milhão de índio
Morreu de tuberculose
Falando de sofrimento
Dos tupis e guaranis
Lembrei do guerreiro
Quilombo Zumbi

Zumbi dos Palmares
Vítima de uma emboscada
Se não fosse a Dandara
Eu levava chicotada

Resumo

Atualmente os bailes funk são uma manifestação cultural presente nas cidades brasileiras. Todavia que essa manifestação é palco para diversos conflitos que já culminaram na tentativa da criminalização do funk (assim como o samba no passado) ou, então, em questões mais cotidianas, dentro do direito à diversão, mas também ao descanso, para o incomodo causado pelos pancadões que ocorrem nos bairros comumente residenciais durante os bailes. A partir disso, foi elaborado um estudo no bairro de União de Vila Nova, terceiro maior bairro periférico da cidade de São Paulo, localizado na Zona Leste e que também é palco para alguns bailes funks. Esses bailes foram levantados pelo autor pessoalmente e discutido com funkeiros, moradores e comerciantes da região. O próximo passo foi fazer um levantamento decorrente do tecido urbano do bairro identificando os espaços livres públicos que poderiam ser palco para essas e outras manifestações culturais. A proposta de projeto inicial segue a reforma de um parque ocioso que fica muito próximo a um dos principais fluxos de funk, mantendo o campo de futebol existente no programa e incluído um equipamento cultural voltado a dança e música.

Palavras-chave: Funk; Manifestação Cultural; Urbanismo; Direito À Cidade; Espaços Livres.

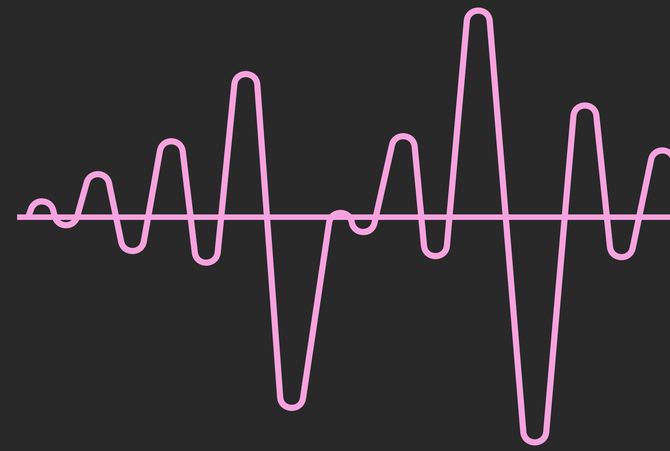
Abstract

Currently the funk parties are a cultural manifestation present in the brazilian cities. This manifestation stages a lot of conflicts, even culminating in an attempt to criminalize funk music (it has also happened with samba in the past) or resulting in everyday questions, such as inside the right to have fun, but also to rest, by the discomfort noise caused by the big sound systems built-in on cars (know as “pancadões” in Brazil) that occurs commonly in residential neighborhoods. Taking this in consideration, a study about União de Vila Nova, the third biggest periferic district in São Paulo city that commonly have funk parties has been developed. These funk parties were analyzed by the author himself and discussed with “funkeiros” (people who attend the funk parties), inhabitants and local shopkeepers. The next step was to gather information due the urban morphology focusing on identifying the free public spaces that would be the stage for these cultural manifestations. The initial proposal follows the remodeling of a idle park that is located right next to one of the principal funk parties, keeping the existing soccer field in the program and including cultural equipment supporting dance and music.

Keywords: Funk; Cultural Manifestation; Urbanism; Right to the City; Public Spaces.

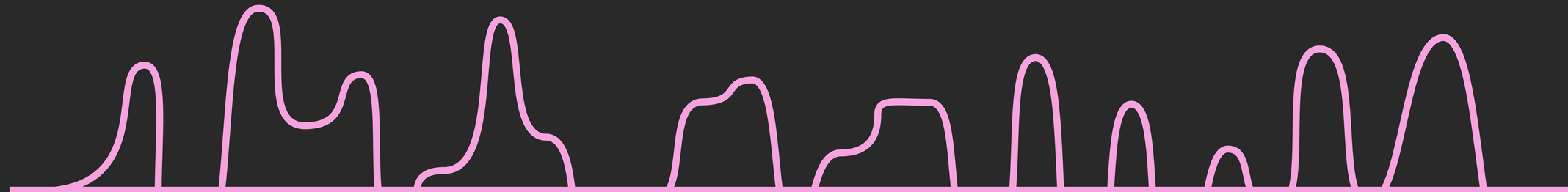
Lista de ilustrações

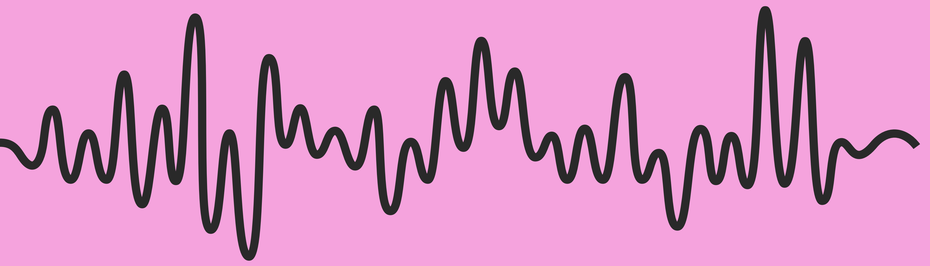
Figura 1 – Bairro de União de Vila Nova do Município de São Paulo 02
Figura 2 – Antigo curso do Rio Tietê 03
Figura 3 – Capela de São Miguel na Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra 04
Figura 4 – Mapa com a localização do bairro de União de Vila Nova 05
Figura 5 – Bacia Hidrográfica Córrego Jacu e o bairro União de Vila Nova 06
Figura 6 – União de Vila Nova com Bacias Hidrográficas e Massas D'água 07
Figura 7 – Mapa de Densidade Demográfica (hab/ha) 08
Figura 8 – Mapa de Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) 09
Figura 9 – Mapa de Hierarquia Viária e Mobilidade Urbana 10
Figura 10 – Mapa de Equipamentos e Pontos de Interesse 11
Figura 11 – Mapa de Cobertura Vegetal e Remanescentes de Bioma 12
Figura 12 – Baile da Serra em Minas Gerais 16
Figura 13 – Baile "soul" nos anos 1970 no Rio de Janeiro. 16
Figura 14 – MC Guimê, símbolo do Funk Ostentação 17
Figura 15 – Delimitação de espaço criada pelos veículos 21
Figura 16 – Baile e áreas VIP's 21
Figura 17 – Localização dos bailes funk em União de Vila Nova 22
Figura 18 – Palavras de baixo calão pichadas na fachada 27
Figura 19 – Foto da praça antes do projeto de reforma 32
Figura 20 – Atual Praça Roosevelt a noite 33
Figura 21 – Referências urbanas para o diálogo com o entorno 34
Figura 22 – Implantação da Praça Roosevelt 34
Figura 23 – Corte longitudinal da Praça Roosevelt 34
Figura 24 – Skatista na praça Roosvelt 35
Figura 25 – O MASP 38
Figura 26 – Plantas do Masp 38
Figura 27 – Vão do MASP visto do acesso ao acervo 39
Figura 28 – Projeto anterior de Jorge Wilheim, Rosa Kliass e equipe 39
Figura 29 – Problemáticas do Vale do Anhangabaú 40
Figura 30 – Plano com os consensos para o vale 40
Figura 31 – Propostas conceituais para o vale 41
Figura 32 – Seção transversal do programa no dia-a-dia 41
Figura 33 - Seção transversal do programa com eventos 41
Figura 34 – Flexibilidade criada pela água 42
Figura 35 – Projeto anterior e proposta mais recente para o vale 42
Figura 36 – Mapa geral do bairro com acessos e pontos de interesse 47
Figura 37 – Local de intervenção, equipamentos e áreas verdes 48
Figura 38 – Ampliação do local de intervenção com análises 49
Figura 39 – Levantamento do parque que receberá a intervenção 50
Figura 40 – Mapa mental das propostas iniciais 52
Figura 41 – Primeiras ideias sobre o equipamento e o baile 53
Figura 42 – Estudos de fluxos, núcleos e topografia 54
Figura 43 – Estudo de massas 55
Figura 44 - Proposta de quadra aberta e fechada 56
Figura 45 – Mapa com as propostas e intervenções 60
Figura 46 – Perspectiva com a situação atual 61
Figura 47 - Perspectiva com a proposta projetual 62
Figura 48 – Perspectiva ampliada com a proposta projetual 63
Figura 49 – Implantação Geral 65
Figura 50 – Corte Geral 66
Figura 51 – Planta do Equipamento Cultural – Térreo 70
Figura 52 – Planta do Equipamento Cultural – 1ª Marquise 71
Figura 53 – Planta do Equipamento Cultural – 2ª Marquise 72
Figura 54 – Planta do Equipamento Cultural – 1º Andar 73
Figura 55 – Planta do Equipamento Cultural – 2º Andar 74
Figura 56 – Planta do Equipamento Cultural – Cobertura 75
Figura 57 – Equipamento Cultural – Corte A 76
Figura 58 – Equipamento Cultural – Corte B 78
Figura 59 – Equipamento Cultural – Elevação 1 80
Figura 60 – Equipamento Cultural – Elevação 2 82
Figura 61 – Equipamento Cultural – Elevação 3 84
Figura 63 – Perspectiva do Equipamento Cultural 86
Figura 64 – Perspectiva do Equipamento Cultural 87
Figura 65 – Setorização dos Quiosques 91
Figura 66 – Quiosque A – Planta 92
Figura 67 – Quiosque A – Elevação 1 93
Figura 67 – Quiosque A – Elevação 2 93
Figura 69 – Quiosque A – Corte A 93
Figura 70 – Quiosque B – Planta 94
Figura 71 – Quiosque B – Corte A 95
Figura 71 – Quiosque B – Corte B 95
Figura 73 – Quiosque B – Elevação 1 95
Figura 73 – Quiosque B – Elevação 2 95
Figura 75 – Quiosque C – Planta 96
Figura 76 – Quiosque C – Corte A 97
Figura 77 – Quiosque C – Corte B 97
Figura 78 – Quiosque C – Elevação 1 97
Figura 79 – Quiosque C – Elevação 2 97
Figura 80 – Perspectiva dos Quiosques 98
Figura 81 – Perspectiva explodida do Quiosque A 99
Figura 82 – Setorização do Equipamento Esportivo e Vestiários 103
Figura 83 – Vestiário – Planta 104
Figura 84 – Vestiário – Elevação 1 105
Figura 85 – Vestiário – Elevação 2 105
Figura 85 – Vestiário – Corte A 105
Figura 87 – Perspectivas do Equipamento Esportivo com jogos e shows 106
Figura 88 – Perspectiva do Vestiário 107
Figura 89 – Perspectiva 1 do Sistema Estrutural 108
Figura 90 – Perspectiva 2 do Sistema Estrutural 109
Figura 91 - Perspectiva 3 do Sistema Estrutural 110
Figura 92 – Perspectiva 1 114
Figura 93 – Perspectiva 2 115
Figura 94 – Perspectiva 3 116
Figura 95 – Perspectiva 4 117
Figura 96 – Perspectiva 5 118
Figura 97 – Perspectiva 6 119
Figura 98 – Perspectiva 7 120
Figura 99 – Perspectiva 8 121
Figura 100 – Perspectiva 9 122
Figura 101 – Perspectiva 10 123
Figura 102 – Perspectiva 11 124
Figura 103 – Perspectiva 12 125
Figura 104 – Perspectiva 13 - Interna 126
Figura 105 – Perspectiva 14 - Interna 127
Figura 106 – Perspectiva 15 - Interna 128



Sumário

Introdução
1. O local 01
1.1. Breve histórico de formação 02
1.2. Leitura e análise do local 05
2. Funk: os eventos e a contextualização na periferia 15
2.1. Contextualização: o que é e como surgiu o funk 16
2.2. Questões sociais no funk e ostentação 18
2.3. A dinâmica dos bailes 19
2.4. Levantamento dos bailes em união de vila nova 22
3. Espaços livres no direito à cidade 25
3.1. Espaços livres urbanos 26
3.2. Direito à cidade 26
3.3. Manifestações culturais *no* direito à cidade 27
4. Estudo de Caso – Praça Roosevelt 31
5. Projetos de Referência 37
5.1. Masp 38
5.2. Vale do Anhangabaú 39
6. Proposta Projetual 45
6.1. Aproximações Iniciais 46
6.2. Programa de Necessidades 51
6.3. Conceito e Partido 51
6.4. Projeto 59
Considerações Finais 131
Referências 132





Introdução

O funk é um gênero musical que está presente no dia a dia das pessoas, seja porque procuram para ouvir ou consomem de uma forma indireta nas redes sociais pelos conteúdos de vídeos que tocam funk de fundo, em novelas e por grandes artistas que desenvolveram sua carreira no funk e, hoje, exportam o ritmo, como a cantora Anitta por exemplo. Enfim, o funk está presente em diversas camadas sociais, toca nas baladas em regiões ricas das cidades, mas principalmente nas periferias.

A performance do funk funciona de acordo com a localização onde ele é consumido; por exemplo, enquanto nas regiões centrais mais ricas o funk é consumido dentro de festas ou condôminos fechados, nas comunidades periféricas o funk funciona como uma apropriação da rua num tipo de manifestação cultural. Essa dinâmica de diferenciação territorial também ocorre na tratativa das autoridades em relação aos funkeiros periféricos, e, é claro, por exemplo quem sofre mais por isso.

Outra questão em relação aos bailes funks é que muitos deles extrapolam a noite nos finais de semana trazendo a tona a discussão em torno do direito à cidade (e a diversão) mas também do direito ao descanso. E como que os espaços livres públicos, além da rua, podem contribuir nessa questão?

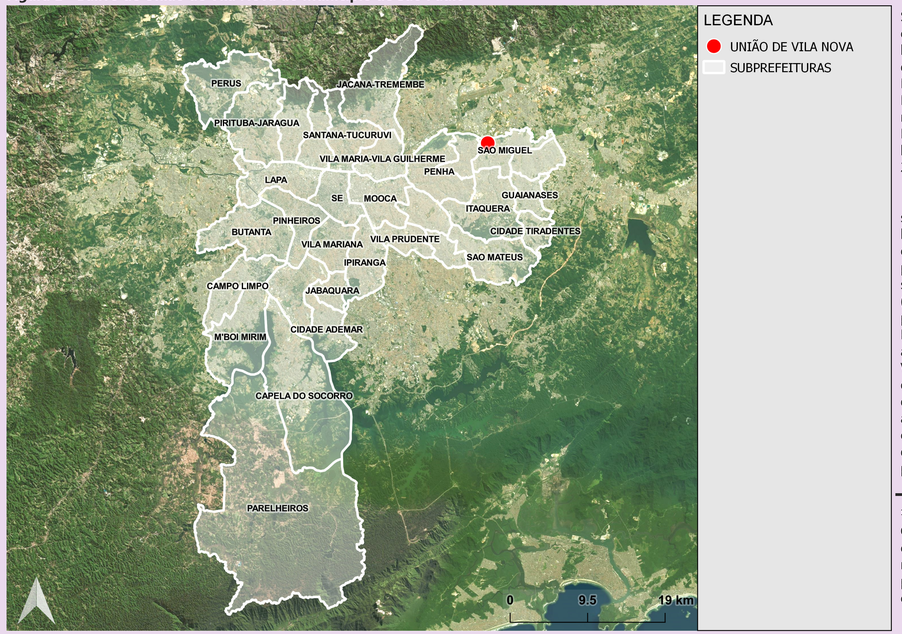
A partir desses conflitos e inquietações, o presente trabalho tem como objetivo entender a dinâmica dos bailes funks, em especial os que ocorrem no bairro de União de Vila Nova localizado, na Zona Leste de São Paulo, para amenizar ou mitigar, por intermédio de um projeto de espaço livre público, alguns conflitos em relação aos diversos usos dessa manifestação espontânea gerada pelo funk.

Para alcançar esse objetivo é necessário: entender o território em estudo; pesquisar sobre o que é o funk e como funciona o baile; conceituar como se caracterizam os espaços livres públicos e qual o seu papel no direito à cidade; levantar um estudo de caso junto com projetos de referência que servira de arcabouço no desenvolvimento do projeto final de espaço livre público. A partir disso, foi elaborado uma revisão bibliográfica sobre o tema, um estudo de caso, a pesquisa de dois projetos de referência e o desenvolvimento de um projeto para espaço livre público.

1. O LOCAL

O estudo do local servirá de base para o entendimento e proposição projetual. Nele será desenvolvido o histórico de formação do bairro de União de Vila Nova, também conhecido como Pantanal, seguido dos mapas com os dados de leitura e análises feita pelo autor.

Figura 1 - Bairro de União de Vila Nova do Município de São Paulo



Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS sob: Mapa Base Bing e Subprefeituras SMSP (2022). Acesso em 01 mai. 2022.

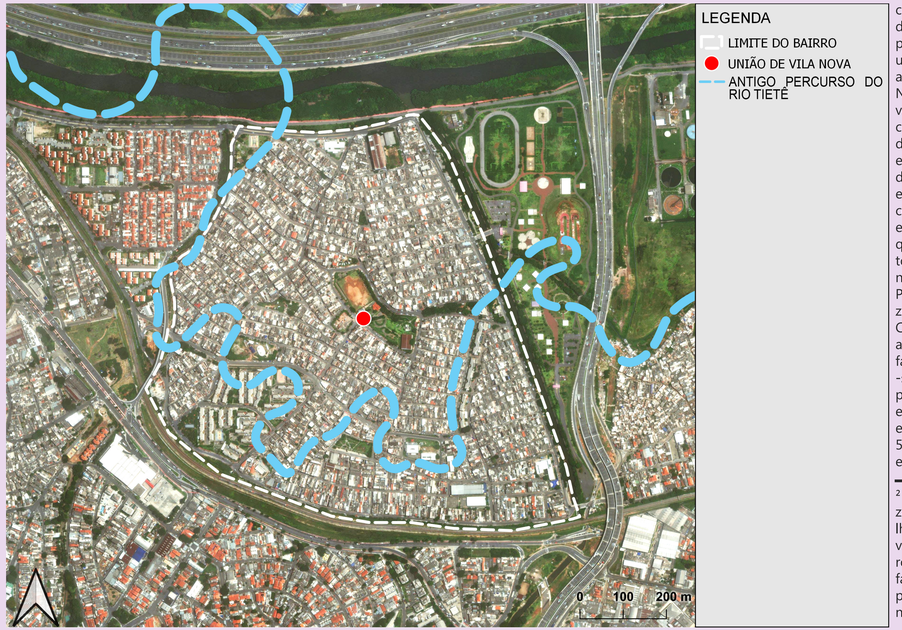
1.1. BREVE HISTÓRICO DE FORMAÇÃO

União de Vila Nova é um bairro localizado no extremo leste do município de São Paulo – SP, conforme aponta a localização na Figura 1. Originalmente o bairro fazia parte do município de Guarulhos, mas após as obras que alteraram o curso do Rio Tietê em 1970, parte do bairro ficou sem administração. Apenas em junho de 2009 foi publicada a Portaria Nº 055/SP.MP/GAB/2009 que reconhece todo o perímetro do bairro (criado pelo novo leito do rio) como parte do munícipio de São Paulo (SUBPREFEITURA DE SÃO MIGUEL PAULISTA, 2009). União de Vila Nova também é considerado a terceiro maior bairro periférico da cidade de São Paulo, ficando atrás apenas de Heliópolis e Paraisópolis (PROJETO PANTANAL, 2010).

Oliveira (2012, p. 18-29) em sua dissertação sobre precariedade urbana, utiliza o bairro de União de Vila Nova como objeto de estudo e aponta três pontos principais no desenvolvimento do bairro, são eles: a mudança do leito do Rio Tietê (pelas obras a partir dos anos 1970), a pré-existência do bairro de São Miguel Paulista (já desenvolvido à época dos assentamentos irregulares em União de Vila Nova) e o contexto de crise política e econômica. Sobre o Rio Tietê, estudos datados de 1966 consideravam as áreas de várzea com grande potencial para construção de edificações além de tratar questões sanitárias e de mobilidade. A partir disso, foi desenvolvido um projeto de retificação do rio entre o trecho de Guarulhos à Osasco, conforme Figura 2, que abria espaço nos diversos meandros do Rio Tietê. O bairro de União de Vila Nova é uma dessas áreas remanescentes que apenas serviu de "bota-fora" para terraplenagem, já que as obras do Parque Ecológico do Tietê não avançaram até a área. Já São Miguel Paulista é um bairro que faz parte da história da cidade de São Paulo e do Brasil, pois possui herança indígena e em 1560, com a passagem do Padre José de Anchieta, foi construída a Capela de São Miguel Arcanjo (ver Figura 3) com o intuito de catequisar os indígenas da região. São Miguel Paulista era um ponto de conexão importante entre o centro de São Paulo e o Rio de Janeiro e, com o tempo, somado com a proximidade com o Rio Tietê, surgiram indústrias químicas e olarias que caracterizaram o bairro como industrial. (OLIVEIRA, 2012, p. 30-34). Com a consolidação de São Miguel Paulista, após o seu crescimento populacional e urbano devido a localização chave em São Paulo e a presença das indústrias na região, ocorre um assentamento em área de várzea onde atualmente é o bairro de União de Vila Nova. Esse assentamento aconteceu por volta dos anos de 1980 num contexto de crise política e econômica que vinha desde antes da Intervenção Militar em 1964 e que se agravou ao longo do período da ditadura com o aumento da dívida pública externa, inflação e arrocho salarial. Nesse contexto, uma onda de invasões ocorria em diversos terrenos (próximo às áreas que possuiam infraestrutura e equipamentos urbanos) da Zona Leste de São Paulo nas regiões de Itaim Paulista, São Miguel Paulista, Guaianases, Ermelino Matarazzo e Itaquera (OLIVEIRA, 2012, p. 35-44). Com isso, uma série de negociações com a CDHU foram feitas para relocações das famílias, mas as propostas apresentavam-se insuficientes. Com o passar do tempo, os cerca de 800 domicílios assentados em União de Vila Nova aumentaram e, em 1995, o bairro já contava com quase 5000 casas; uma enchente, que ocorreu em 1995, alertou os órgãos públicos e fez

[1] Esses estudos foram elaborados pela Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê com a participação de Francisco Saturnino R. de Brito e tinham como um dos principais intuitos a canalização e retificação do rio no trecho que cruza a capital.

Figura 2 – Antigo curso do Rio Tietê



Fonte: ESP (2009 apud OLIVEIRA, 2012, p. 61). Modificado pelo autor com QGIS sob: Mapa Base Bing e Subprefeituras SMSP (2022). Acesso em 01 mai. 2022.

[2] O local é considerado como uma localização chave pelo autor do presente trabalho porque São Miguel, além de fazer divisa com Guarulhos, possui fácil acesso às rodovias Airton Senna e Presidente Dutra, facilitando o escoamento de mercadorias, principalmente das indústrias localizadas na região.

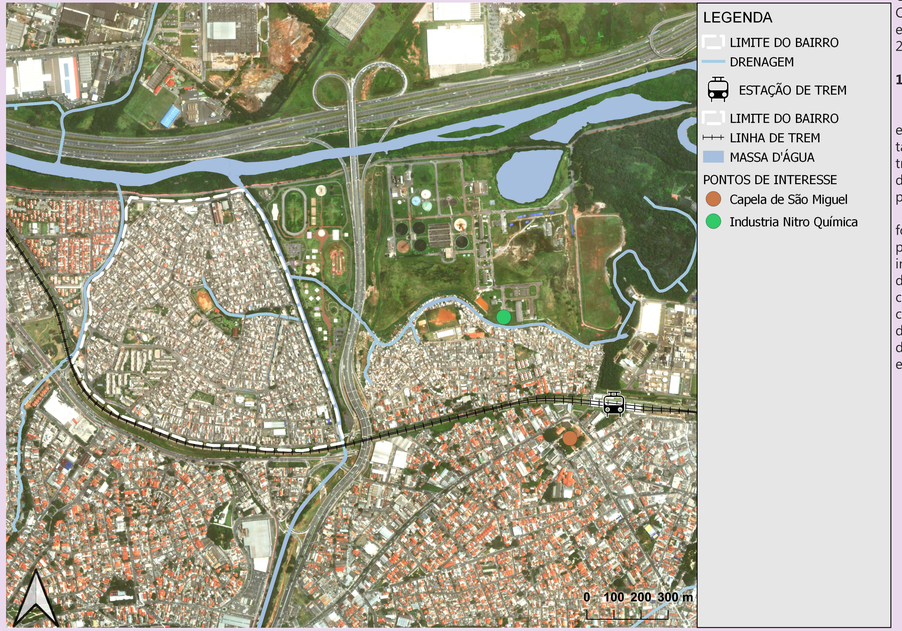
com que a CDHU promovesse a remoção de mais de 1000 famílias que viviam em áreas de inundação e risco. Após isso, o bairro passou por dois grandes projetos urbanos: o primeiro visava a revitalização urbana e recuperação ambiental e o segundo acrescentava a promoção do desenvolvimento humano, social e sustentável além da garantia ao atendimento habitacional (OLIVEIRA, 2012, p. 45-49 e 80).

Figura 3 – Capela de São Miguel na Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra

Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS sob: Mapa Base Bing e Subprefeituras SMSP (2022). Acesso em 01 mai. 2022.

A Figura 4 apresenta a delimitação do bairro de União de Vila Nova, a relação com as principais vias de mobilidades do entorno, a Marginal Tietê e a Linha Safira da CPTM que interliga Brás e Calmon Viana (Poá – SP), e a sua proximidade com os patrimônios tombados, a Capela de São Miguel Arcanjo e a Companhia Nitro Química, que foram importantes para a história da formação do bairro.

Figura 4 – Mapa com a localização do bairro de União de Vila Nova



Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS sob: Mapa Base Bing e Subprefeituras SMSP (2022). Acesso em 01 mai. 2022.

Nos noticiários, anualmente, o bairro de União de Vila Nova aparece com problemas de inundações no qual diversos moradores perdem seus pertences com as fortes chuvas de verão (ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2016). Outro motivo de notícia, é quando há reintegração de posse nos assentamentos que ocorrem em espaços ociosos do bairro, principalmente quando os próprios moradores, na luta por moradia, interditam a Marginal Tietê e a Linha do Trem da CPTM. Esses espaços ociosos, segundo a CDHU, são áreas de provisão para praças e equipamentos públicos (G1 SÃO PAULO, 2013).

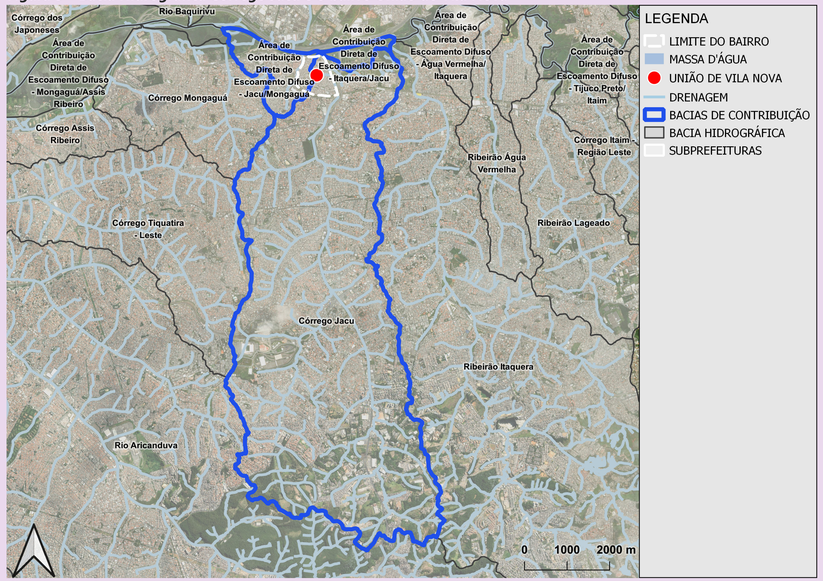
1.2. LEITURA E ANÁLISE DO LOCAL

Para a leitura e análise do local, foram elaborados diversos mapas que apresentam questões urbanas, sociais, de infraestrutura e habitação. Esse material servirá de base para o desenvolvimento das proposições projetuais.

Para o desenvolvimento dos mapas, foi utilizado o portal Geosampa, que compila dados georreferenciados de diversas instituições. Como a área total do bairro de União de Vila Nova demorou a ser incluída no município de São Paulo, algumas camadas com dados não foram levantadas pela prefeitura; dois exemplos desses dados incompletos é a Base Cartográfica e o mapa de Uso Predominante do Solo.

A Figura 5 apresenta a localização do bairro inserido junto com as sub-bacias hidrográficas que tem contribuição direta para o Rio Tietê. Nesse mapa, percebe-se que o bairro é uma foz e fica num ponto de confluência de três sub-bacias, a maior delas é a do Córrego Jacu (aproximadamente 40 km²), e as duas menores são áreas de contribuição direta de escoamento difuso Jacu/Mongaguá e Itaquera (ambas com aproximadamente 1 km²). A origem de forma precarizada do assentamento do bairro junto com a localização dele pode ser uma das explicações para os problemas com enchentes que o bairro sofre anualmente.

Figura 5 – Bacia Hidrográfica Córrego Jacu e o bairro União de Vila Nova



Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS sob: Mapa Base Bing (2022) e Hidrografia por Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica – FCHT – e Secretaria de Desenvolvimento Urbano – SMUL (2021). Acesso em 01 mai. 2022.

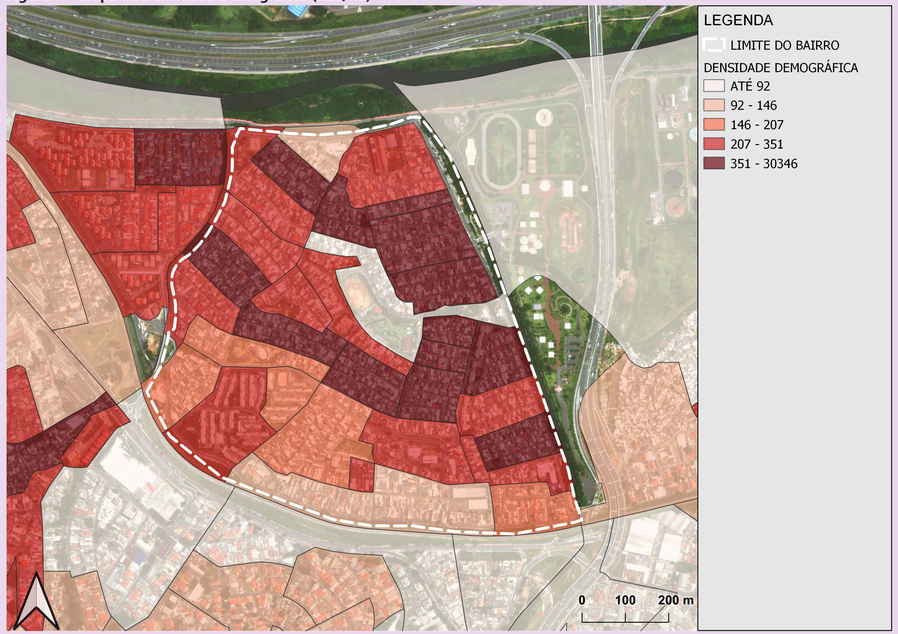
A Figura 6 apresenta a ampliação do bairro e as sub-bacias, junto às massas d´águas. É possível observar como o bairro está localizado em relação as sub-bacias estando em área entre foz entre córregos, aspecto que reflete nas inundações recorrentes.

Figura 6 – União de Vila Nova com Bacias Hidrográficas e Massas D'água

Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS sob: Mapa Base Bing (2022) e Hidrografia por Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica – FCHT – e Secretaria de Desenvolvimento Urbano – SMUL (2021). Acesso em 01 mai. 2022.

A Figura 7 pode se observar que a densidade demográfica do bairro é, em a sua maioria, muito alta e média alta e distribuída de forma relativamente uniforme.

Figura 7 – Mapa de Densidade Demográfica (hab/ha)

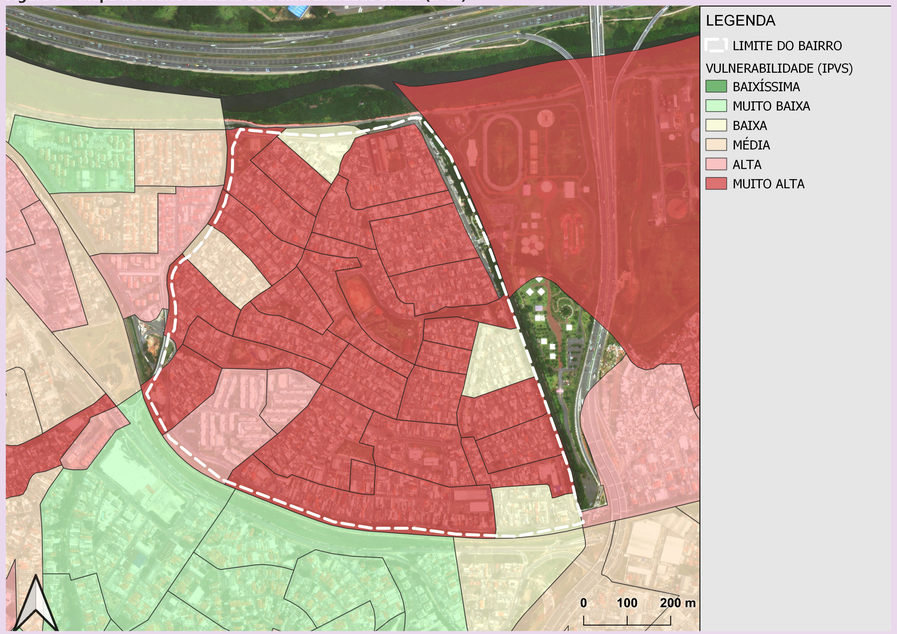


Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS sob: Mapa Base Bing (2022) e Hidrografia por Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica – FCHT – e Secretaria de Desenvolvimento Urbano – SMUL (2021). Acesso em 01 mai. 2022.

A Figura 8 apresenta o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS), no qual o território é classificado em 6 grupos de vulnerabilidade (da baixíssima até muito alta) e são levados em consideração dados socioeconômicos e demográficos para representar as condições de vida da população. Em União de Vila Nova os setores censitários em sua maioria são de vulnerabilidade muito alta.

–

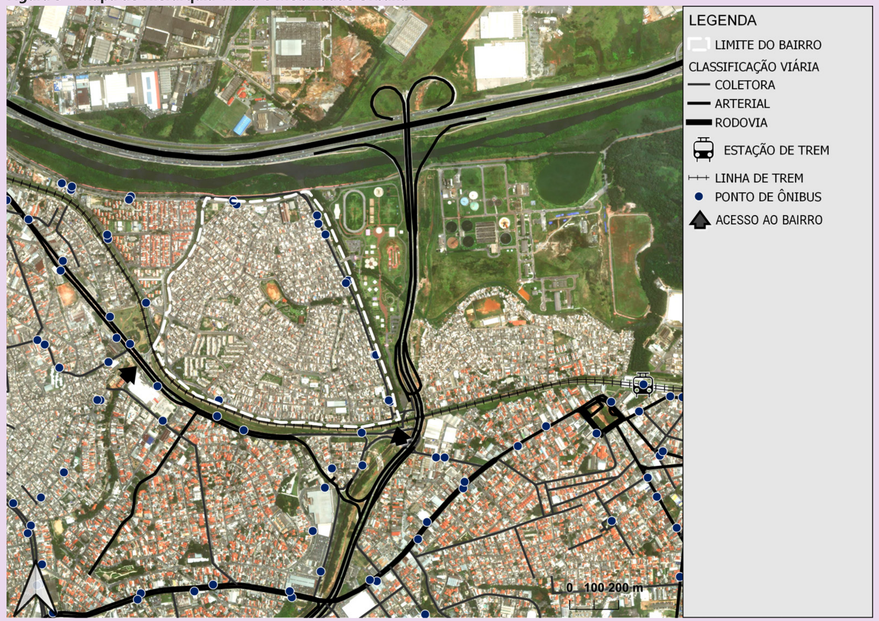
Figura 8 – Mapa de Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS)



Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS sob: Mapa Base Bing (2022) e Hidrografia por Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica – FCHT – e Secretaria de Desenvolvimento Urbano – SMUL (2021). Acesso em 01 mai. 2022.

União de Vila Nova possui atendimento de duas linhas de ônibus, como apresenta a Figura 9, uma delas tem como destino a estação do Metrô Itaquera, e a segunda leva os moradores da região para o Terminal Parque Dom Pedro II no centro de São Paulo. Também é possível observar como o bairro fica circunscrito entre a Marginal Tietê e a Linha de Trem Safira da CPTM (Brás-Calmon Viana). O bairro possui fácil acesso a Av. Jacu Pêssego que interliga a região de Itaquera com a Marginal Tietê. Indicados pelas setas, o bairro também possui dois acessos principais, um pela Rua Catléias, que passa por debaixo da linha do trem e outro pelo Viaduto Vila Jacuí, que passar por cima da linha.

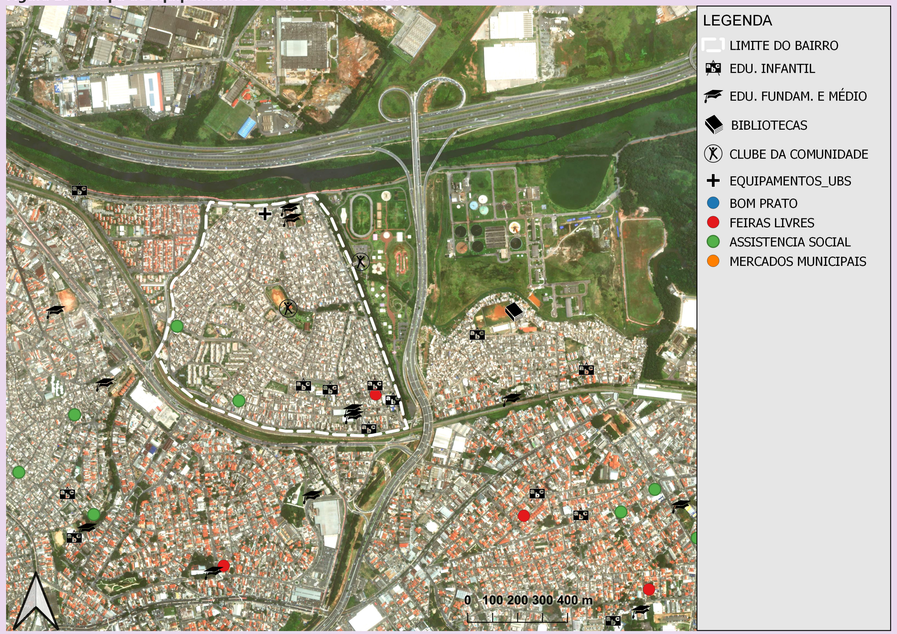
Figura 9 – Mapa de Hierarquia Viária e Mobilidade Urbana



Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS sob: Mapa Base Bing, Estação e Linhas de Trens por Secretaria Municipal de Transportes – SMT – e Companhia de Trens Metropolitanos (2021), Ponto e Linhas de Ônibus por SPTrans (2019) e Classificação Viária por CET (2019). Acesso em 01 mai. 2022.

Na Figura 10 é possível observar que o bairro possui dois equipamentos de lazer, um no núcleo do bairro, implantado no segundo plano urbano e o outro localizado de forma adjacente ao bairro do outro lado do Córrego Jacu. O bairro também possui duas escolas de ensino fundamental, duas de ensino fundamental e médio (uma delas possui ensino técnico em parceria com o Centro Paula Souza), uma de educação infantil, além de equipamentos voltados à saúde (Posto UBS) e a assistência social com atividades para crianças, adolescentes e idosos. O bairro também possui equipamentos culturais que serão descritos posteriormente nas parte de Aproximações Iniciais do Capitulo 6 – Proposta Projetual.

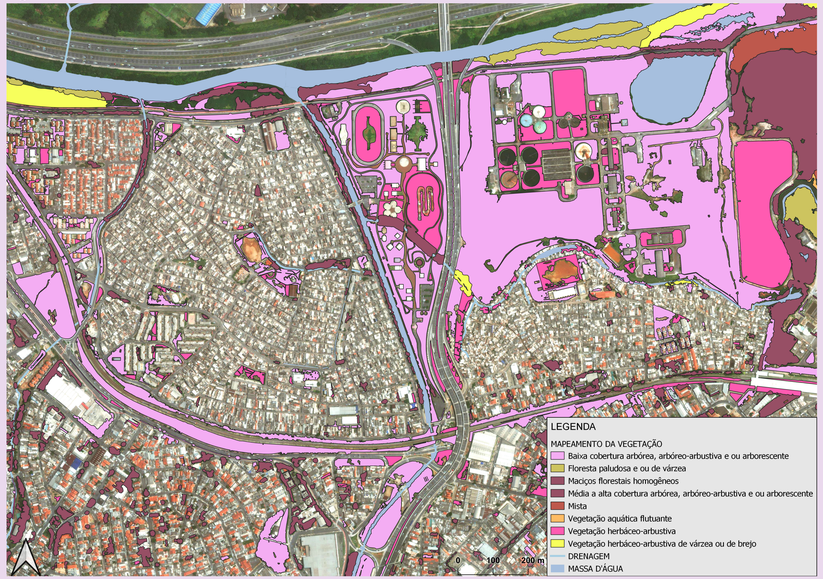
Figura 10 – Mapa de Equipamentos e Pontos de Interesse



Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS . Acesso em 01 mai. 2022.

A Figura 11 apresenta o mapa de cobertura vegetal e remanescentes de bioma de Mata Atlântica. Nesse mapa a cobertura vegetal é pouca e acontece de forma espaçada no território, exceto nos dois parques citados anteriormente. Os remanescentes de bioma estão na várzea do Rio Tiete e fora do bairro. A predominância da cobertura vegetal tem duas características principais: baixa cobertura arbóreo-arbustiva em pontos espaçados no bairro e alta cobertura arbóreo-arbustiva adjacentes ao leito dos córregos que foram implantadas no segundo projeto urbano feito no bairro.

Figura 11 – Mapa de Cobertura Vegetal e Remanescentes de Bioma



Fonte: Elaborado pelo autor com QGIS[3] sob: Mapa Base Bing e Cobertura Vegetal por Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente (2020). Acesso em 01 mai. 2022.

[3] As seguintes bases foram utilizadas para a elaboração do mapa: sob: Mapa Base Bing, Assistência Social por Sec. Mun. de Assistência e Desenvolvimento Social – SMADS (2018), Esporte e Cultura por Sec. Mun. de Desenvolvimento Urbano – SMUD (2018), Abastecimento por Sec. de Desenvolvimento Social do Est. de São Paulo (2018) e Coord. de Segurança Alimentar e Nutricional – Sec. Mun. de Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo (2018), Educação por Sec. Mun. de Educação e SMUL com base nos dados da Sec. da Educação do Est. de São Paulo e do Minist. da Educação (2018) e Saúde por Sec. Mun. de Saúde (SMS)/ Coordenação de Epidemiologia e Informação(Ceinfo) e Sec. Estadual de Saúde (SES). Acesso em 01 mai. 2022.

2. FUNK:
OS EVENTOS E A CONTEXTUALIZAÇÃO NA PERIFERIA

É necessário contextualizar o que é o funk, como ele surgiu e quais as suas manifestações culturais que surgem a partir desse gênero musical. Os textos que seguem buscam compreender essas questões, passando pela sua origem no Rio de Janeiro, a chegada em São Paulo e suas problemáticas e potencialidades intrínsecas às cidades.

Figura 12 – Baile da Serra em Minas Gerais

Fonte: Página Baile Funk da Serra no portal UFMG (s.d.). Acesso em 12 de ago. 2022.

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO: O QUE É E COMO SURGIU O FUNK

Atualmente o funk alcança grande relevância no cenário da música brasileira, aparecendo em diversas mídias, mas desde a sua origem até os tempos atuais a trajetória do gênero nem sempre foi prestigiada em relação aos ouvintes e produtores, independente do porte da produção, dos níveis de correntes mais convencionais ou menores na indústria musical (TEIXEIRA, 2019, p. 2783).

O funk no Brasil tem como origem a importação, transformação e disseminação do Miami bass que é uma derivação do hip hop nos Estados Unidos da América (EUA), para um gênero musical completamente novo (LOPES, 2010, p. 26). Em meados dos anos 1970 o hip hop nos EUA foi um gênero musical que mixava todos os estilos da black music norte americana (soul, funk, entre outros) inicialmente desenvolvido por uma minoria étnica com letras que reafirmavam sua cultura, criavam estética única ao se vestir e dançar e que, no seu ápice, alcançava as grandes massas de consumo. Nesse momento, os ritmos e batidas comandados pelos DJ's dos bailes de funk norte americano eram reduzidos a bateria, scratch[4] e letra/voz, tornando o ritmo do hip hop mais similar ao funk brasileiro importado (VIANNA, 1987, p. 45-48).

Figura 13 – Baile "soul" nos anos 1970 no Rio de Janeiro

Fonte: Almir Veiga, Portal Geledés (s.d.). Acesso em 12 de ago. 2022.

Nesse primeiro momento de assimilação do hip hop, entre os anos 1970 e 1980, os bailes[5] funks brasileiros se resumiam aos DJ's, responsáveis pelas músicas e sua mixagem, e os frequentadores[6] da festa. Lopes (2010, p. 28) afirmam que esse é um período de territorialização do Hip Hop como elemento da cultura diaspórica negra conformando o funk como um gênero musical novo. Já no final dos anos 1980 era possível encontrar mais de 700 bailes espalhados pela cidade do Rio de Janeiro segundo a reportagem do jornal Folha de São Paulo (1988) e, segundo o levantamento etnográfico do antropólogo Vianna (1987, p. 51-66), nota-se o caráter auto-organizacional na produção das músicas e principalmente dos bailes funk, tornando o baile a prática cultural que compõe o universo funk e é responsável também pelas dinâmicas e experiências territoriais (TEIXEIRA, 2019, p.2785).

Por volta do ano 1986, o discurso do orgulho e união dos negros nos bailes foi enfraquecendo enquanto a festa tornava-se um local que as pessoas procuravam para dançar e se divertir. Nesse movimento existia uma separação entre o hip hop / funk

[4] Técnica musical de arranhar a agulha do toca-discos no vinil

[5] No decorrer do trabalho, será utilizado o termo "baile" para caracterizar os eventos promovidos pelo funk como as festas e bailes em casas de show, os pancadões e os fluxos para melhor fluidez da leitura, salvo quando especificado na própria sentença.

[6] Teixeira (2019) denomina os frequentadores da festa de "dançarinos" com base no estudo etnográfico do trabalho de Vianna (1987) no qual os frequentadores em sua maioria procuravam as festas para dançar. Neste trabalho, denomina-se como frequentadores da festa para que não seja feita confusão sobre a existência de uma equipe contratada de dançarinos.

como música para negros na Zona Norte, região mais periférica do Rio de Janeiro, e o rock para brancos na Zona Zul, região mais central, apesar de que nos momentos de ascensão desses gêneros musicais, essa dinâmica territorial tenha trocado de posição e em até certas partes, se não apropriação, uma certa assimilação entre os gêneros e personagens de cada região (VIANNA, 1987).

Num segundo momento, a partir dos anos 1990, o funk é dissociado das raízes do hip hop, com bases musicais próprias e letras em português, e os MC's (Mestres de Cerimônias) tornam-se os personagens principais diferente dos DJ's e dançarinos no primeiro momento. Para Teixeira (2019, p. 2785-2786) nesta mudança "se amplificam as possibilidades de construção de representações socioespaciais e significado acerca dos imaginários urbanos das favelas em sua relação com o conjunto da cidade".

Teixeira (ibid, p. 2786-2789), baseia então suas análises sobre as territorialidades na teoria da Diáspora Negra de Stuart Hall e Paul Gilroy para elencar que além das bases sólidas e clara das raízes históricas elas também são práticas estéticas e políticas capazes de criar formas artísticas e culturais de afirmação de identidades plurais e que, apesar da subalternidade que os sujeitos do funk estão submetidos, a análise focada apenas na lógica da ausência ou carência deixam de lado inúmeras positividades e potencialidades das favelas existentes. Para exemplificar, o autor analisa a letra do "Rap da Felicidade" dos MC's Cidinho & Doca nos versos:

> "Eu só quero é ser feliz
> Andar tranquilamente na favela em que eu nasci
> É, e poder me orgulhar
> de ter a consciência que o pobre tem seu lugar"

O lugar do sujeito na música é o território de vivências, potências e afetividades humanas apesar das adversidades da favela, inclusive essas adversidades são citadas no restante da música. Já na letra da música "Endereço dos Bailes" dos MC's Júnior e Leonardo é possível encontrar um circuito urbano como leitura de um espaço socialmente construído de como a favela exerce poder central dentro do imaginário e identidade urbana; segue a letra:

> "No Rio tem mulata e futebol,
> Cerveja, chopp gelado, muita praia e muito sol, é...
> Tem muito samba, Fla-Flu no Maracanã,
> Mas também tem muito funk rolando até de manhã
> Vamos juntar o mulão e botar o pé no baile Dj
> É é é ah! Peço paz para agitar,
> Eu agora vou falar o que você quer escutar
> É é é é! Se liga que eu quero ver
> O endereço dos bailes eu vou falar pra você
> É que de sexta a domingo na Rocinha o morro...".

A música "Endereço do baile" faz com que a dupla de MC's Júnior e Leonardo assinassem um contrato com a gravadora Sony, além dela ser a primeira a ter um videoclipe do gênero musical, fazendo com que a difusão do funk fosse ampliada para a região sul do Rio de Janeiro e alavancada em nível global, participando de diversas rádios e mídias (TEIXEIRA, 2019).

A partir dos anos 2000, o desenvolvimento da internet, as mudanças econômicas aliadas à alta geração de empregos e a implantação dos programas sociais, como o Bolsa Família, formaram uma conjuntura que deu força ao desenvolvimento do funk. Ao mesmo tempo que o funk crescia, o preconceito que associava o funk à criminalidade aumentava, culminando até na criminalização de bailes funk no Rio de Janeiro (ARNOLDT, 2019, p. 23).

A chegada do funk no estado de São Paulo começa em 1995 pela Baixada Santista segundo o DJ Baphafinha em entrevista ao documentário "Funk Ostentação" dirigido e produzido pelo empresário e produtor de funk Marcelo Fernandes (2013). Essa informação também é confirmada pelo artigo de 2019 intitulado "30 anos do funk: confira o panorama de um dos ritmos preferidos do Brasil", escrito por Adriana Izel para o Correio Brasiliense. As primeiras influências do funk no estado de São Paulo se dão pela Baixada Santista e alguns fatores que auxiliaram nesse processo são as similaridades geofísicas e sociológicas com o Rio de Janeiro, principalmente pela expulsão dos mais pobres das planícies urbanas e os assentamentos em morros e locais sem infraestruturas urbanas (ADJE, 2021, p. 62-64). Então o funk vem do Rio de Janeiro, passa pela Baixada Santista e chega na Capital Paulista, só que durante esse processo, como na capital o movimento hip hop já era estabelecido, o funk passa por um momento de adaptação para ter letras mais conscientes, inspiradas em rappers como o grupo Racionais MC's, com o intuído de alertar sobre as questões sociais envolvendo as periferias. Dessa forma, mesmo com territorialidades em comum, o funk produzido na capital paulista segue um caminho diferente do funk da baixada santista que se assemelha mais com o funk carioca, no estilo "proibidão" com letras de tendencias sexuais e posteriormente no estilo "ostentação".

Figura 14 – MC Guimê, símbolo do Funk Ostentação

Fonte: MC Guimê, YouTube (2019).

[7] Lei que "Dispõe sobre a realização de bailes tipo funk no território do Estado Do Rio De Janeiro e dá outras providências". Disponível em: https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/90613/lei-3410-00. Acesso: 03/04/2022.

Atualmente o funk passa por um processo histórico parecido ao que o samba passou nos anos 1930. Naquela época, andar com um pandeiro na rua ou frequentar uma roda de samba era o suficiente para apanhar e ser levado pelas autoridades. Essa repressão também é presente nos bailes funk espalhados pelas periferias da cidade de São Paulo, como reporta Gil Alessi na matéria intitulada "Do samba ao funk, o Brasil que reprime manifestações culturais de origem negra e periférica" ao jornal El País Brasil (2019) a ação da Polícia Militar na festa conhecida por DZ7, em Paraisópolis, que terminou com nove jovens mortos pisoteados depois de serem encurralados pela tropa.

Uma forma que a gestão do município de São Paulo lida atualmente com a questão do baile funk é a regularização da festa por meio de um projeto chamado "Funk Da Hora" que organiza equipes a apresentações e delimita local e hora, além de oferecer uma infraestrutura mínima para o evento. Os eventos contam também com mesas de conversa sobre a descriminalização do ritmo (SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO, 2019). Esse projeto tem origem na gestão do ex-prefeito Fernando Haddad, entre 2013 a 2016, que tinha como objetivo conciliar o direito à diversão e à cultura e o direito ao descanso da comunidade, uma vez que o baile é uma opção barata e de fácil acesso ao lazer, ao entretenimento e à cultura para os jovens das comunidades (MARTINS, 2015).

Em entrevista ao jornalista Renato Martins no portal Funk Na Caixa em 2015, o então diretor do Gabinete de Diretrizes Especiais da Secretaria de Turismo, Antônio da Silva Pinto, ao ser perguntado sobre as dificuldades de aproximação com o público do projeto que tenta regularizar os bailes funk, responde que que é difícil o poder público se aproximar de sociedades excluídas e continua:

> Mas eu tive mais dificuldades na sociedade incluída do que na excluída. Preconceito foi uma das principais dificuldades. Quando a gente dialoga com os outros poderes, que são importantes na construção dessa atividade, muitas vezes nós tivemos que fazer um processo de sedução de diálogo, de entender. Pra você ter uma ideia, a presidência da SPTURIS recebeu uma ligação de uma cidadã que estava indignada com a ideia de o poder público, fosse dialogar, pensar e discutir essa questão do funk. Não entender que durante oito anos, a única política que o estado desenvolveu pra essa questão foi a repressão, bala de borracha, gás de pimenta...a única política pública era a repressão. E ela não resolveu (e nem vai resolver). Além de errada, é ineficiente.

Segundo o levantamento feito por Rossi e Brito à TV Globo (2016) em 2015 a Zona Leste de São Paulo teve ao menos 24 assassinatos em bailes funk, cinco deles foram em União de Vila Nova. A Polícia Militar não identifica a natureza dos assassinatos, mas em entrevista a TV Globo, o MC Malvado, um dos organizadores dos eventos à época, explica a dinâmica dos bailes, reforça o desconhecimento sobre a origem das mortes e faz um paralelo entre classes sociais:

> Os caras param com o carrão do lado, liga o som e a gente vai tumultuando, porque a gente não tem espaço pra ir pra outro lugar, então a gente faz por aqui mesmo, que é a nossa comunidade.[...] [Sobre a morte de um rapaz assassinado a tiros aleatoriamente no baile e sem explicação] Até acabou um pouco o nosso fluxo, nós ficamos desgostosos. O funk é uma classe C, classe baixa, então no funk a gente é da comunidade, tem ali um cara que passa uma droga, que faz um movimento, ele vai colar no fluxo. Mas você também há de convir comigo porque na periferia tem o cara que passa uma droga, mas lá em Alphaville também tem o cara q passa uma droga"

2.2. QUESTÕES SOCIAIS NO FUNK E OSTENTAÇÃO

Antes da ascensão dos gêneros musicais de origem negra e periférica nos EUA, aquilo que era pejorativo significava funky, que era um termo originalmente associado a algo estranho ou ofensivo. Após o sucesso e expansão do soul (estilo que casava o rhythym and blue com o gospel), funky recebe um significado completamente diferente passando a ser símbolo do orgulho negro. Como exemplo, James Brown, precursor do soul, cantava a seguinte música em 1986 "Say it Loud – I'm Black and I'm Pround" que me português significa "Diga alto – Sou negro e tenho orgulho". O termo funky começou a definir roupas, bairros, comportamentos e formas de tocar música (VIANNA, 1987, p.45-46).

No Brasil, a identificação com o discurso do orgulho negro foi se perdendo e os frequentadores do baile começaram a procurar o evento para se divertir. Um dos motivos para isso acontecer é o processo de criação de músicas em português que traziam as temáticas da cultura brasileira. As músicas hip hop importadas dos EUA e recriadas em formas de "melôs", onde a música "You talk too much" do grupo Run D.M.C. se tornou "Melô do Toca Tomate" ou a música "Sure Shot" do grupo Crown Heights Affair ficou como "Melô da Xoxota", mantendo-se a base musical, mas com letras mais animadas/cantadas e com menos discurso. Um exemplo de como o baile era um momento de lazer e descontração, foi quando na Copa do Mundo de 1982 a festa organizada pelo Furacão 2000 , que já acontecia ãos finais de semana, ocorreu normalmente mesmo com a derrota da partida Brasil x Itália que tirou o Brasil do campeonato (BEZERRA & REGINATO, 2017, p. 36 e 51).

Vianna (1987, p. 128) em seu estudo etnográfico sobre o baile funk carioca conclui que:

> A festa serve para tudo. A idéia de que os diferentes grupos sociais, ao festejar, estão construindo e/ou vivenciando suas utopias é bastante difundida. Mas podemos acrescentar: observadores de tendências e procedências as mais diversas também encontram na festa a tela perfeita para a projeção de suas idéias sobre a felicidade humana.

Além do papel no lazer e diversão, o funk também possui um lado social muito forte, como observa o DJ Marlboro em entrevista para Adriana Izel (2019) no Correio Brasiliense; segundo o DJ "é muito o dia a dia, ele dá oportunidade aos excluídos, tem todo um papel importante social". Na mesma matéria, o DJ Rennan da Penha, acusado de associação ao tráfico por comandar o Baile da Gaiola, critica o preconceito que o gênero sofre; segundo ele o funk sempre será criticado por ser da favela, mas a depender dele o funk nunca vai acabar "vai só prosperar. As pessoas não entendem o que o funk faz pelos favelados [...]. Você hoje vê a meninada querendo virar DJ. Ele pode estar produzindo funk hoje e amanhã ser DJ de um grande artista".

A partir dos anos 2000, durante a expansão cultural do funk carioca, o funk passa a ter um caráter mais sensual e com maior participação das mulheres em sua produção. É nesse período também que ocorre o processo de estigmatização do funk, que contribui, paradoxalmente, em um processo de glamorização dessa prática música como explica Herschmann (2005, apud LOPES, 2010, p. 46) onde "o mesmo discurso que criminaliza é aquele que exalta". Esse processo de estigmatização acompanha uma série de escândalos lançados pela mídia corporativa, como por exemplo gravidez precoce, prostituição de menores, associação com tráfico, disseminação de IST's entre jovens e a morte de Tim Lopes jornalista da Rede Globo. Esses processos acabam criando uma classificação entre "funk do bem" e "funk do mal" – subgênero "proibidão" – onde funkeiros, artistas e jogadores de futebol são criminalizados por produzir/consumir funk ou participar de bailes (LOPES, 2010, p. 45-57).

Já em São Paulo, o funk paulista foi ajustado aos contextos sociais e econômicos da cidade. Os habitantes de zonas marginalizadas pelas autoridades paulistanas que não possuem oferta urbana de lazer, acabam criando e alavancando essa subcultura urbana – a do funk – que faz com que as pessoas expandam sua vida privada e entrem em contato com a vizinhança criando um vínculo social que também ocorre no funk carioca apesar da letra da música às vezes trabalhar diferentes temáticas em relação ao funk paulista (ADJE, 2021, p. 119).

Dentro das temáticas do funk, existem alguns subgêneros com aspectos sociais e formas de expressão identitárias que apresentam nuances entre si, alguns deles são: ostentação, proibidão, ousadia, melody, Funk 150 BPM etc. O funk ostentação, que surgiu na Baixada Santista e se espalhou na cidade de São Paulo, carrega em si o orgulho em consumir artigos de luxos que vão de vestuários como óculos, colares, roupas e tênis para carros e motos e até mulheres que são apresentadas como

[8] O Furacão 2000 é uma equipe de som, criada por Gilberto Guarany em 1972, que atuava no ramo de festas e assumiu alguns bailes funks na época. Com o tempo ela começou a produzir e gravar músicas alcançando sucesso internacional e lançando diversos nomes de sucesso no funk. A origem do nome vem da potência do equipamento de som utilizado em um evento organizado no palácio Quitandinha, localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro, quando o então presidente general Emílio Garrastazu Médici ficou impressionado com a altura do som de uma música erudita que tocava e soltou a expressão "isso é um furacão de 2000 Watts!" (BEZERRA; REGINATO, 2017, p. 27-28).

óculos, colares, roupas e tênis para carros e motos e até mulheres que são apresentadas como objetos ostentativos. O primeiro fato que influenciou na criação do subgênero ostentação foram as políticas que aumentaram a renda e o acesso ao crédito dos anos 2000 às populações marginalizadas aumentando sua renda e que, de certa maneira, proporcionou ao funkeiro o sentimento de significar e pertencer na sociedade. O segundo fator que impulsionou a criação do funk ostentação tem uma influência urbana na Baixada Santista como sintetiza Adje (2021, p. 72-73), que explica também o fenômeno dos "rolezinhos":

> As populações das favelas destes espaços urbanos que não tinham dinheiro para frequentar os espaços públicos de consumo como os shoppings, começaram a frequentar esses lugares urbanos de consumo. [...] Cada fim de semana, ela se torna o lugar privilegiado dos turistas da capital paulista. Por causa disso, o acesso aos espaços urbanos de turismo nestas cidades se tornou muito caro, isso impedia as populações das favelas das cidades da Baixada de frequentar esses espaços. Essas populações, que se sentiam excluídas do turismo local por causa de falta de dinheiro, começaram a frequentar os espaços privados de turismo de luxo das cidades da Baixada Santista. É neste contexto que foi criada a vertente ostentação do funk paulista nas favelas ou nas comunidades das cidades da Baixada Santista. [...] os funkeiros da Baixada Santista, sobretudo de Santos, morando nas periferias ou nos subúrbios, decidiram se vestir bem para apresentar uma boa aparência na sociedade para atrair outras pessoas sobretudo as mulheres e meninas como os jovens de famílias ricas, chamados de playbozada o fazem. Isso implica a compra de roupas, de bens para além de bem se vestir. Para fazer isso, é preciso ter o dinheiro e a possibilidade de encontrar os produtos procurados para eles e eles deviam sair do seu ambiente urbano segregado de periferias para um outro ambiente urbano onde tinham esses produtos. Foi com essas ideias que foi criada a vertente ostentação do funk paulista.

2.3. A DINÂMICA DOS BAILES

Devido à falta de material sobre o programa de necessidades relacionado aos bailes funk, o autor do presente trabalho pesquisou referências diversas e participou de um baile funk a fim de elucidar possíveis necessidades espaciais contemporâneas dos eventos e seus agentes envolvidos.

Segundo o estudo etnográfico de Vianna (1987), que aborda o começo do movimento nos anos 1970 até 1987 no Rio de Janeiro, os bailes funk ocorrem geralmente a noite e aos finais de semana em casas de show, inicialmente com a presença dos DJ's e posteriormente com os MC's, além dos frequentadores dos bailes que eram denominados dançarinos pela forte presença da performance na pista de dança. Geralmente os DJ's e MC's eram os responsáveis pela divulgação dos bailes e a coordenação das equipes que cuidavam da organização e aparelhagem de som. Os bailes aconteciam também em maior parte nas regiões periféricas, facilitando o acesso aos moradores das comunidades que compunham também boa parte dos frequentadores. Esse movimento ocorre em um momento em que a prin-

cipal forma de consumo do funk era pela rádio. A mudança, da mídia física para as plataformas digitais, na forma do consumo do funk alterou também o espaço onde o movimento ocorre.

A partir de comentários de Vianna (1987), Teixeira (2019), Lopes (2010) e Martins (2017) subentende-se que com o passar do tempo, o fenômeno urbano que se dá pelo consumo do funk é mais espontâneo, auto-organizacional e não ocorre somente em um lugar fechado. A troca de ambiente facilita o acesso ao funk uma vez que antes os frequentadores dos bailes em casas de show pagavam por um cache, aparelhagem, serviços, infraestrutura etc. Agora os bailes são também os pancadões e os fluxos que ocorrem em ruas nas periferias e, esporadicamente, esses movimentos ocorrem até nos parques e shopping center em forma de rolezinho (organizado majoritariamente por jovens que querem ostentar suas roupas e acessórios).

Como apresenta a matéria do Fantástico (2019) sobre os pancadões transmitida pela Rede Globo, os fluxos e pancadões são as festas de rua que acontecem de forma espontânea e não possuem um palco definindo o que será tocado pois cada frequentador pode levar seu aparelho de som ou os paredões (grandes equipamentos de som acoplados em carros). O movimento de pessoas fortalece a economia a economia local, mas ela traz consigo alguns problemas em relação ao barulho incomodando a vizinhança, impossibilidade de trânsito de carros e geração de resíduos.

Partindo da ótica da gestão pública em relação aos bailes funks, os projetos que tentam regularizar os bailes oferecem uma série de elementos que se assemelham aos primeiros bailes dentro de um espaço definido, além da delimitação nos horários. Durante a gestão Dória-Covas entre 2017 e 2019, a demora no desenvolvimento de um modelo para o programa de gestão dos bailes funks atrapalhou o calendário de eventos que estavam sendo organizados pelas próprias lideranças das comunidades. Na fala de Fabio Nego, umas das lideranças da Zona Norte de São Paulo, em entrevista a Renato Martins do portal Kondzilla (2017), é possível observar alguns elementos que ajudam a compor o programa de necessidades dos bailes:

> Fábio Nego, 39, acredita que a falta deste "modelo" prejudicou o calendário. "A prefeitura pediu pra gente um calendário anual, a gente foi lá e fez, com locais apropriados, que sanasse os fluxos. E acabou que caiu por terra, porque a gente foi lá, fez o compromisso com a comunidade, e a prefeitura foi muito morosa na questão do que ela prometeu pra gente, que era o que: palco, som, iluminação, banheiro químico, subsidiar o evento para que ele fluísse com segurança, e tudo aquilo que eles estão pedindo, como horário específico".

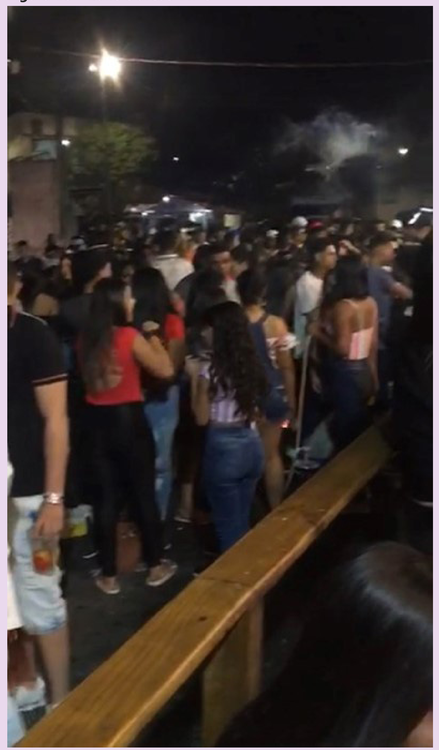
A partir de uma visita a um dos bailes que o autor do presente trabalho participou e conversas com frequentadores dos bailes e comerciantes da região, foi elaborado uma lista sobre a dinâmica, os elementos e características que constituem o baile e dão suporte ao mesmo. Seguindo certa ordem cronológica dos fatos, apresenta-se a lista abaixo:

- O baile ocorre de forma autônoma aos sábados, a partir das 23h, e ao ar livre na rua sendo composto pelos frequentadores, comércios (restaurantes e adegas/bares), paredões de música e ostentação de carros e motos;
- A maioria das pessoas que frequentam são moradores da região, inclusive brigas e roubos que eventualmente ocorrem são atribuídos a frequentadores que vem de outras regiões. As pessoas vão ao baile a pé, carregando bebidas e narguilés;
- As bebidas e narguilés também são objetos de ostentação, as adegas/bares distribuem mesas quer servem de apoio aos objetos;
- As adegas e bares são os elementos imã onde ocorre as primeiras concentrações de pessoas;
- Pela característica autônoma e auto organizacional, as adegas onde há a maior concentração de pessoas aumentam de porte e criam áreas VIP's nas ruas e coberturas das edificações (ver Figura 16);
- Após a 00h a circulação de carros e motos diminui pela grande concentração de pessoas, nesses momentos, os carros e paredões fecham as vias criando um certo perímetro do baile (ver Figura 15);
- Nas ruas adjacentes ao baile, é comum ver casas quem abrem seu quintal e se transformam em adegas separadas da rua apenas pelo gradil;
- No baile, o som é muito alto devido às adegas e paredões, mas nas ruas adjacentes o som diminui consideravelmente (aferido por percepção subjetiva sem equipamento);
- Em União de Vila Nova, em ruas adjacentes ao baile, é comum ver bares abertos com pequena concentração de pessoas ouvindo forro/sertanejo;
- O consumo de maconha é perceptível no baile, mas na região periférica da área de concentração das pessoas, principalmente em terrenos baldios, o consumo é maior;
- O baile eventualmente é disperso pela polícia;
- Num processo longo os fluxos mudam de lugar, isso ocorre porque as pessoas procuram novas adegas para irem quando percebem que o local onde elas frequentam está saturado. Isso não caracteriza grande prejuízo para os comerciantes, já que eles podem ficar abertos durante a madrugada, com movimento menor de pessoas, mas ficam abertos também durante o dia, atendendo outro tipo de público;
- Há também bailes que ocorrem aos domingos, começam às 12h e terminam por volta das 20h. Outros começam quinta-feira à noite e terminam segunda-feira de manhã.

Figura 15 – Delimitação de espaço criada pelos veículos

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 16 – Baile e áreas VIP's



Fonte: Acervo pessoal (2022)

2.4.LEVANTAMENTO DOS BAILES EM UNIÃO DE VILA NOVA

A Figura 17 apresenta a localização dos fluxos/bailes funks no bairro em estudo, levantado pelo autor com visita no local e entrevista com participantes.

Figura 17 – Localização dos bailes funk em União de Vila Nova

Fonte: Elaborado pelo autor com base em: SMUL/GEOINFO (quadra viária), FCHT/ SMUL (drenagem) e SMT/CPTM (linha de trem).
Acesso em 17 abr 2022.

3. ESPAÇOS LIVRES *NO* DIREITO À CIDADE

Pretende-se abordar neste capítulo o papel das manifestações culturais, que ocorrem nos espaços livres urbanos, no direito à cidade.

3.1. ESPAÇOS LIVRES URBANOS

Antes de caracterizar o Espaço Livre Urbano para entender sua problematização dentro do Direito à Cidade, é necessário entender qual a sua conceituação geográfica e propostas de análises elaborado por Milton Santos e outros estudiosos do meio urbano.

Para Milton Santos (2006, p. 36) "o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá". Nessa teoria, o espaço deixa de ser um elemento de análise à parte e integra-se às mesmas instâncias da economia, cultura, ideologia e política.

Queiroga e Benfatti (2007, p. 82-85) reúnem um referencial teórico que serve como fundamento para a caracterização e análise dos sistemas de espaços livres utilizando como ponto de partida as teorias de Milton Santos. Esse referencial é baseado no lugar, na paisagem e na esfera de vida pública, a fim de mostrar como o espaço livre é agente dentro do sistema de objetos e sistema de ações que caracteriza o espaço em sua totalidade.

Para Queiroga e Benfatti (2007, p. 85) os espaços públicos são todos os lugares onde ocorrem ações da esfera de vida pública, não apenas de propriedade pública (equipamentos públicos, ruas, praças, parques etc.), mas também de propriedade privada (padaria, boteco, templo religioso, estádio de futebol).

Nesse sentido, os espaços livres urbanos são definidos por Magnoli (1982 apud QUEIROGA & BENFATTI, 2007, p. 86) como todos os espaços livres de edificação como quintais, jardins públicos ou privados, ruas, parques, rios, mangues, praias urbanas etc., extrapolando a jardinagem e sendo, portanto, objeto de interesse da área de paisagismo.

Sobre as relações existentes nos espaços livres urbanos e os papéis que eles possuem, Queiroga e Benfatti (2007, p. 86) acrescenta:

> Os espaços livres urbanos formam um sistema, apresentando, sobretudo, relações de *conectividade, complementaridade e hierarquia.* Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a *circulação, a drenagem, atividades do ócio, convívio público, marcos referenciais, memória, conforto e conservação ambiental,* etc. (grifo do autor)

3.2. DIREITO À CIDADE

O filósofo e sociólogo Henri Lefebvre foi o precursor da teoria do direito à cidade. Sua obra voltada ao tema é feita principalmente a partir de dois livros: o Direito a Cidade (1968) e a Revolução Urbana (1970). Sua construção do direito à cidade começa em 1940 com análises que giram em torno de áreas rurais na França e, posteriormente em 1960, dos projetos urbanos para novas cidades no pós-guerra, sob a forma de se "reproduzir" a cidade caracterizando quais são os responsáveis por essa "reprodução" e para quem ela é destinada ou favorecida (do ponto de vista econômico) reavaliando as reais necessidades sociais. Lefebvre propõe uma mudança da sociedade a partir da cidade, onde o direito à cidade é um diagnóstico de época que serve de base para uma mudança radical e emancipatória da sociedade (COLOSSO, 2020).

Em seu livro O Direito à Cidade, Henri Lefebvre (2008, p. 105-118) indica a necessidade de uma reflexão sobre redefinição das formas, funções e estruturas da cidade, juntamente com as necessidades humanas não apenas baseada nas formas de consumo. A partir disso, Lefebvre pretende incentivar uma ciência analítica da cidade, em contraponto ao modernismo que coisificava e segregava o homem e o espaço, mas busca propor uma mudança para o homem da sociedade urbana, colocando-se aí uma distinção na ótica científica que analisa a cidade e baseando-se nas reais necessidades sociais. O autor entende também que os agentes (arquitetos, urbanistas, sociólogos, economistas, filósofos etc.) dessa mudança social não criam novas relações sociais, mas apenas a vida social em sí as criam. Portanto, Lefebvre apresenta dois esforços necessários: o da transdução, que "elabora e constrói um objeto teórico, um objeto possível, e isto a partir de informações que incidem sobre a realidade, bom como a partir de uma problemática levantada por essa realidade" (LEFEBVRE, 2008, p. 109); e a utopia experimental, que deve ser estudada pelas suas implicações e consequências na prática. O projeto urbano deve então levar em consideração a alta complexidade das relações que o compõe, tendo em mente que ele poderá nunca ser completo, uma vez que também é contextual, e não deve apenas partir de sua plenitude, levando em consideração, em sua leitura e análise, as lacunas e partes desintegradas que compõe o todo. É dessas lacunas ou partes desintegradas que deveriam ser o ponto de partida para a reforma/revolução urbana.

Já David Harvey (2014, p. 27-66) contribui para o desenvolvimento do direito à cidade levando em consideração os movimentos sociais que emergiram nos últimos 20 anos e que reivindicam uma cidade estruturada para as pessoas. Segundo o autor, os ideais de direitos humanos eventualmente assumem uma forma coletiva, como por exemplo o direito dos trabalhadores, mulheres, gays e minorias e em alguns momentos conseguem alcançar resultados. Esses movimentos coletivos são importantes no âmbito do direito à cidade, pois, as cidades que se criam definem os tipos de pessoas que se quer ser e quais a suas relações sociais. Outro ponto levado em consideração é que existe também uma ligação intima entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização, já que para obter a mais-valia, os capitalistas precisam produzir e regular um excedente de urbanização ou a sua falta. Mas

essa ligação apresenta falhas; segundo o autor "vivemos cada vez mais em cidades divididas, fragmentadas e propensas a conflitos (2014, p. 47)" onde nessas condições "os ideais de identidade urbana, cidadania e pertença, de uma política urbana coerente, já ameaçados pelo mal-estar da ética neoliberal individualista, tomam-se muito mais difíceis de manter (2014, p. 49)". Harvey (2014, p. 61), então, propõe uma alternativa urbana para isso:

> A resposta a essa pergunta é bem simples: maior controle democrático sobre a produção e o uso do excedente. Uma vez que o processo de urbanização é um dos principais canais de uso, o direito à cidade se configura pelo estabelecimento do controle democrático sobre a utilização dos excedentes na urbanização.

O primeiro episódio "O direito à cidade" do documentário desenvolvido pelo SescTV baseado no livro "A Cidade no Brasil" de Antonio Risério (2019), apresenta algumas questões atuais das cidades brasileiras. Uma delas é a precariedade dos espaços públicos, tanto pela falta deles quanto pela sua qualidade. Mesmo que em alguns momentos na história do desenvolvimento urbano das cidades brasileiras houve um ensaio à criação de espaços públicos voltados ao pedestre, isso com o tempo foi engolido pela exploração do território pelo capital e substituído pelas trocas econômicas que impunham rodovias e ferrovias em seus tecidos urbanos, principalmente em São Paulo, transformando áreas livres em canteiros. Outro ponto abordado são as dificuldades que as metrópoles possuem em lidar com a diversidade e complexidade de usos, juntamente com seus conflitos criados pela suas dispersão e fragmentação. No entanto, os movimentos sociais e manifestações que continuam ocorrendo na cidade, como é o caso das batalhas de rima que acontecem de forma espontânea em São Bernardo do Campo (São Paulo) e fortalecem a identidade local, além de ter seu papel na apropriação dos equipamentos e espaços públicos. Sobre a arte e a música no direito à cidade, Lefebvre (2008, p. 116) salienta:

> Necessária como a ciência, não suficiente, a arte traz para a realização da sociedade urbana sua longa meditação sobre a vida como drama e fruição. Além do mais, e sobretudo, a arte restitui o sentido da obra; ela oferece múltiplas figuras de tempos e de espaços apropriados: não impostos, não aceitos por uma resignação passiva, mas metamorfoseados em obra. A música mostra a apropriação do tempo, a pintura e a escultura, a apropriação do espaço. Se as ciências descobrem determinismos parciais, a arte (e a filosofia também) mostra como nasce uma totalidade a partir de determinismos parciais. Cabe a força social capaz de realizar a sociedade urbana tornar efetiva e eficaz a unidade (a "síntese") da arte, da técnica, do conhecimento.

3.3. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO DIREITO À CIDADE

Na perspectiva social, a cultura é um tema que possui variados exemplos e envolve diversas percepções visuais e auditivas, verbalizadas e escritas, interpretadas e produzidas etc. A cultura é contextual e seu entendimento é um desafio já que configura uma ciência interpretativa por meio de uma análise detalhada dos sistemas de comunicação presentes em uma sociedade. Seu estudo também implica em verificar como os grupos sociais criam e recriam suas práticas culturais. As manifestações culturais, então, são eventos como celebrações, rituais, linguagens, construção paisagística e arquitetônica por onde a sociedade expressa seus costumes, valores e crenças (MACIEL, BRITO, 2021, p. 59-60).

Um ponto a ser ressaltado em relação as manifestações culturais nos espaços livres públicos no direito à cidade é a percepção e apropriação do lugar. A percepção é uma atividade de compreensão do mundo que varia de acordo com cada indivíduo e cultura, pois ela depende da capacidade de uso dos sentidos e da visão de mundo na construção social (TUAN, 1980 apud SILVA, 2017, p. 16). Já o processo de apropriação é um exercício de domínio em relação ao conhecimento seguro e profundo do espaço e que se expressa no processo de interação entre o indivíduo e seu entorno, atingindo diferentes graus de relação, onde o sujeito pode se projetar no espaço e criar o seu lugar (CAVALCANTE, ELIAS, 2011, p.63 apud SILVA, 2017, p. 16).

A partir disso, cabe apresentar um conflito relacionado as manifestações culturais nos processos de apropriação na divergência de usos de um espaço livre público registrado em um projeto etnográfico intitulado "Quando a Rua Vira Casa" coordenado por Santos e Vogel (1985, p. 106-110) que tinha como objetivo elaborar uma leitura sobre os espaços públicos e elucidar os desejos dos indivíduos por meio de suas práticas culturais de bairros de classes sociais diferentes. Esse conflito ocorreu em um bairro de classe social baixa e culminou na pichação da fachada de um estabelecimento com palavras de "baixo calão" (Figura 18) como definiu o proprietário. O conflito se dá porque na rua onde o cabeleireiro atende seus fregueses (trabalho) ocorre um jogo de futebol (lazer) e eventualmente o jogo assume caracteristicas inapropriadas com palavrões e boladas no qual dois clientes foram acertados pela bola e na segunda vez o cabelereiro não a devolveu. Houve discussões, o cabelereiro chamou a policia e após o episódio, mebros do grupo de futebol picharam a fachada do estabelecimen-

Figura 18 – Palavras de baixo calão pichadas na fachada

Fonte: Fonte: Santos e Vogel (1985, p. 107)

to, onde novamente a policia é acionada causando mal estar na comunidade. A vizinhança não considera que o jogo de futebol é um problema que precisa ser erradicado e que algumas vidraças quebradas são o preço a ser pago e assumido pelos jogadores de futebol, mas ela também concorda que o jogo pode se tornar perigoso em relação aos pedestres e consumidores do estabelecimento, só que a responsabiliade de cuidar dos seus clientes fica a cargo do cabelereiro onde a vizinhança concorda também que não está errado em exercer o seu trabalho, mas que ele não precisava chamar a policia já que isso manchava a imagem "de família" que a comunidade possuia. Inclusive, o próprio cabelereiro concorda que precisa dos jogadores da pelada para que se crie um movimento na rua e seu estabelecimento tenha visibilidade (SANTOS, VOGEL, 1985, p. 106-110).

Para além do conflito, existem outras formas de expressões de manifestações culturais. Durante as entrevistas promovidas pelo documentário do SescTV sobre o direito à cidade já citado, é apresentado uma série de manifestações culturais que representam o direito ao lazer ou expressão identitária já conquistada ou em conquista, são elas: Carnaval de rua, abertura de vias de alto tráfego para pedestre aos finais de semana como a Av. Paulista e o Minhocão em São Paulo, Paradas do Orgulho LGBTQIA+, festas de rua de menor porte, rituais religiosos, manifestações políticas, manifestações artísticas etc (RISÉRIO, 2019).

Jan Gehl (2010, p. 29) acrescenta que:

> Como interface aberta e acessível entre as pessoas, o espaço urbano garante uma importante arena para grandes encontros, manifestações e protestos políticos, bem como atividades mais modestas, por exemplo, coleta de assinaturas, distribuição de folhetos, realização de happening ou protestos. Sustentabilidade social, segurança, confiança, democracia e liberdade de expressão são conceitos-chave para descrever as perspectivas da sociedade vinculadas à cidade como local de encontro.

Uma das formas de reconhecer e proteger as manifestações culturais é por meio de leis, principalmente as constituintes do Estado. Visando isso, a Constituição Federal de 1988 conta com o Art. 215 na Seção II da Cultura determina que cabe ao Estado a defesa, apoio, valorização e promoção do acesso à cultura (BRASIL, 1988). Segue o texto da lei:

> Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.
> § 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.
>
> § 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.
> § 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à: [...]
> I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro; [...]
> II produção, promoção e difusão de bens culturais; [...]
> III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões; [...]
> IV democratização do acesso aos bens de cultura; [...]
> V valorização da diversidade étnica e regional.

Além disso, numa tentativa de declarar o funk como Patrimônio Cultural Imaterial no Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2021 o Projeto de Lei Nº 2855/2020 (RIO DE JANEIRO, 2020) que "Declara patrimônio cultural imaterial do estado do rio de janeiro a cultura funk, e dá outras providências" esteve em tramitação. O referido projeto de lei baseia-se no Art. 215 da Constituição Federal de 1988 e usa como justificativa o reconhecimento do funk como manifestação cultural e movimento "sui generis" das favelas e periferias que transcendem a diversão, pois, tornou-se também perspectiva de vida para os moradores da comunidade. Infelizmente os prazos para despachar o projeto de lei passou e ele encontrasse sem vigência.

Ora as manifestações culturais são agentes, ora são expressão do direito à cidade que causam impacto no espaço e na sociedade, dessa forma, fica aberta aqui a relação de alguns direitos que também são garantidas por leis.

4. ESTUDO DE CASO

PRAÇA ROOSEVELT

Ficha Técnica[9]:

Cliente: Prefeitura Municipal de São Paulo | **Arquitetura:** Borelli & Merigo
Ano: 2012 | **Área:** 28.852,14 m²

A Praça Roosvelt (Figura 20) fica localizada no município de São Paulo e foi reinaugurada em 2012 após a reforma do antigo projeto modernista (Figura 19). Antes de ser praça, o local era um vazio asfaltado entre prédios com uso diversificado que atendia a vida boemia da cidade com lojas, bares, restaurante, missas aos finais de semana e até peças teatrais. Com a ligação leste-oeste implantada em 1970, a proposta para a praça era uma "tampa" em cima dos carros que iriam transitar na área, mas o projeto modernista de "edifício-praça" obstruiu a passagem dos pedestres o que culminou, em 1980 e 90, no fechamento das lojas e restaurantes na região, baixa movimentação de pessoas, aumento violência, sujeira etc. No ano 2000, o grupo de teatro Os Satyros se instalou em um dos espaços vazios da praça e funcionou como um impulsionador de urbanidade e convivência entre diferentes grupos e tribos no mesmo espaço. Então, em 2004, a discussão sobre uma possível reforma da praça ganhou força (CALLIARI, 2012).

Figura 19 – Foto da praça antes do projeto de reforma

Fonte: Justino Ivo (1969). Acervo Museu Casa da Imagem.

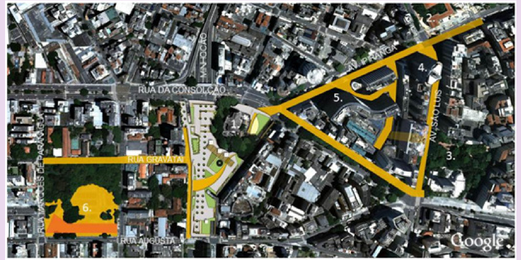
[9] Informações da ficha técnica retiradas do site do escritório Borelli & Merigo responsável pelo projeto executivo e acompanhamento de obra entregue em 2012.

Figura 20 – Atual Praça Roosevelt a noite

Fonte: Revista Projeto (2013). Acesso em 01 mai. 2022.

O projeto modernista original conta com um programa distribuído em cinco andares que abrigavam estacionamento subterrâneo, centro esportivo, centro educacional, polícia, lojas de suvenir e um mercado (CALLIARI, 2012). A proposta de reforma elaborada por EMURB / SP Urbanismo e Borelli & Merigo não muda completamente o projeto original, mas acrescenta áreas comerciais, floricultura, parque infantil, área para pets e área para prática de skate (BONZI, 2013, p. 249-250). Esse programa foi discutido com o poder público e a sociedade civil, sendo que essas ações participativas e um melhor diálogo com o entorno (Figura 21) foram as apostas chave para que a praça fosse apropriada pela polução e não se tornasse novamente num espaço vazio da cidade (CALLIARI, 2012).

Figura 21 – Referências urbanas para o diálogo com o entorno



Legenda: Referências urbanas

1. Igreja da Consolação
2. Praça da República
3. Praça Dom José Gaspar
4. Edifício Itália
5. Edifício Copan
6. Futuro Parque e Edifício Augusta

Faixa da via pedestrializada

Fonte: Borelli & Merigo (s.d.). Acesso em 01 mai. 2022.

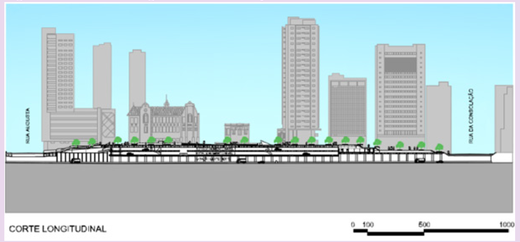
A Figura 22 apresenta o projeto de implantação da reforma feita em 2012:

Figura 22 – Implantação da Praça Roosevelt

Fonte: Borelli & Merigo (s.d.). Acesso em 01 mai. 2022.

A Figura 23 apresenta um corte longitudinal com a relação da praça com o entorno, a ligação leste-oeste do túnel subterrâneo e como a praça distribui o seu programa nos seus dois andares.

Figura 23 – Corte longitudinal da Praça Roosevelt



Fonte: Borelli & Merigo (s.d., apud BONZI, 2013, p. 250). Acesso em 01 mai. 2022

Figura 24 – Skatista na praça Roosvelt

Fonte: Mauro Calliari (2012) para o portal Vitruvius. Acesso em 01 mai. 2022.

A Praça Roosevelt possui diversos atores que "fazem cidade" pelas suas manifestações culturais, são eles: estudantes, ciclistas, skatistas, jovens que acabaram de sair dos seus trabalhos, vendedores ambulantes, moradores de ruas, atores/grupos de teatros, movimentos culturais e sociais etc. Apesar da gentrificação da região, a praça não é frequentada apenas pela elite, e, após a reinauguração em 2012, ela se tornou palco de conflitos pelos seus usos entre os moradores e pedestres contras skatistas e grupo de poetas/cantores. Aos olhos os moradores e pedestres os skatistas representavam barulho e perigo na praça, enquanto os poetas e cantores (que praticavam batalha de rimas que expressam questões sociais, de raça, sexualidade, gênero etc.) eram considerados como perturbadores da ordem pública com o excesso de barulho. No caso dos skatistas, estabeleceu-se um perímetro para a prática, já para os poetas/cantores eles poderiam exercer suas atividades até as 22h (numa negociação intermediada pela Guarda Civil Metropolitana). Mas os conflitos não param nesse ponto, 2016, o vereador Eliseu Gabriel encaminha à Câmara dos Vereadores de São Paulo o Projeto de Lei nº 0421/2016, que propôs que a praça Roosevelt fosse cercada e transformada em parque público com restrição de acesso e horário de funcionamento. No mundo contemporâneo existem diversos direitos à cidade em disputa onde a interlocução dos movimentos sociais na gestão participativa pode ser uma aposta para mitigação ou resolução desses conflitos (PIMENTEL, 2020, p. 447-459).

O atual projeto da Praça Roosevelt deve seu sucesso as ações participativas que ocorreram durante o desenvolvimento do projeto e culminou na apropriação do espaço. Atualmente ele passar por conflitos em relação aos usos onde os moradores da região reclamam do barulho da praça durante a noite. Ela é um local público que está dentro da esfera do poder público e por ele deve ser gestionado. Nesse sentido, os setores de administração desses espaços públicos no município devem agir propondo uma gestão participativa com representantes dos dois lados, moradores e usuários da praça, acordando usos e limites, afinal, os usos que acontecem num local apropriado para eles trazem benefícios que reconfiguram positivamente o local e o entorno.

5. PROJETOS DE REFERÊNCIA

5.1. MASP

Ficha técnica[10]:

Autor/autora: Lina Bo Bardi
Ano: 1968
Tipo de projeto: Equipamento Cultural
Localização: Avenida Paulista, nº 1578, Bela Vista – São Paulo – SP

O Museu de Arte de São Paulo (MASP) é um equipamento cultural que foi construído com o intuído de realizar exposições fixas e periódicas junto com a promoção da cultura por cursos, concursos e conferências. Antes seu acervo era exposto no edifício dos Diários Associados quando Pietro María Bardi junto com Assis Chateaubriand tiveram a ideia de construir o equipamento com projeto desenvolvido pela arquiteta Lina Bo Bardi no antigo Belvedere Trianon na Avenida Paulista em São Paulo (HOLANDA, 2012).

Figura 25 – O MASP

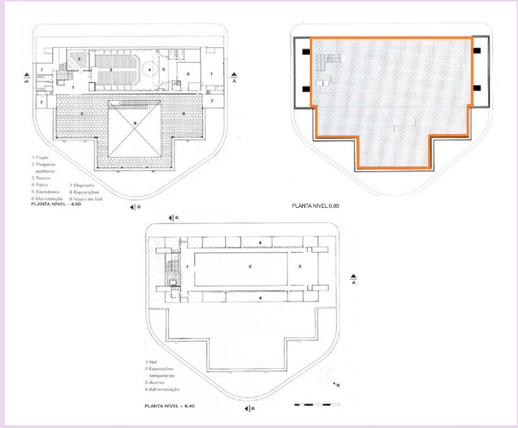
Fonte: Pedro Kok, retirado do site Archidaily (2012). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

[10]Informações da ficha técnica retiradas do portal Archidaily na página dedicada aos clássicos da arquitetura.

O equipamento é composto por um volume suspenso por dois pórticos em uma cor vermelho marcante que deixa o térreo livre que funciona como um "hall cívico" palco de reunião públicas e políticas. A fachada conta com fechamento em caixilharia formando um bloco que guarda o acervo. O subsolo existe um teatro pequeno e um auditório com sala de projeção (HOLANDA, 2012).

O ponto interessante desse projeto que dialoga com o tema do presente trabalho, o baile funk, é a apropriação pelas pessoas ao vão do MASP. A projeção do equipamento no térreo cria uma espécie de espaço intermediário que acolhe os transeuntes e comerciantes da região, mas também diversas manifestações políticas e culturais. É possível observar, pela área demarcada na Figura 26, que a Lina Bo Bardi destinou praticamente todo o terreno para esse espaço público, ora livre ora coberto pelo volume.

Figura 26 – Plantas do Masp



Fonte: Archidaily (2012). Adaptado pelo autor. Acesso em 02 de Jun. de 2022.

Figura 27 – Vão do MASP visto do acesso ao acervo

Fonte: Wikiarquitectura, retirado do site Archidaily (2012). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

Essa composição de cheios de vazios no tecido urbano que conformam os espaços intermediários e de acolhimento será utilizado no estudo preliminar para o projeto do presente trabalho.

Em um artigo sobre o Vão do MASP para o portal Vitruvius, o arquiteto Fabiano Junior (2013) cita como Lina Bo Bardi inspirou a escolha de sua profissão e também desabafa com tristeza e de forma crítica algumas tentativas de se fechar o vão com gradis. Atualmente o vão permanecer aberto.

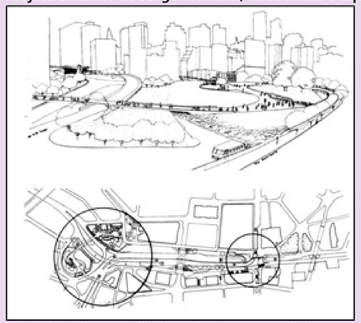
5.2. VALE DO ANHANGABAÚ

Ficha técnica[11]:

Autores[12]: Gestão Inicial e Briefing por Gehl Architects; Estudo Preliminar e Anteprojeto por SP Urbanismo; Projeto Básico por PJJ Malucelli Arquitetura S/S Ltda em conjunto com Biselli Katchborien Arquitetos Associados; Projeto Executivo e Obra pelo Consórcio Central formado por FBC Construção Civil e Pavimentação S/A + Lopes Kalil Engenharia e Comercio Ltda.
Ano: 2007-2020
Tipo de projeto: Espaços Livres Públicos
Localização: Vale do Anhangabaú – São Paulo – SP

O Vale do Anhangabaú fica localizado na região central do município de São Paulo, local que faz parte da história da cidade e já passou por diversas transformações ao longo do tempo. O atual projeto de reforma trabalha em cima da obra desenvolvida anteriormente pelos arquitetos Jorge Wilheim, Rosa Kliass e equipe nos anos 1981 até 2020 (GRUNOW, 2020).

Figura 28 – Projeto anterior de Jorge Wilheim, Rosa Kliass e equipe



Fonte: Portal Jorge Wilheim (s.d.). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

[11]Informações da ficha técnica retiradas do portal Revista Projeto (2020) e do artigo de Guido Otero (2020) para o portal LABCIDADE.
[12] O projeto não foi desenvolvido por um autor em específico e sim de forma colaborativa durante suas várias etapas (GRUNOW, 2020).

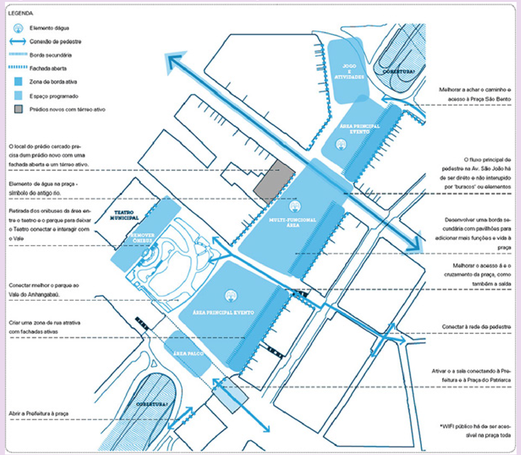
No Plano Diretor do Município de São Paulo, o vale fica localizado no setor Centro da Macroárea de Estruturação Metropolitana que tem como estratégia facilitar a utilização de instrumentos como os Projetos de Intervenção Urbana (PIU) ou Operações Urbanas Consorciadas. O atual projeto do Vale do Anhangabaú é um reflexo do Plano Diretor que busca a qualificação do centro que já possui uma boa oferta de empregos, serviços, equipamentos e etc. O intuído do projeto é readequar os espaços livres do vale para seus novos usos tentando resolver ou mitigar alguns problemas do entorno e região (GESTÃO URBANA SP, s.d.).

Figura 29 – Problemáticas do Vale do Anhangabaú

Fonte: Gestão Urbana SP (s.d.). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

O atual projeto do Vale do Anhangabaú foi pioneiro na metodologia adotada para o seu desenvolvimento pois ele foi feito de forma colaborativa, onde o estúdio do arquiteto e urbanista Jan Gehl coordenou os primeiros workshops trazendo suas ideias centrais da cidade para pessoas por estratégias de vida urbana, como por exemplo: melhoria aos acessos; respeito a escala humana; flexibilidade e robustez; fachadas ativas e programas diversos. A partir dos consensos resultantes dessas reuniões, em que diversos arquitetos, urbanistas, gestores e representantes da sociedade civil participaram, surgiram novas propostas: wi-fi grátis, bancas com diversas funções, boa iluminação, mais árvores e a presença da água na paisagem (GESTÃO URBANA SP, s.d.).

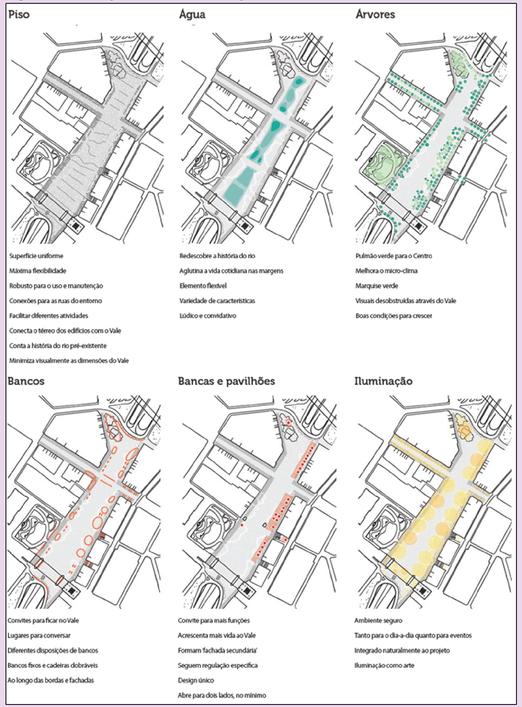
Figura 30 – Plano com os consensos para o vale



Fonte: Gestão Urbana SP (s.d.). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

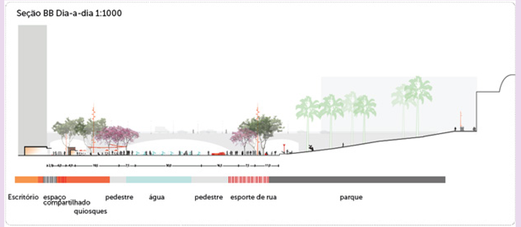
A falta de concurso de licitação para a contratação do escritório Gehl Architects, junto a presença da água no projeto e a aparente carência de áreas verdes, entre outros, fizeram com que o projeto recebesse duras críticas durante sua fase de implementação. Alguns desses pontos foram contornados ou melhorados, enquanto outros permaneceram e estão incluídos no partido do projeto (GRUNOW, 2020).

Figura 31 – Propostas conceituais para o vale



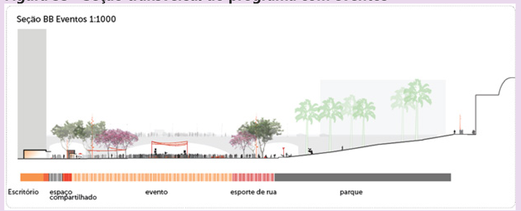
Fonte: Gestão Urbana SP (s.d.). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

Figura 32 – Seção transversal do programa no dia-a-dia



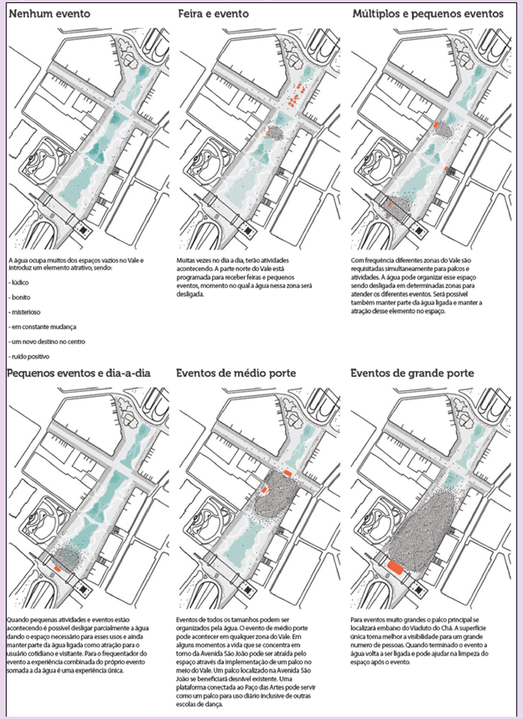
Fonte: Gestão Urbana SP (s.d.). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

Figura 33 - Seção transversal do programa com eventos



Fonte: Gestão Urbana SP (s.d.). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

Figura 34 – Flexibilidade criada pela água



Fonte: Gestão Urbana SP (s.d.). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

Figura 35 – Projeto anterior e proposta mais recente para o vale

Fonte: SP Urbanismo para a Revista Projeto (2020). Acesso em 02 de Jun. de 2022.

O Vale do Anhangabaú tal como foi executado foi pensando principalmente nos usos voltados às pessoas. À primeira vista, pode ser estranho que o Vale tenha perdido suas formas angulares de pisos gramados e se tornado um espaço vazio quando na verdade ele se reafirmou como um espaço livre público de forma a potencializar o seus atuais diversos usos. E pode ser um pouco difícil compreender o papel do vazio no projeto, mas nos croquis, estudos e levantamentos iniciais desse projeto, é possível perceber o grande volume de manchas e fluxos que existem ou podem ser potencializados nesses espaços "vazios". Outro ponto interessante foi a forma que o projeto ganhou forma de acordo com as reuniões e levantamentos, é como se o projeto surgisse naturalmente do local. É importante ressaltar também que as diversas modalidades dos espelhos d'água no vale para os eventos torna necessário uma equipe de gestão para acionar os elementos de acordo com o porte dos eventos.

6. PROPOSTA PROJETUAL

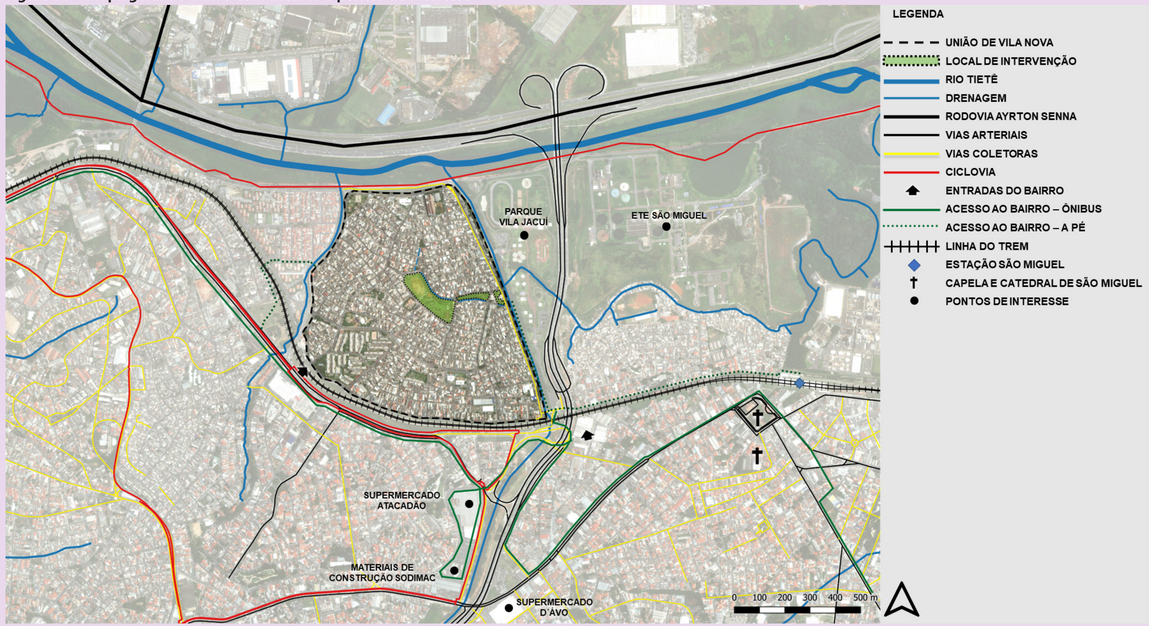
Neste capítulo será apresentado a proposta projetual do espaço livre público em fase de estudo preliminar, levando em consideração o local estudado, o referencial teórico, estudo de caso e projetos de referência.

6.1. APROXIMAÇÕES INICIAIS

Inicialmente foram feitas algumas aproximações iniciais a fim de relacionar melhor as interações do local de intervenção com o bairro e adjacências. Pensando nisso, foram elaborados dois mapas, um mais distante e outro mais aproximado, contendo as relações do bairro com o entorno e sistema viário, seus pontos e marcos importantes e espaços livres.

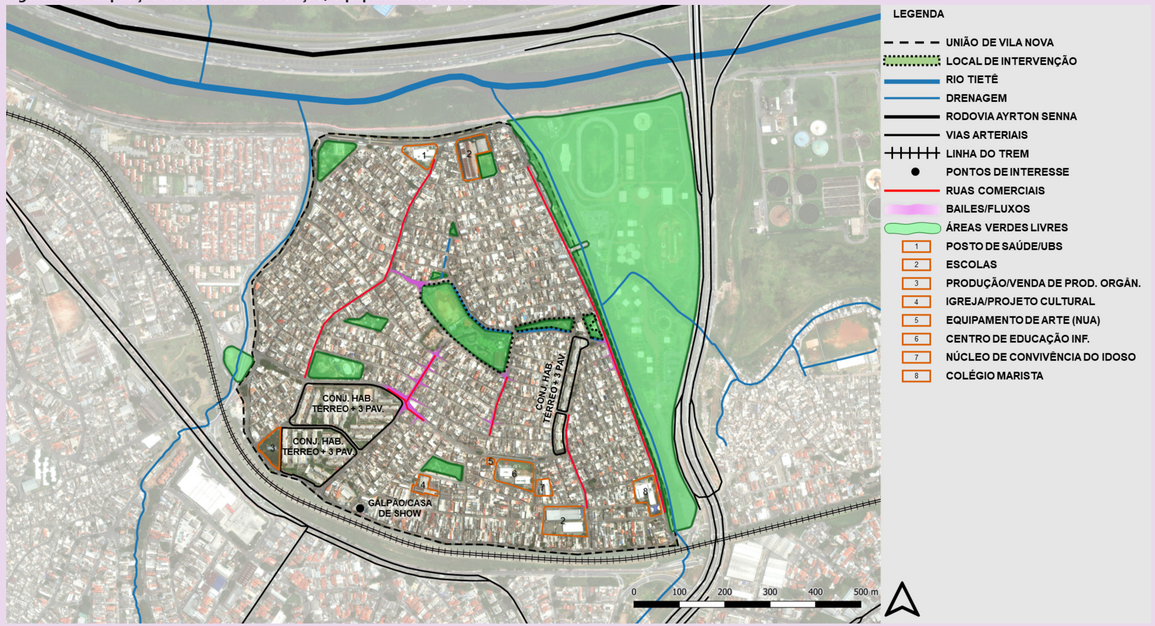
A partir do relacionamento das informações levantadas em conjunto com o local dos fluxos, o terreno projetual foi escolhido tanto pela proximidade ao principal baile funk quanto pelo estado deteriorado do terreno. O local de intervenção atualmente é um parque abandonado pelo poder público que contém diversos equipamentos, mas que, dentre eles, apenas um campo de futebol é usufruído pela comunidade.

Figura 36 – Mapa geral do bairro com acessos e pontos de interesse



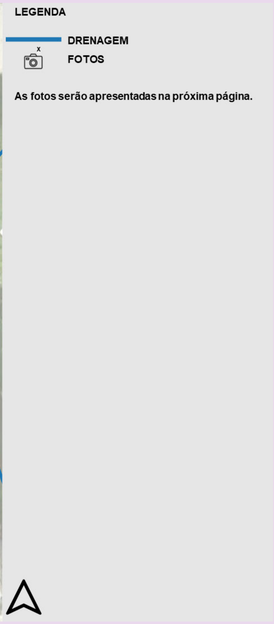
Fonte: Elaborado pelo autor no QGIS com base em: Mapa Base por Bing Satellite, Rodovias por SMUL, Ferrovia e Estação SMUL/GEOINFO, Ciclofaixa por CET, Drenagem por FCHT/SMUL e demais itens por levantamento pessoal (2022).

Figura 37 – Ampliação do local de intervenção, equipamentos e áreas verdes



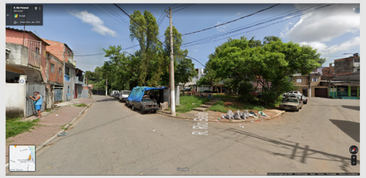
Fonte: Elaborado pelo autor no QGIS com base em: Mapa Base por Bing Satellite e demais informações levantadas in loco (2022).

Figura 38 – Ampliação do local de intervenção com análises



Fonte: Elaborado pelo autor. Mapa Base por Bing Satellite (2022).

Figura 39 – Levantamento do parque que receberá a intervenção



1 – Foto que apresenta o desnível em relação as duas ruas de acesso ao parque.

3 – Foto que apresenta a esquina do parque e uma parte do campo de futebol mais utilizado pelos moradores.

5 – Foto que apresenta a vista da rua do principal fluxo de funk do bairro.

2 – Foto que apresenta a esquina do parque e uma parte da quadra deteriorada.

4 – Foto que apresenta a esquina do parque do outro lado do campo de futebol. Essa é a vista da rua de fluxo de funk secundário que ocorro aos domingos.

6 – Foto que apresenta outra esquina do parque com a presença de comércio na calçada.

Fonte: Conjunto elaborado pelo autor. Prints do Google Street View (2022)

6.2. PROGRAMA DE NECESSIDADES

A partir das reflexões iniciais e do levantamento in loco, surgiram alguns consensos em relação ao programa de necessidades. Inicialmente era apenas um Espaço Livre Público completamente apropriado para o baile funk, mas posteriormente foi notada a necessidade de uma gestão participativa que atuasse diretamente com o local o que implicaria um espaço apropriado para isso. Isso fortaleceu a ideia da implantação de um equipamento público que poderia ter atividades relacionadas a música.

Segue programa de necessidades:

Espaço Livre Público:

- Praça com áreas cobertas e descobertas
- Quiosques
- Sanitários
- Espaço de permanência
- Espaço de apresentação
- Espaços de passagem
- Campo de futebol
- Arquibancada para o campo
- Vestiário para os jogadores

Equipamento Público Cultural:

- Salas de dança
- Salas de música
- Estúdios de gravação
- Salas multimídia
- Administração, depósitos e serviços

6.3. CONCEITO E PARTIDO

As ideias iniciais do presente trabalho partiram da tentativa de adequar os locais onde os fluxos e bailes funks ocorrem (a rua), acontece que isso não diminuiria diversas problemáticas envolvendo o evento que ocorre a céu aberto e na rua. No decorrer do trabalho e levantamento in loco, observou-se espaços livres com potencialidades para receber o baile e um parque desativado muito próximo ao principal baile foi escolhido. Dessa forma, a ideia inicial de adequar os espaços aos seus usos não se perdeu. A sensação de área livre e apresentada na volumetria e visadas para que a relação entre a rua e a praça não se perca.

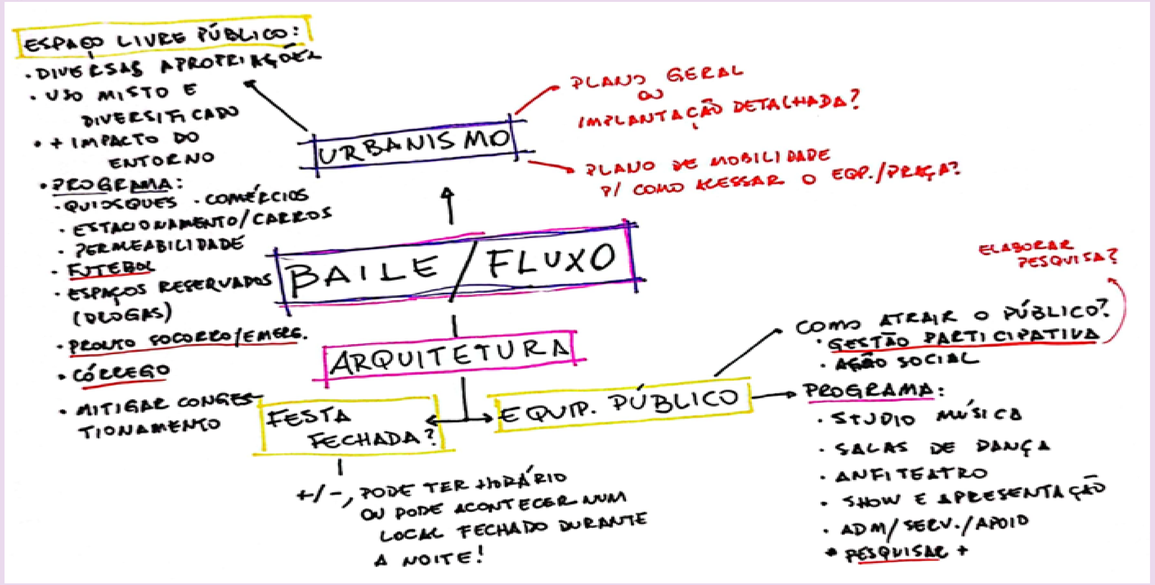
Outro ponto de partida é que no âmbito do direito (tanto à diversão, quanto ao descanso etc.) é muito difícil resolver algumas questões; portanto, imaginou-se que seria necessário um espaço para alguma equipe administrativa nesse sentido.

Os fluxos são gerados pela própria comunidade e de forma espontânea, o projeto precisa ser atraente para as pessoas e moradores, tanto na estética, quanto na funcionalidade e em usos diversificados. Pensando nisso, é necessário um respeito à pré-existência, principalmente do campo de futebol que existe no local de intervenção e é fortemente utilizado pela comunidade, além do acessos, tanto da praça quanto do equipamento cultural, não terem entradas óbvias, dessa forma, instigando a curiosidade e fortalecendo o movimento de contestação pela apropriação.

Concluindo, além da adequação dos espaços para seus usos atuais, o projeto aposta também no respeito a pré-existência e fortalece as relações socioculturais pelo equipamento público voltado a música.

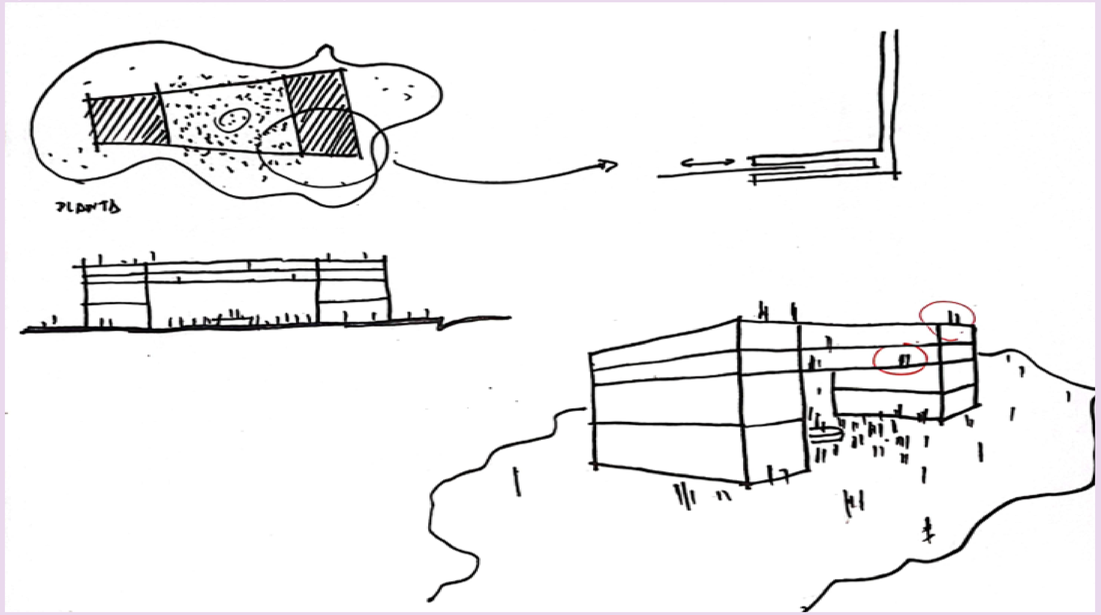
Os croquis a seguir demonstram o raciocínio e processo criativo inicial.

Figura 40 – Mapa mental das propostas iniciais



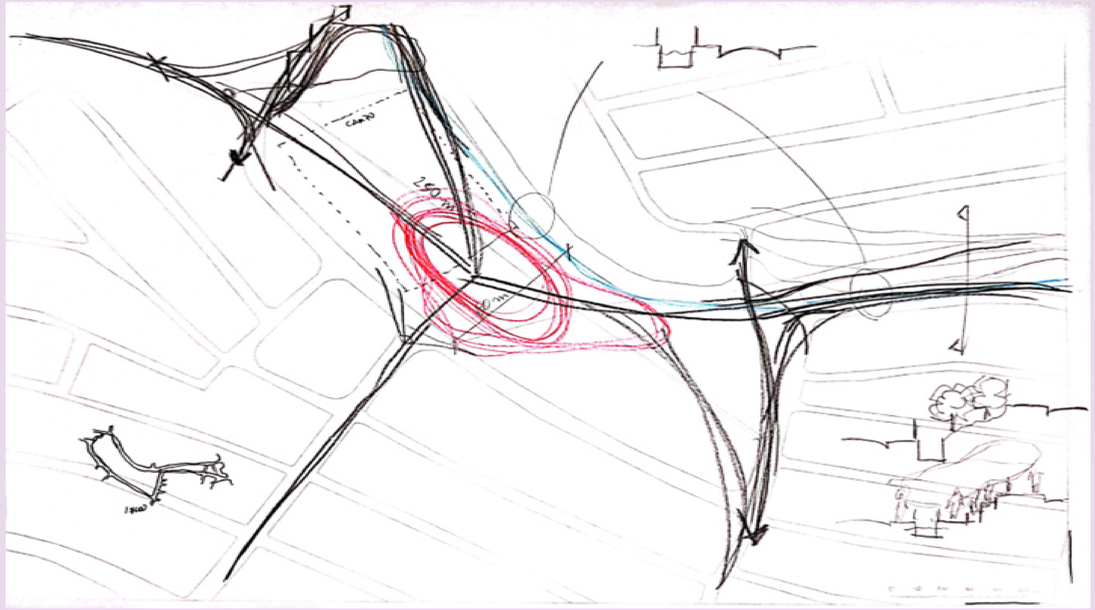
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 41 – Primeiras ideias sobre o equipamento e o baile



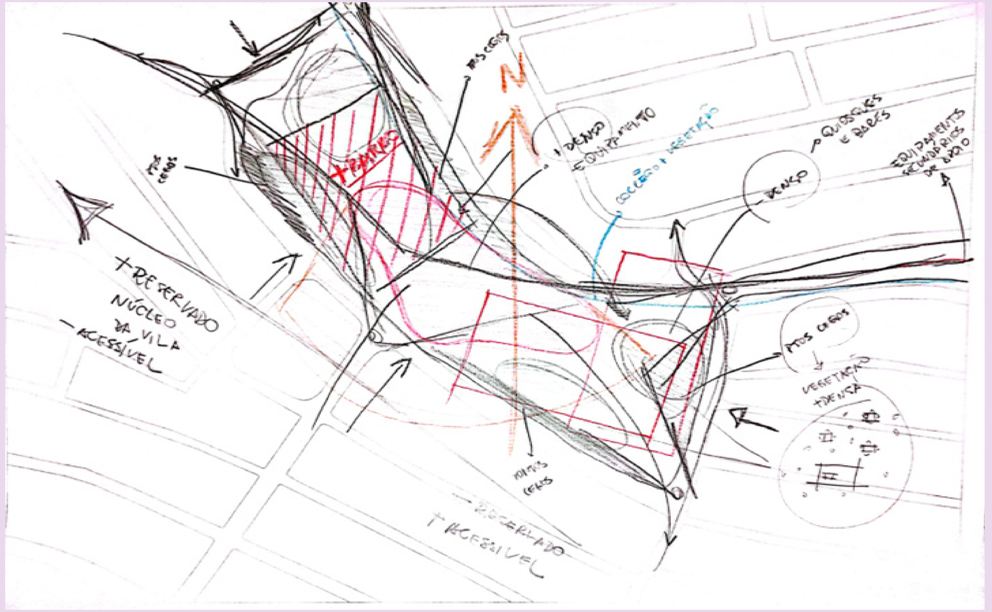
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 42 – Estudos de fluxos, núcleos e topografia



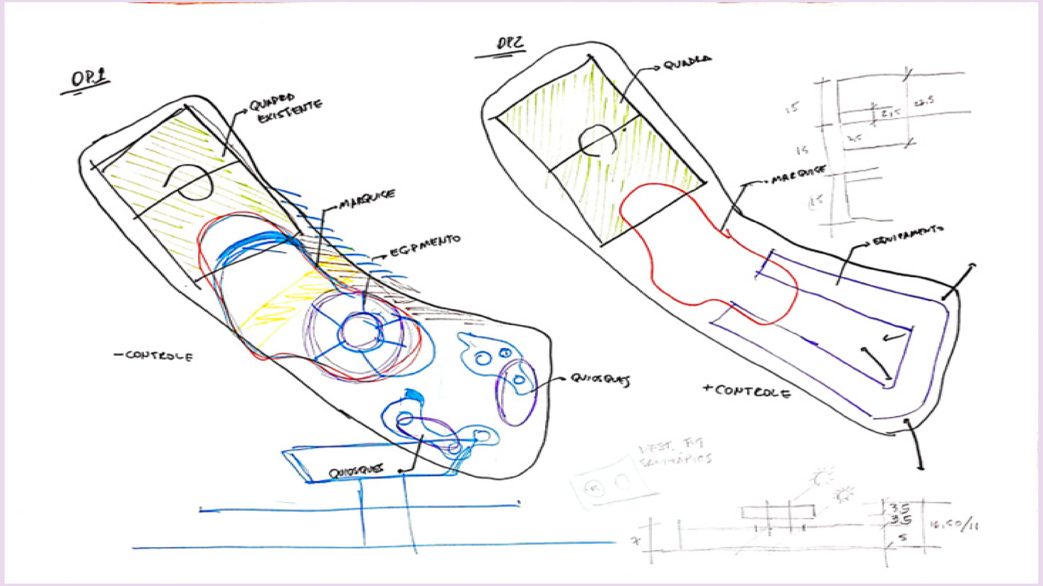
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 43 – Estudo de massas



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 44 - Proposta de quadra aberta e fechada



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

6.4 PROJETO

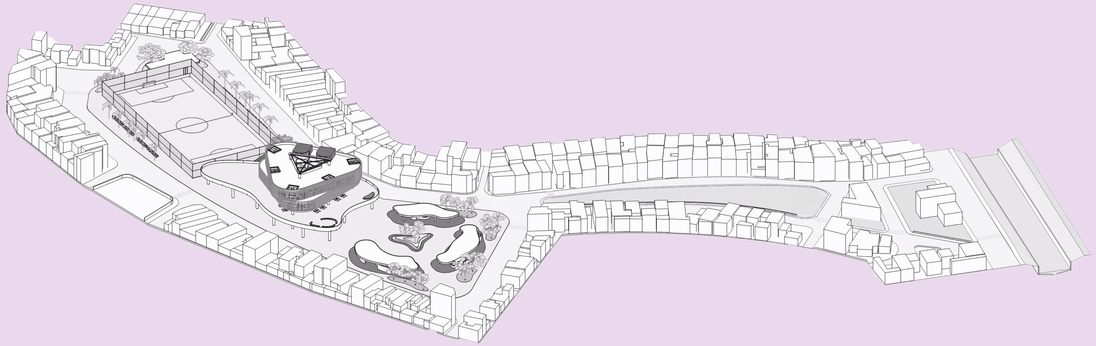


Figura 45 – Mapa com as propostas e intervenções

Fonte: Elaborado pelo autor. Mapa Base por Bing Satellite (2022).

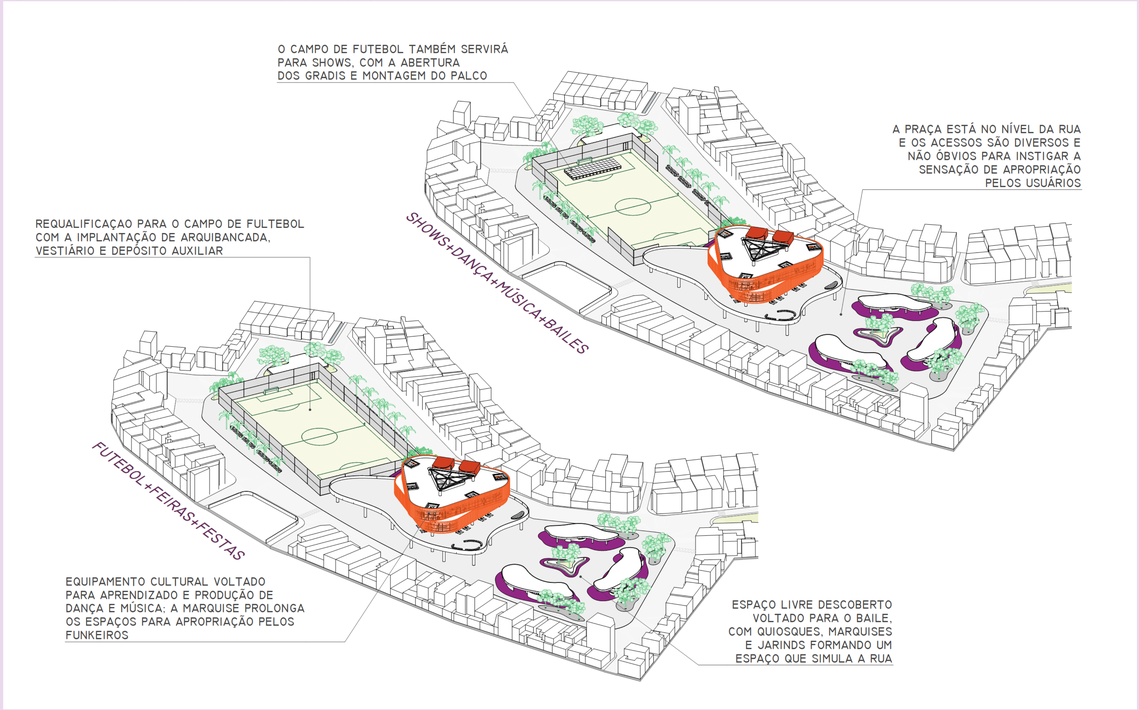
Figura 46 – Perspectiva com a situação atual

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 47 - Perspectiva com a proposta projetual

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 48 – Perspectiva ampliada com a proposta projetual



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

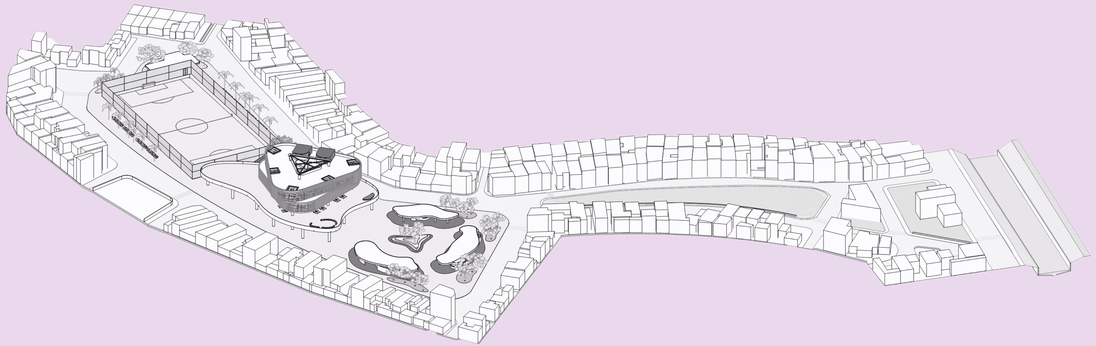
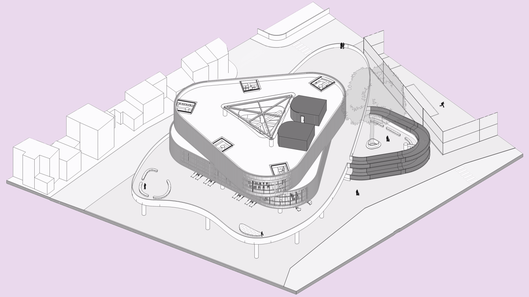


Figura 49 – Implantação Geral

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 50 – Corte Geral

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

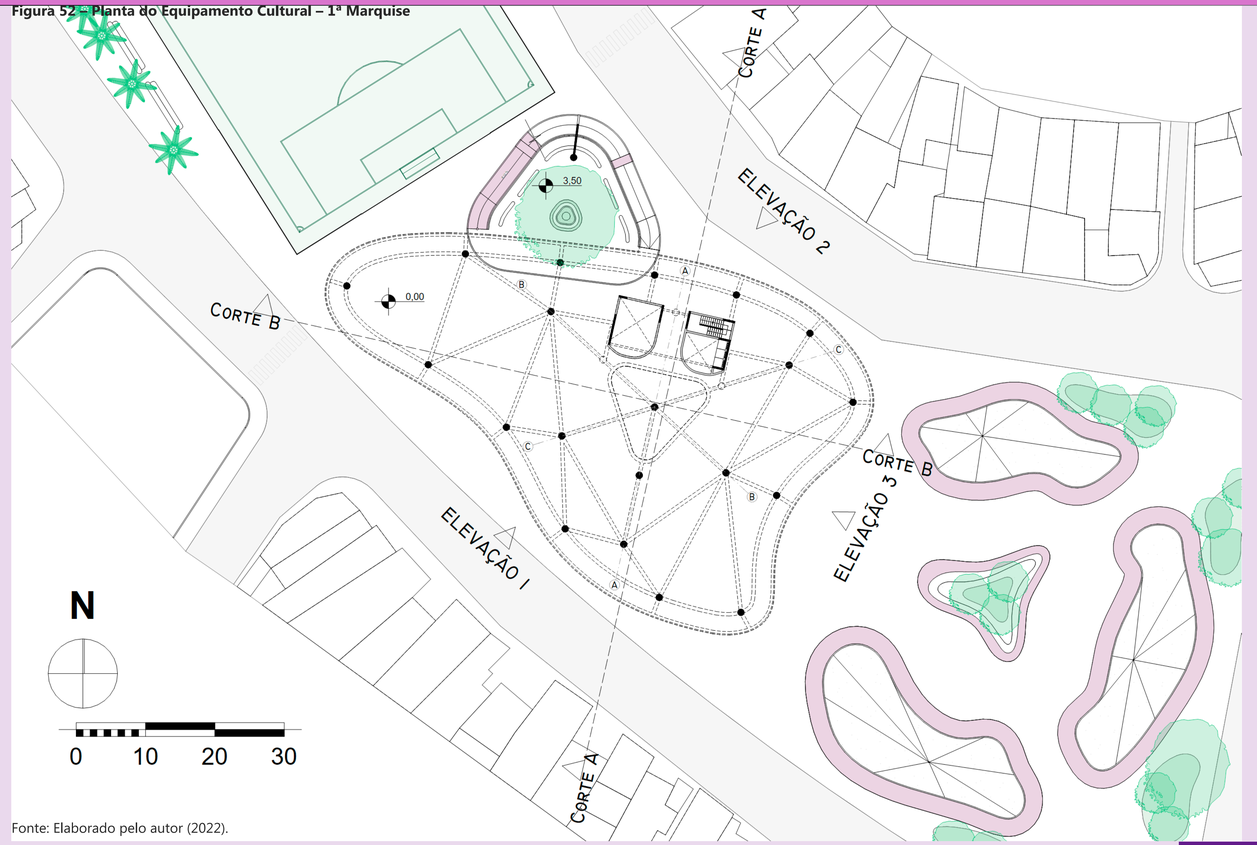


EQUIPAMENTO CULTURAL

Figura 51 – Planta do Equipamento Cultural – Térreo

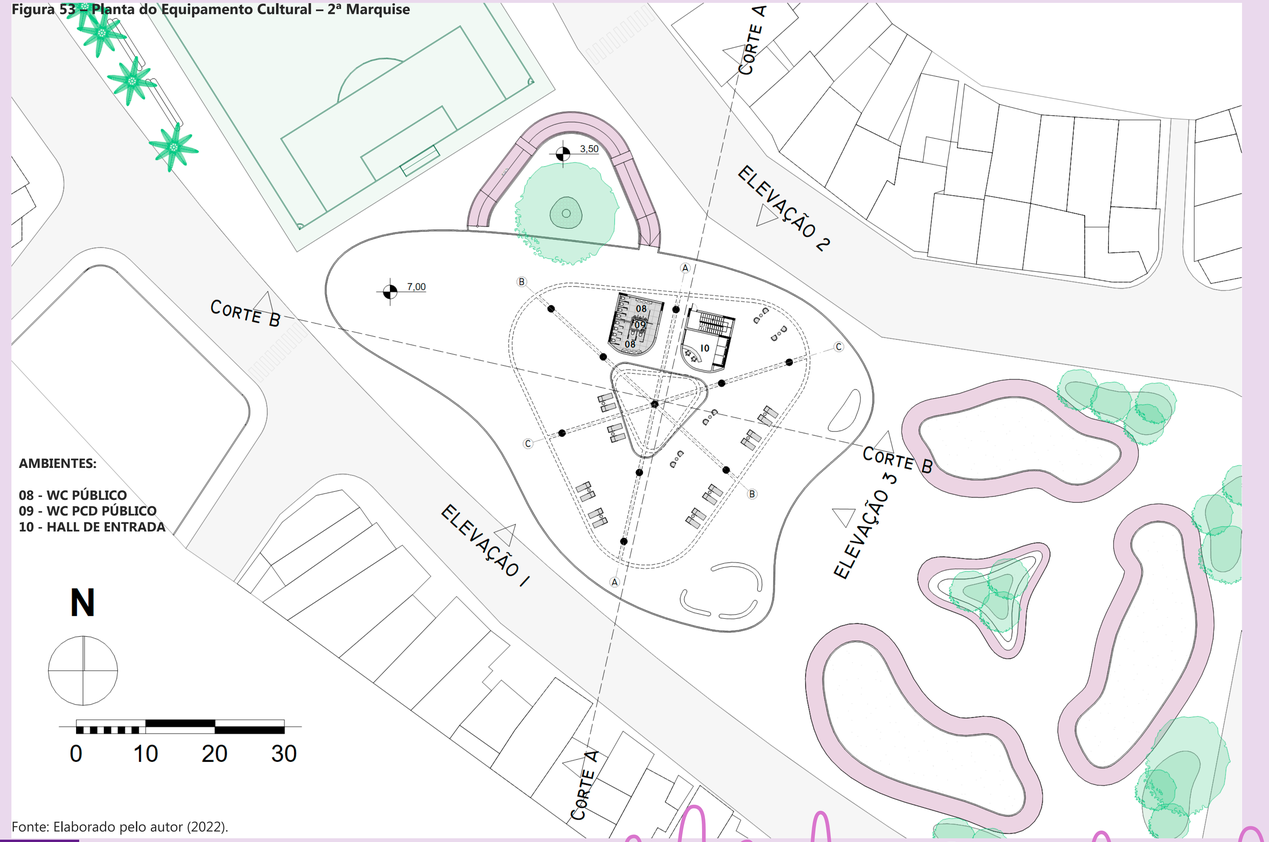
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 52 – Planta do Equipamento Cultural – 1ª Marquise



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 53 – Planta do Equipamento Cultural – 2ª Marquise



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

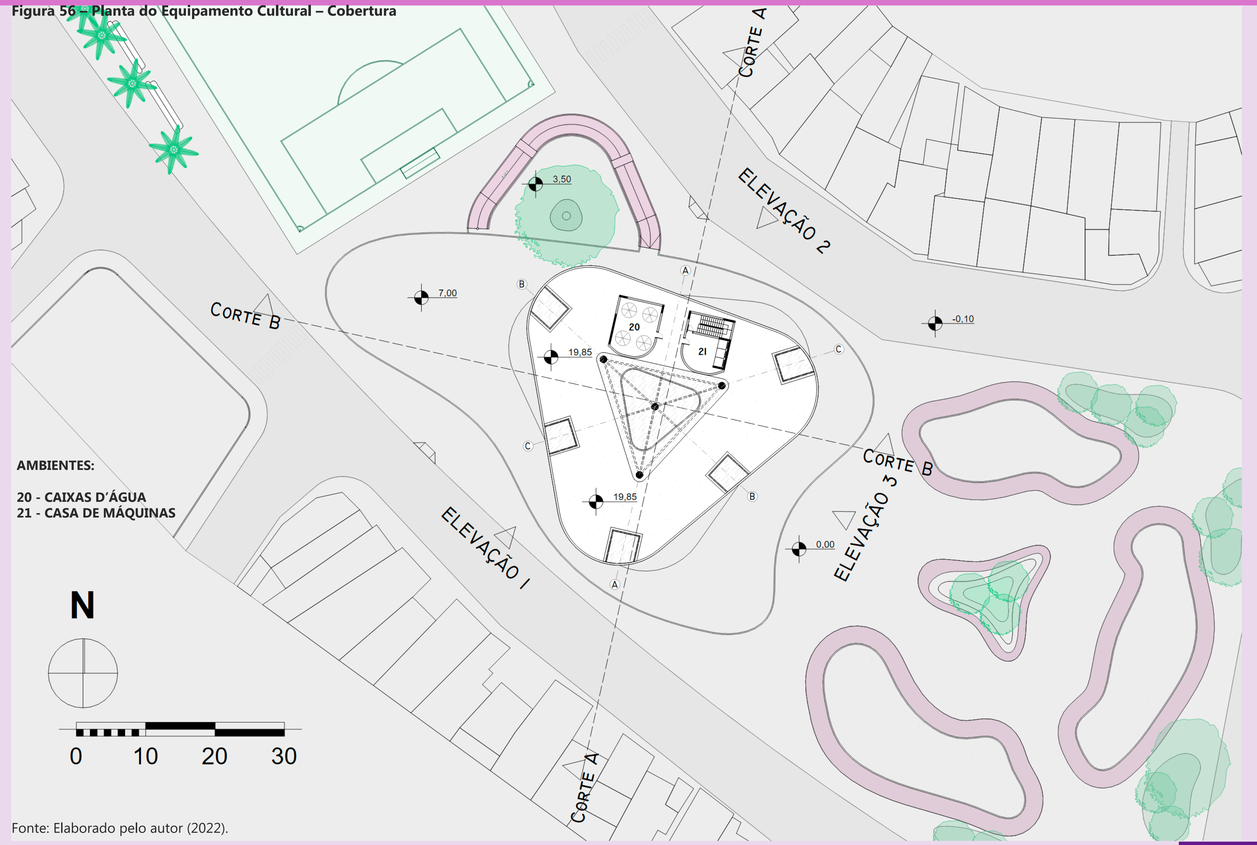
Figura 54 – Planta do Equipamento Cultural – 1º Andar

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 55 – Planta do Equipamento Cultural – 2º Andar

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 56 – Planta do Equipamento Cultural – Cobertura



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 57 – Equipamento Cultural – Corte A

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

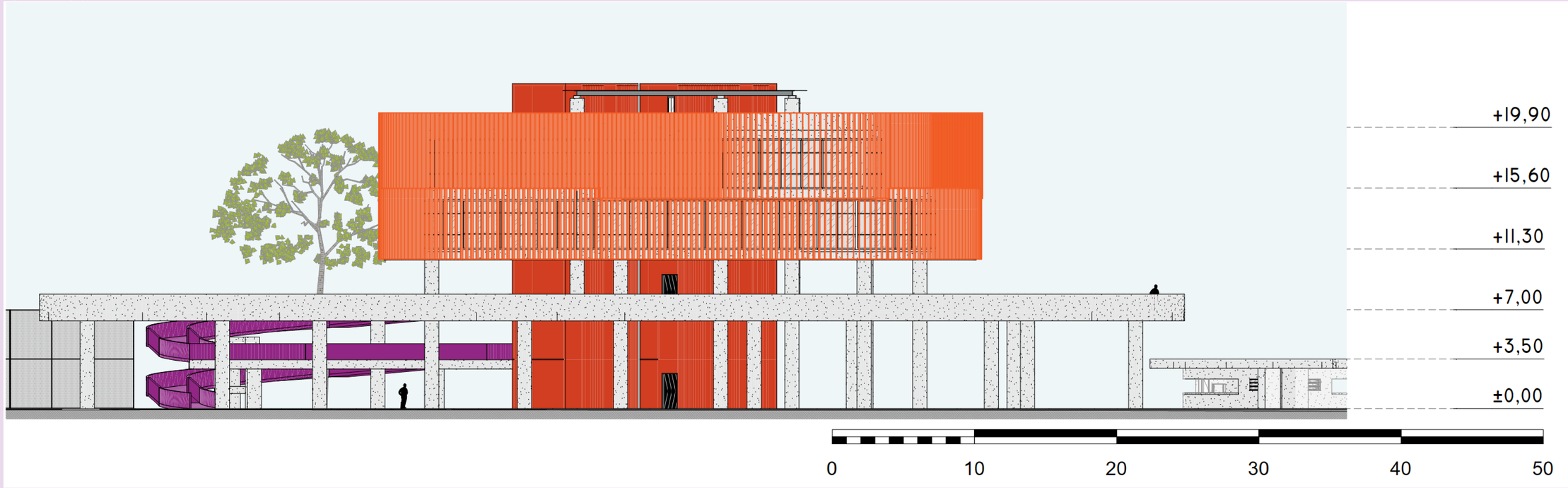
Figura 58 – Equipamento Cultural – Corte B

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 59 – Equipamento Cultural – Elevação 1

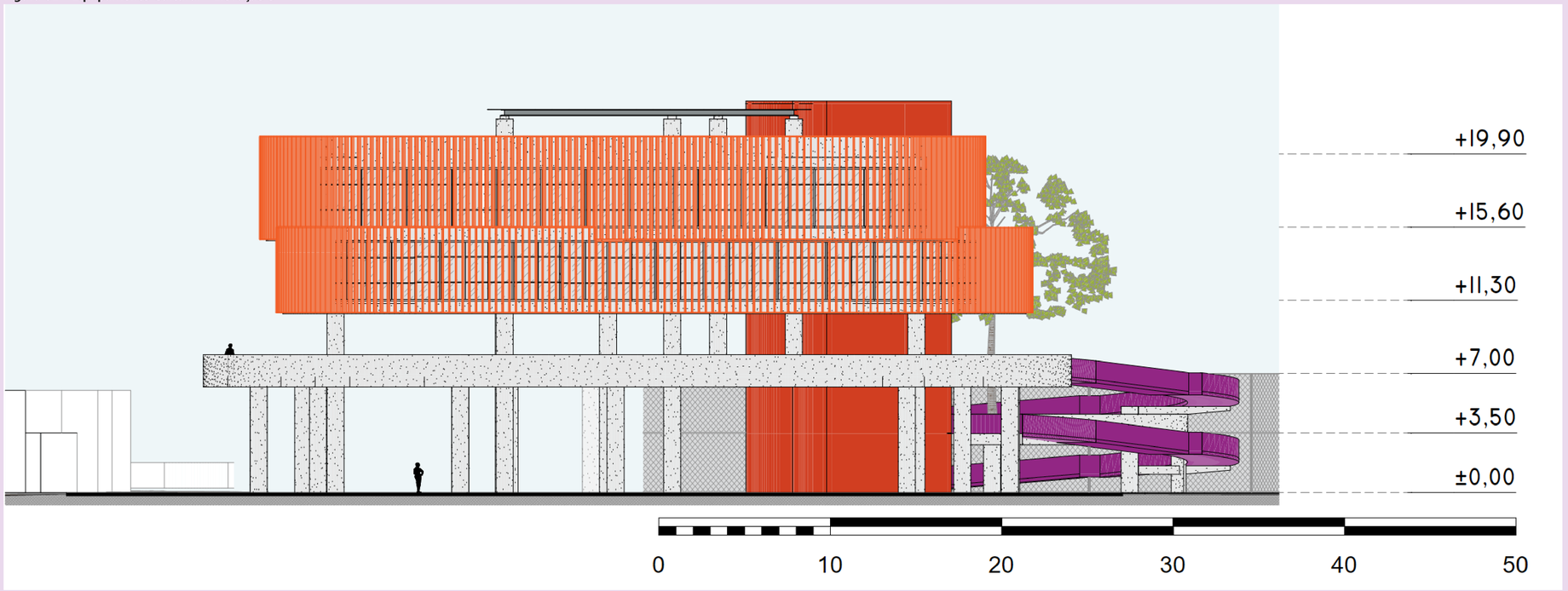
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 60 – Equipamento Cultural – Elevação 2



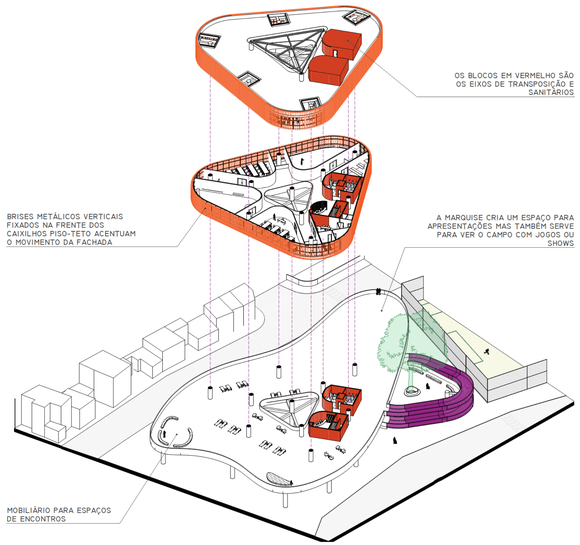
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 61 – Equipamento Cultural – Elevação 3



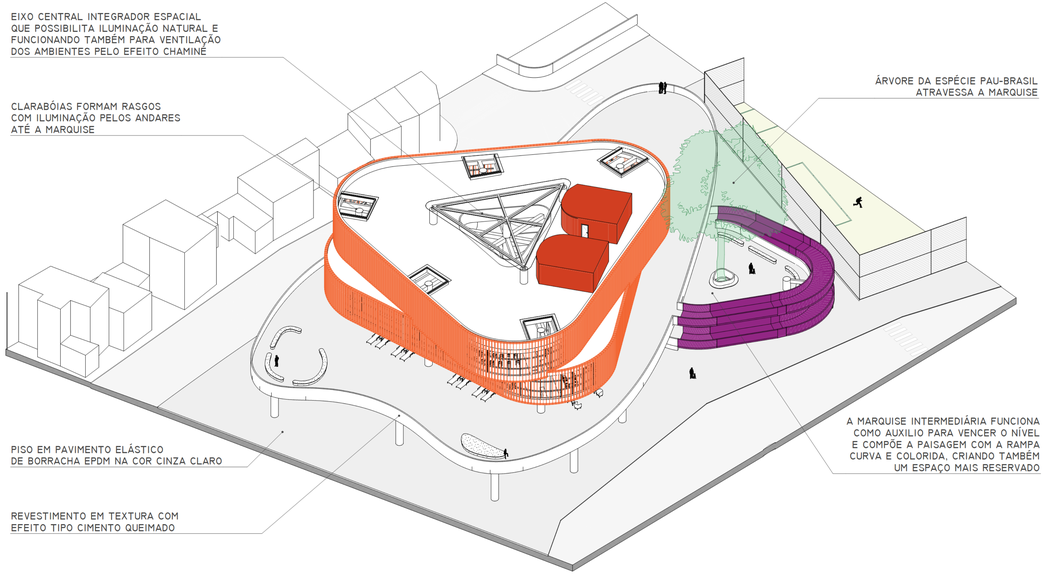
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 63 – Perspectiva do Equipamento Cultural

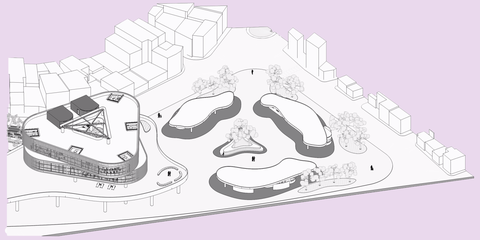


Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 64 – Perspectiva do Equipamento Cultural



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).



QUIOSQUES

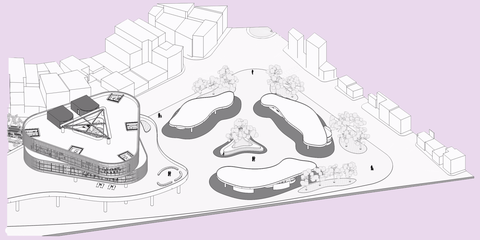
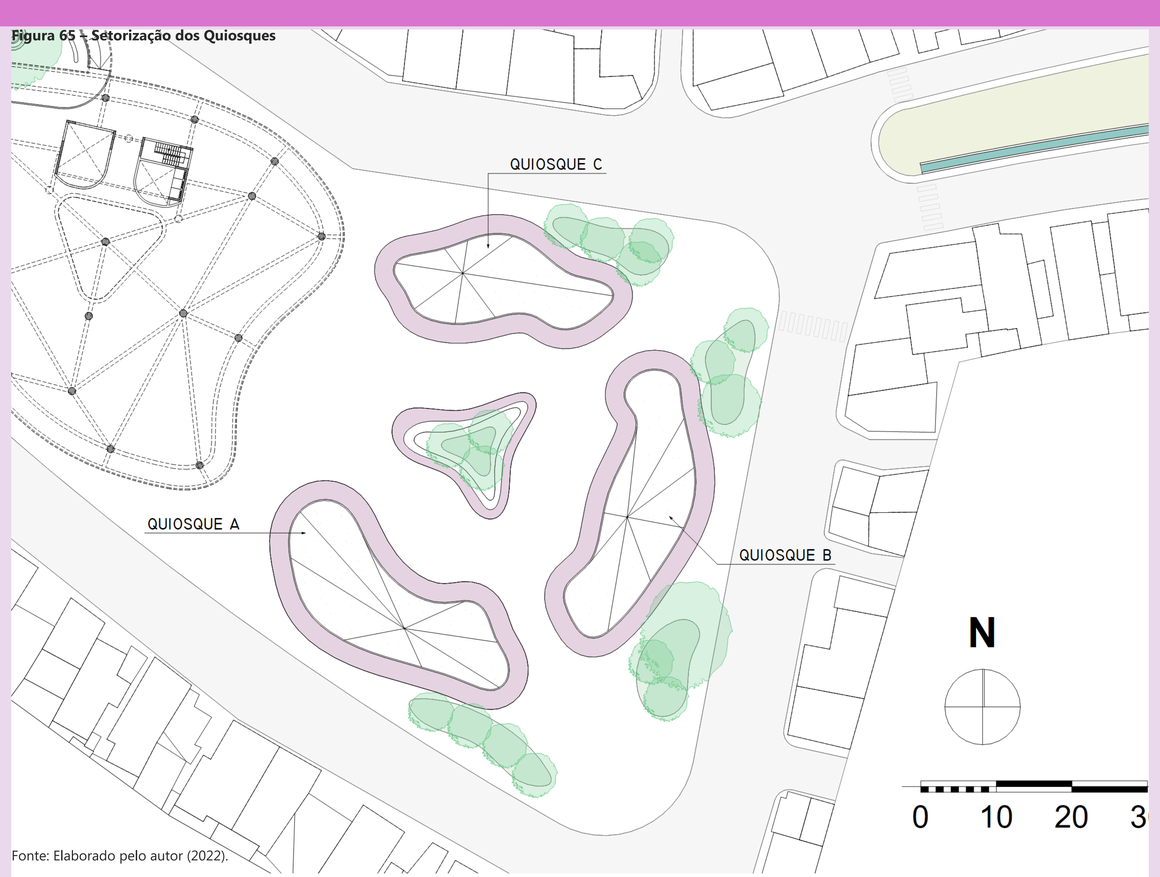
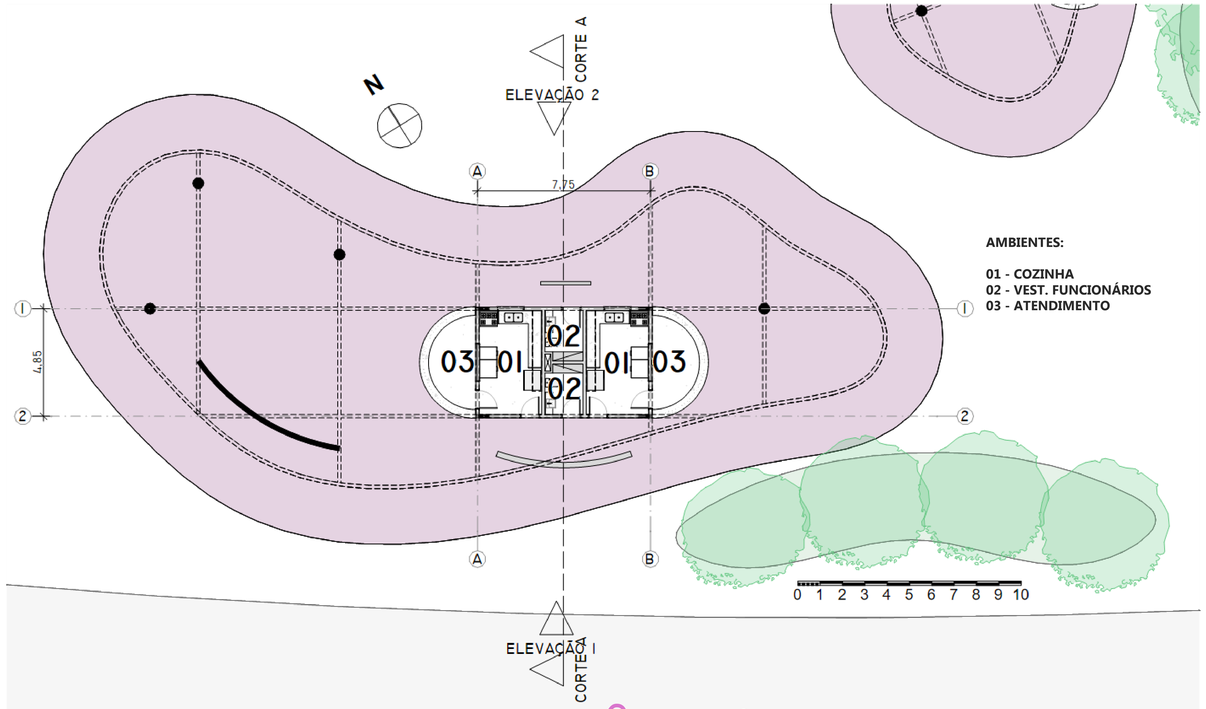


Figura 65 - Setorização dos Quiosques



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 66 – Quiosque A – Planta



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 67 – Quiosque A – Elevação 1

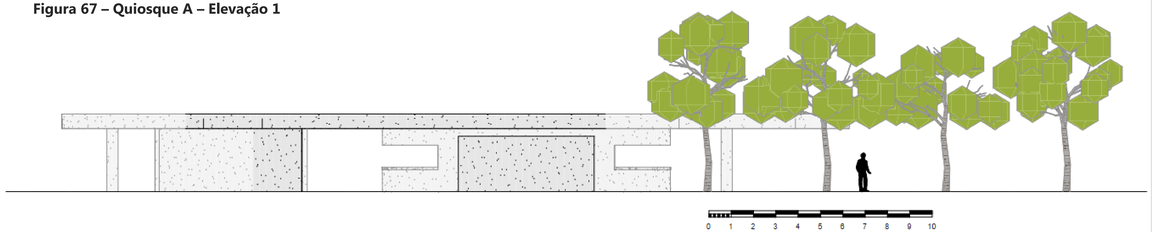


Figura 68 – Quiosque A – Elevação 2

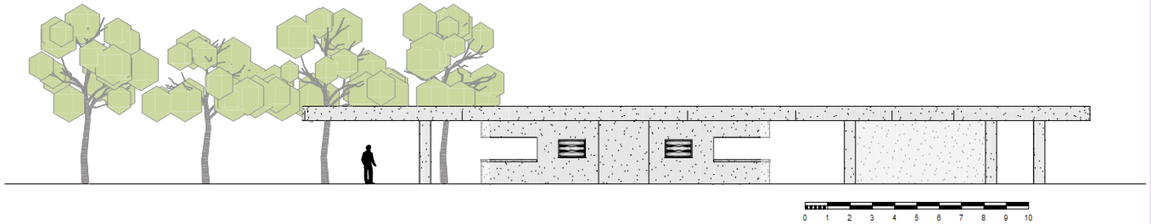
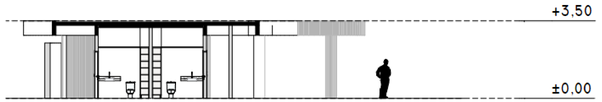
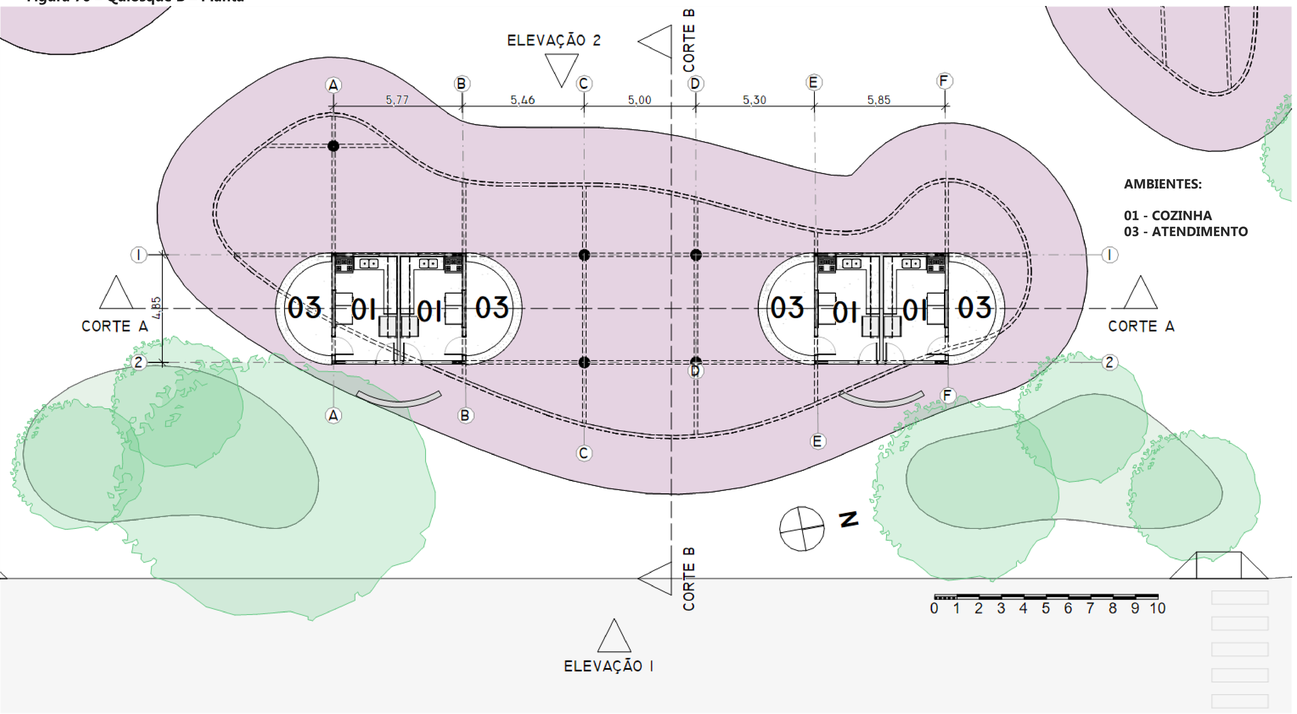


Figura 69 – Quiosque A – Corte A



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 70 – Quiosque B – Planta



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 71 – Quiosque B – Corte A

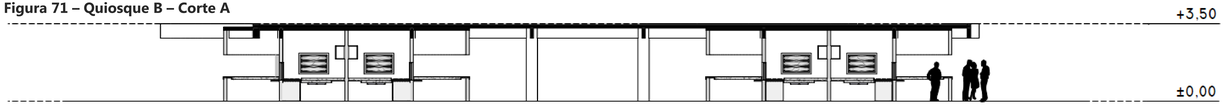


Figura 72 – Quiosque B – Corte B

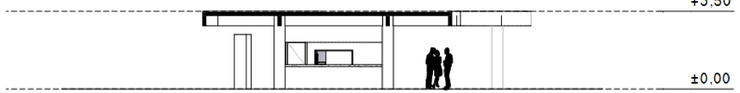


Figura 73 – Quiosque B – Elevação 1

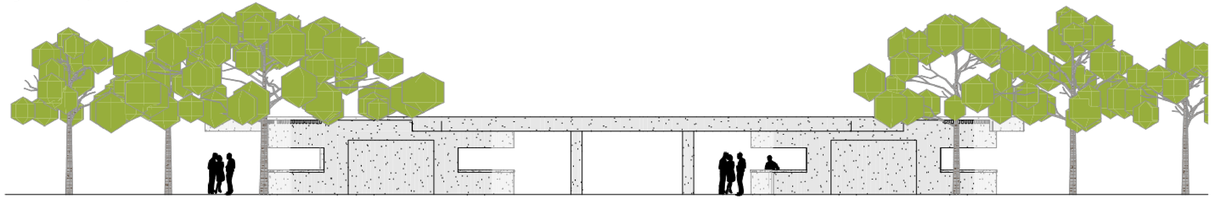
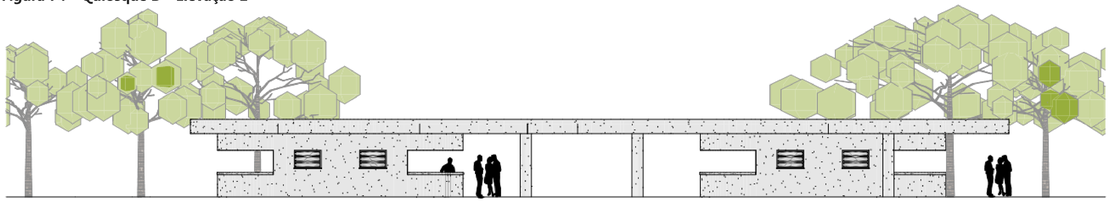
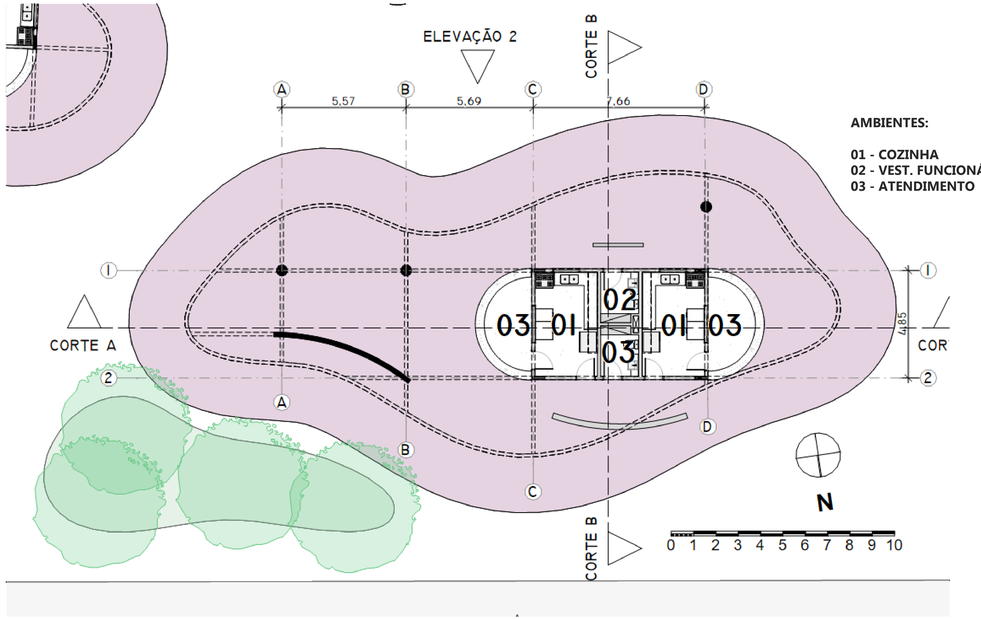


Figura 74 – Quiosque B – Elevação 2



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 75 – Quiosque C – Planta



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 76 – Quiosque C – Corte A

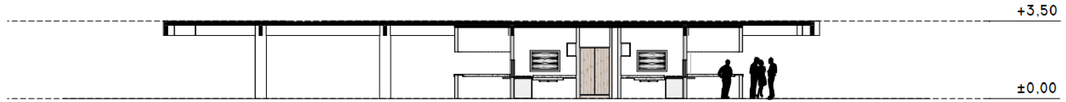


Figura 77 – Quiosque C – Corte B

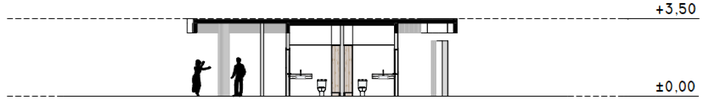


Figura 78 – Quiosque C – Elevação 1

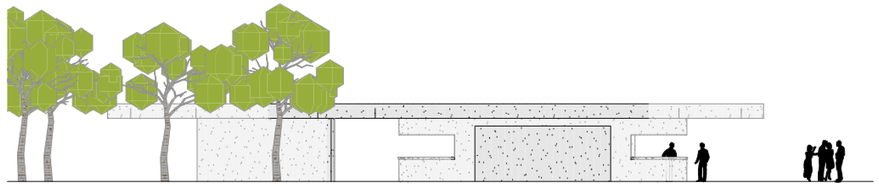
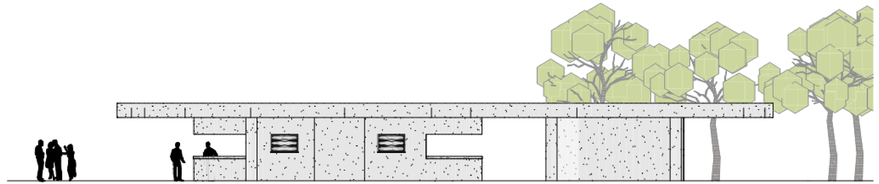
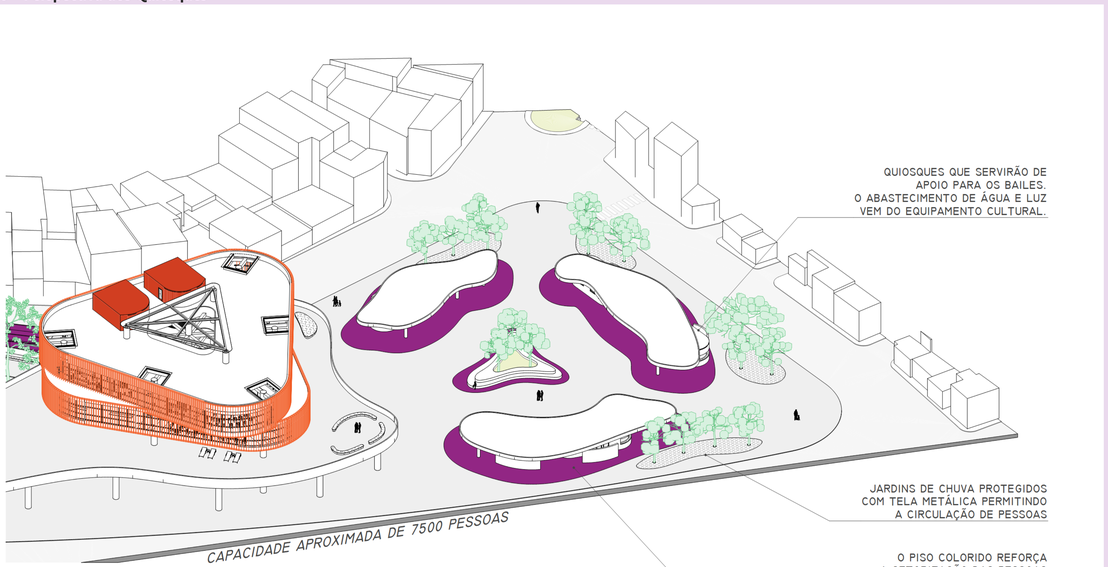


Figura 79 – Quiosque C – Elevação 2



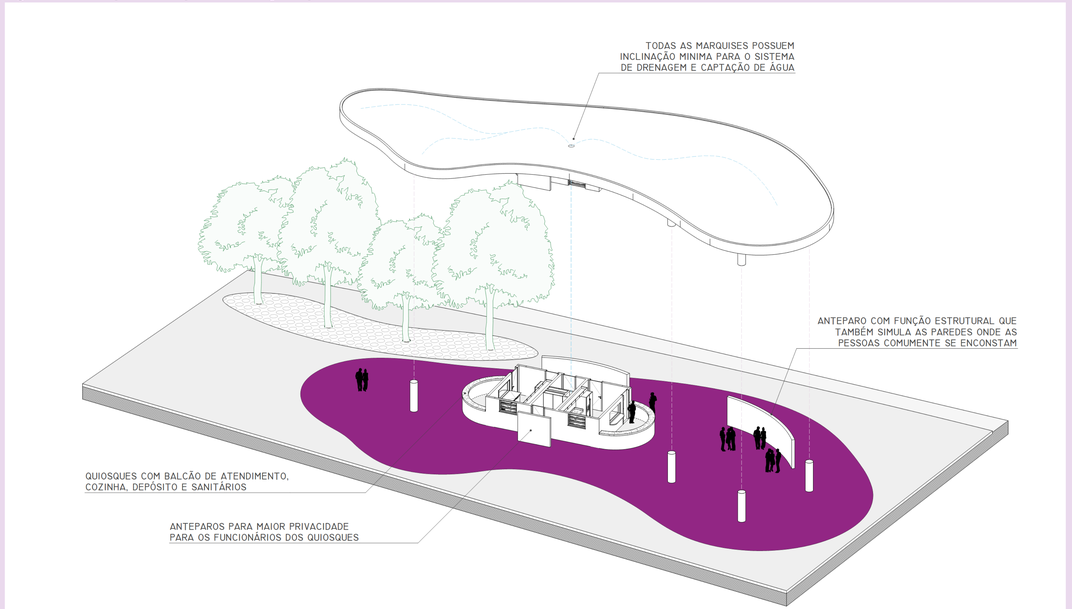
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 80 – Perspectiva dos Quiosques

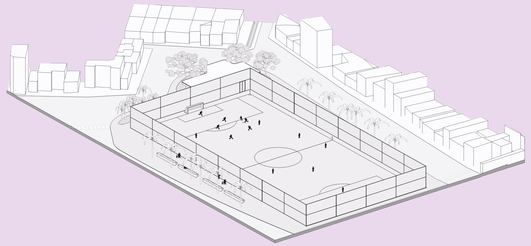


Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 81 – Perspectiva explodida do Quiosque A



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).



CAMPO DE FUTEBOL E VESTIÁRIO

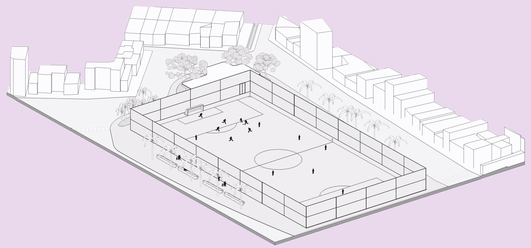
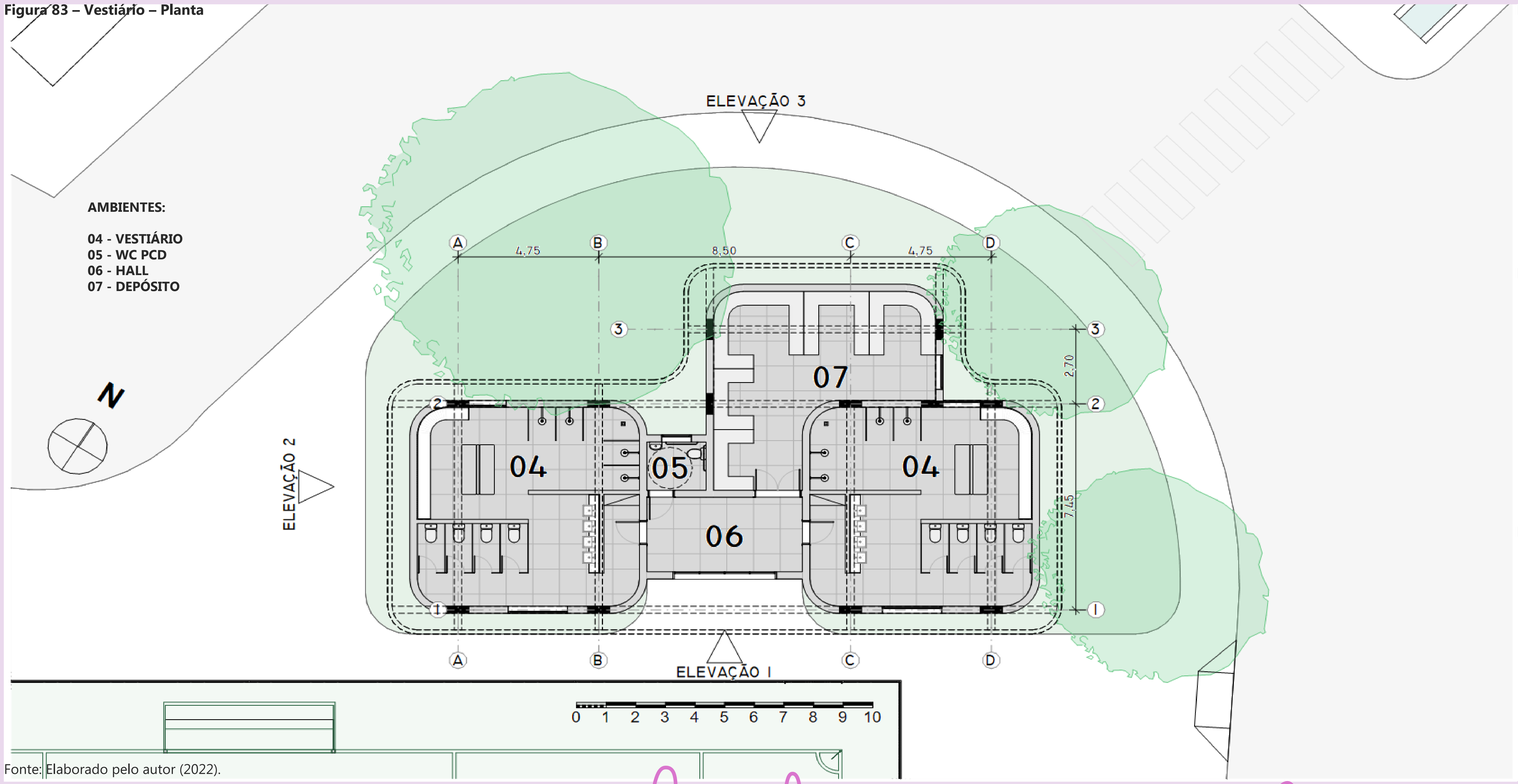


Figura 82 – Setorização do Equipamento Esportivo e Vestiários

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 83 – Vestiário – Planta



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 84 – Vestiário – Elevação 1

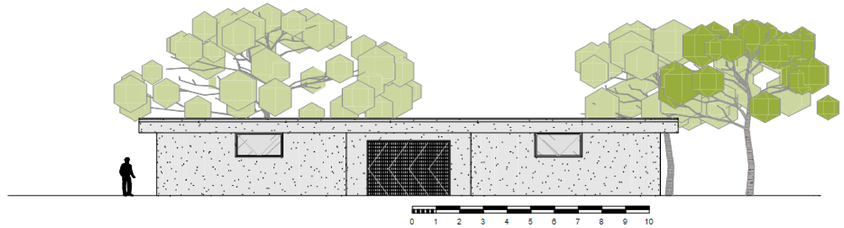


Figura 85 – Vestiário – Elevação 2

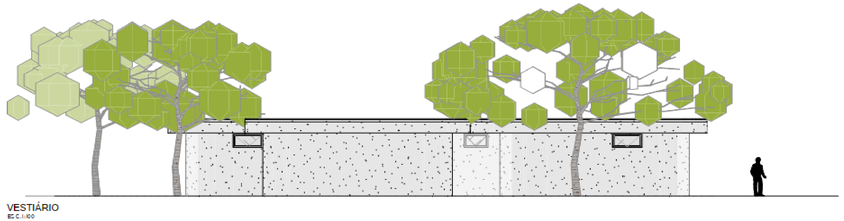
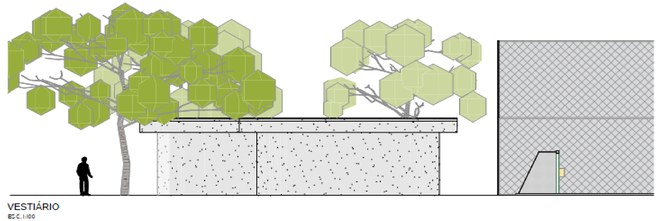
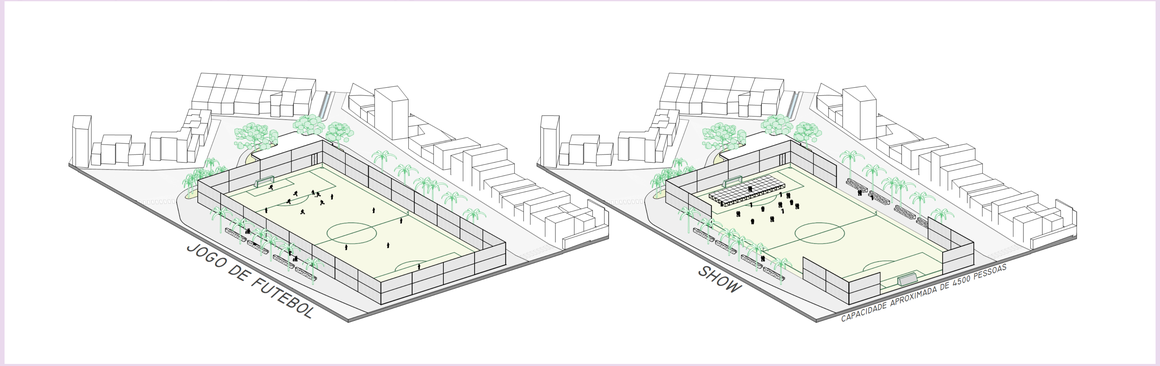


Figura 86 – Vestiário – Corte A



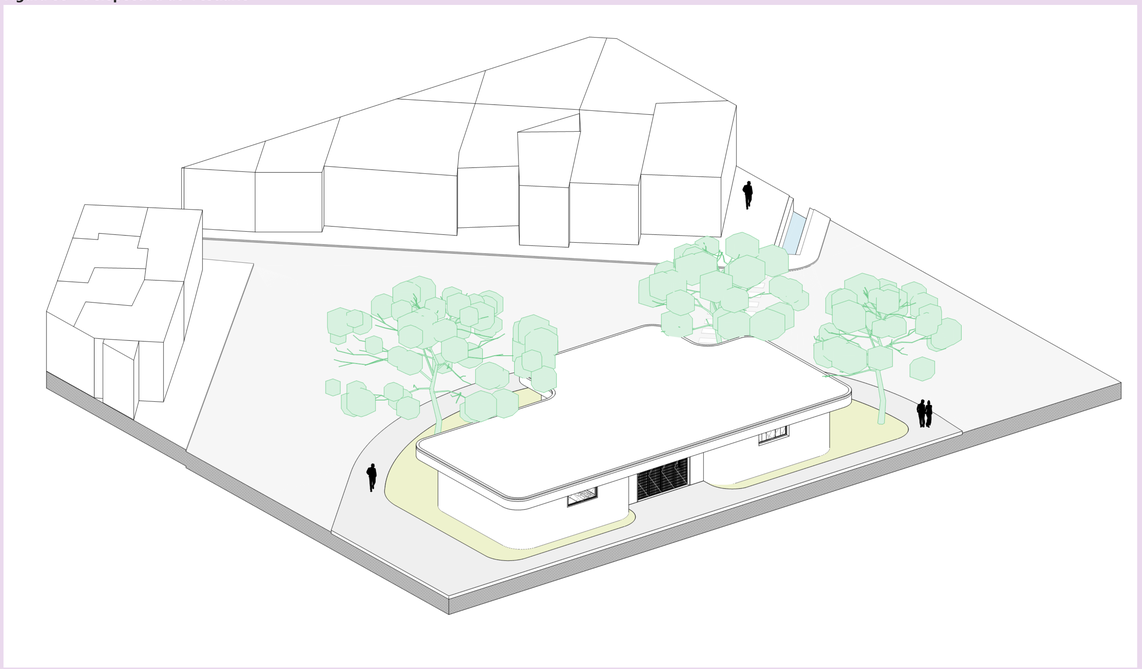
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 87 – Perspectivas do Equipamento Esportivo com jogos e shows



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 88 – Perspectiva do Vestiário



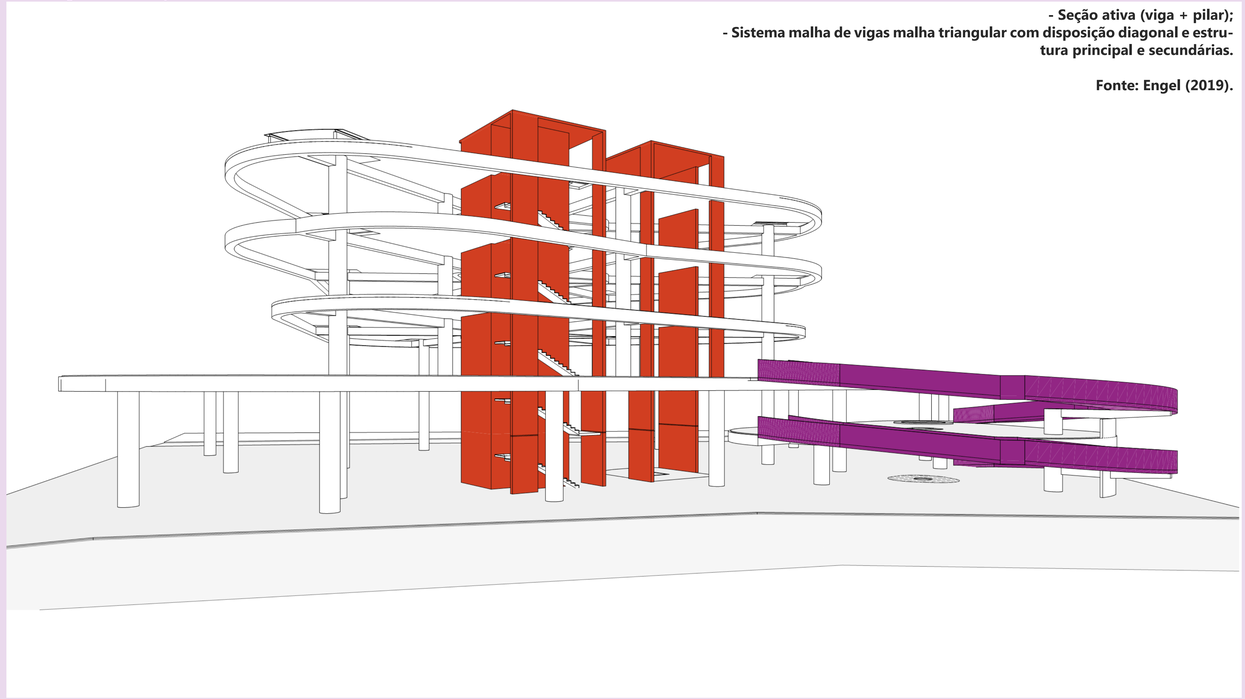
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Sistema Estrutural

Figura 89 – Perspectiva 1 do Sistema Estrutural

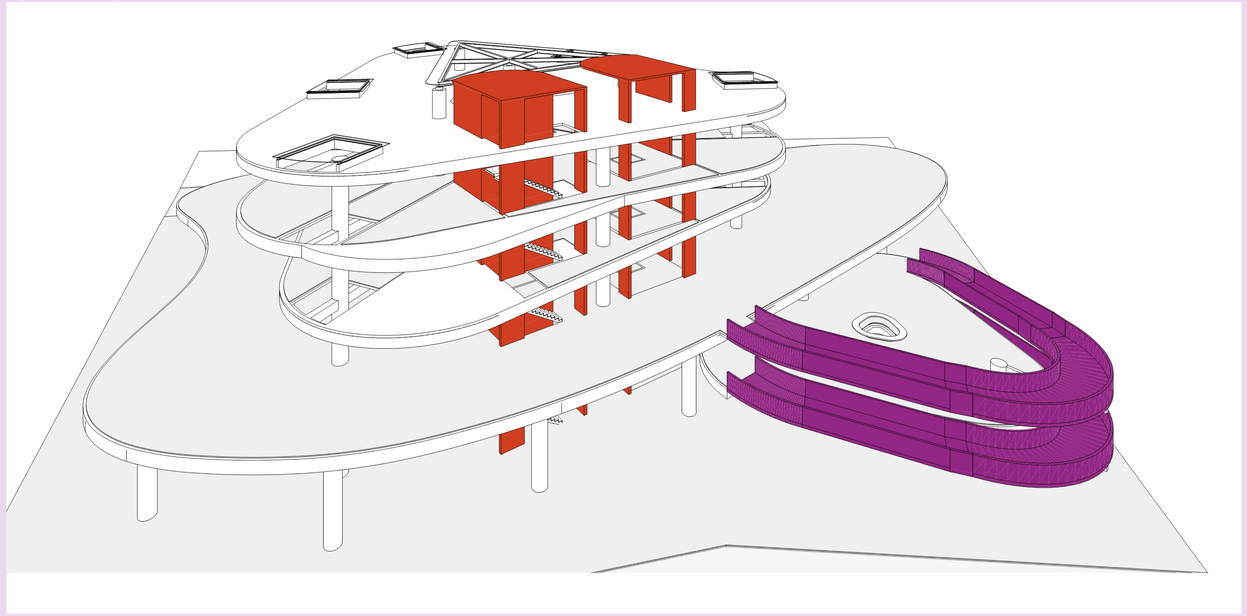
- Seção ativa (viga + pilar);
- Sistema malha de vigas malha triangular com disposição diagonal e estrutura principal e secundárias.

Fonte: Engel (2019).



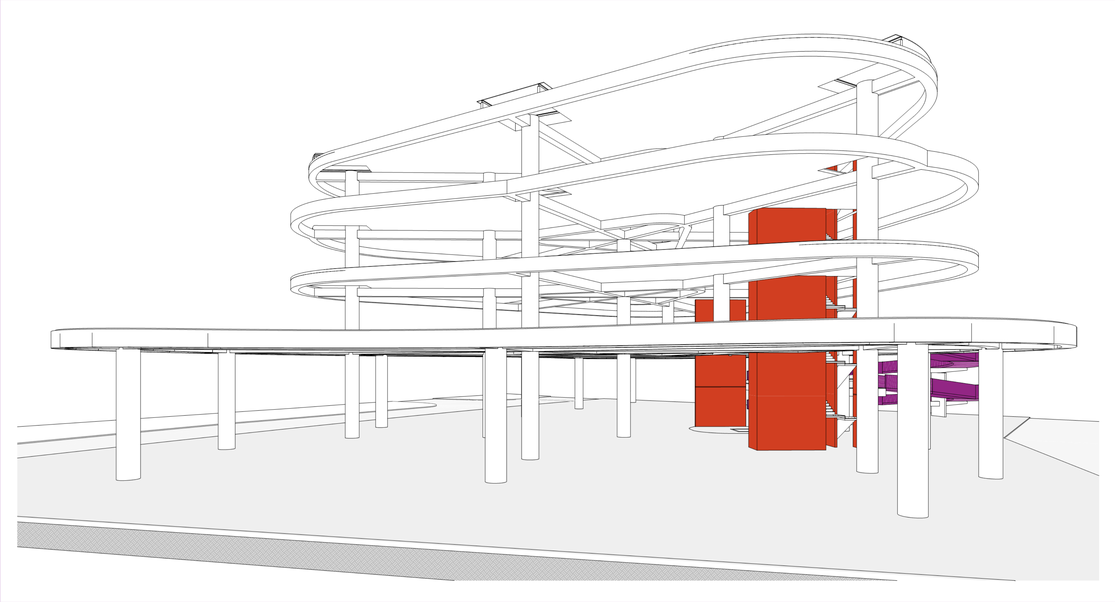
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 90 – Perspectiva 2 do Sistema Estrutural

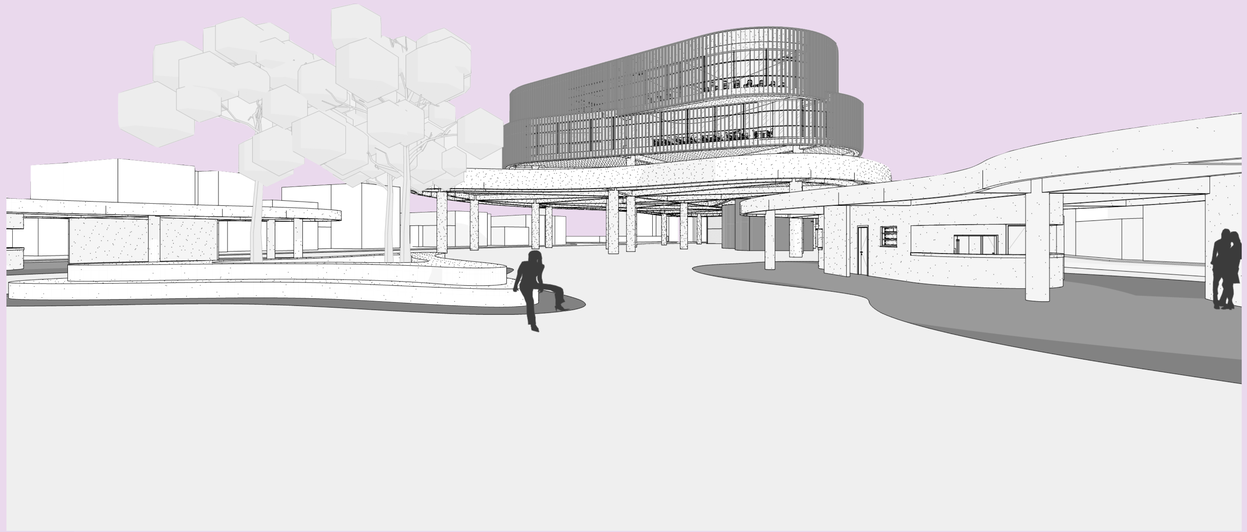


Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 91 - Perspectiva 3 do Sistema Estrutural



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

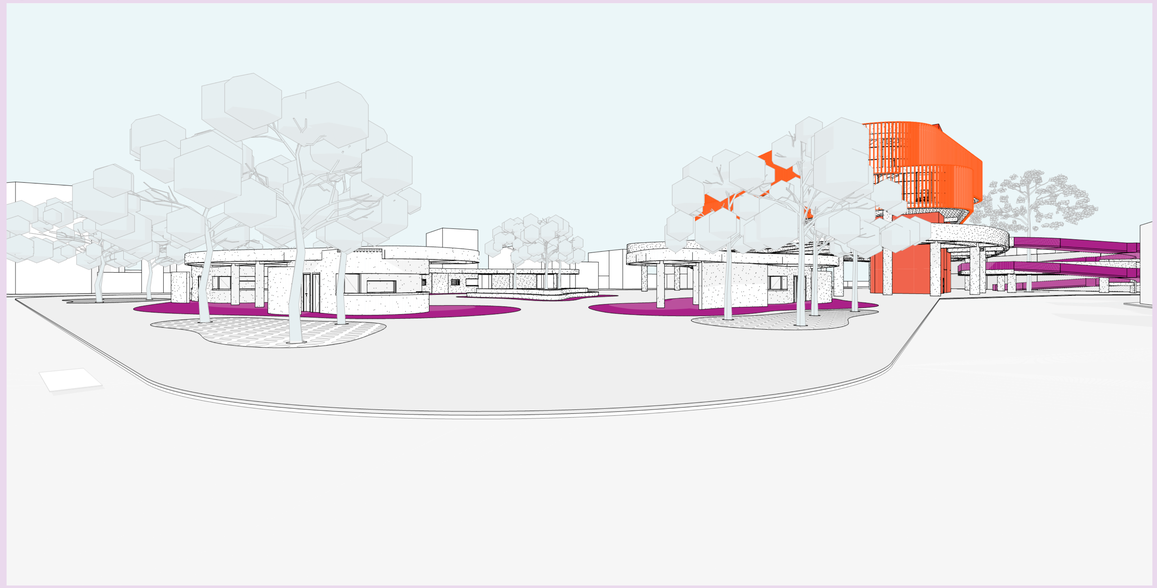


PERSPECTIVAS

Figura 92 – Perspectiva 1

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 93 – Perspectiva 2



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

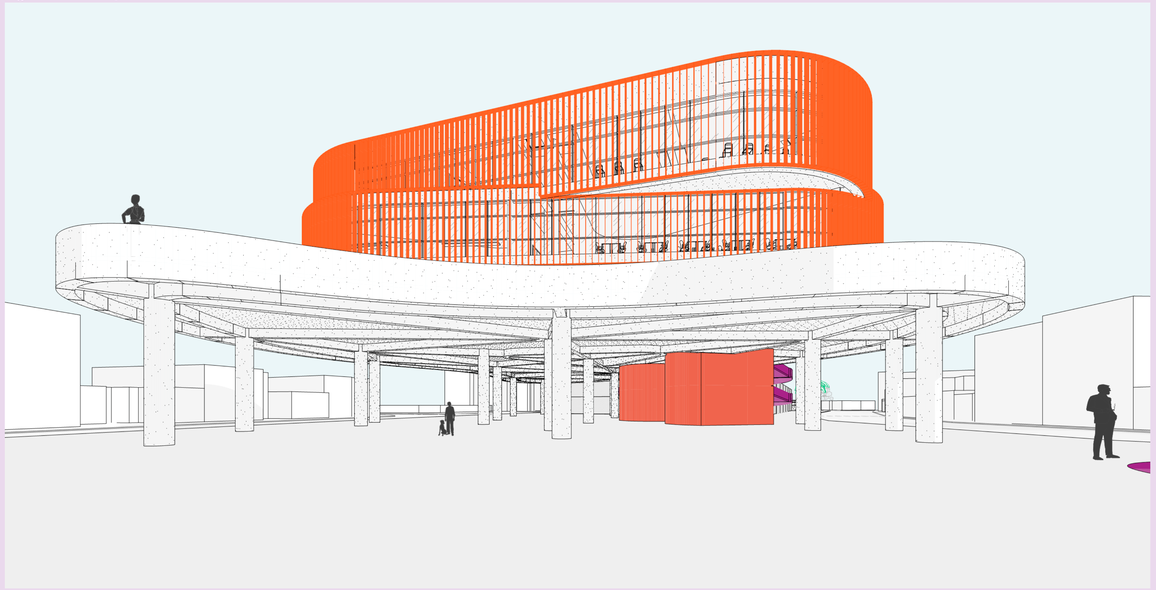
Figura 94 – Perspectiva 3

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 95 – Perspectiva 4

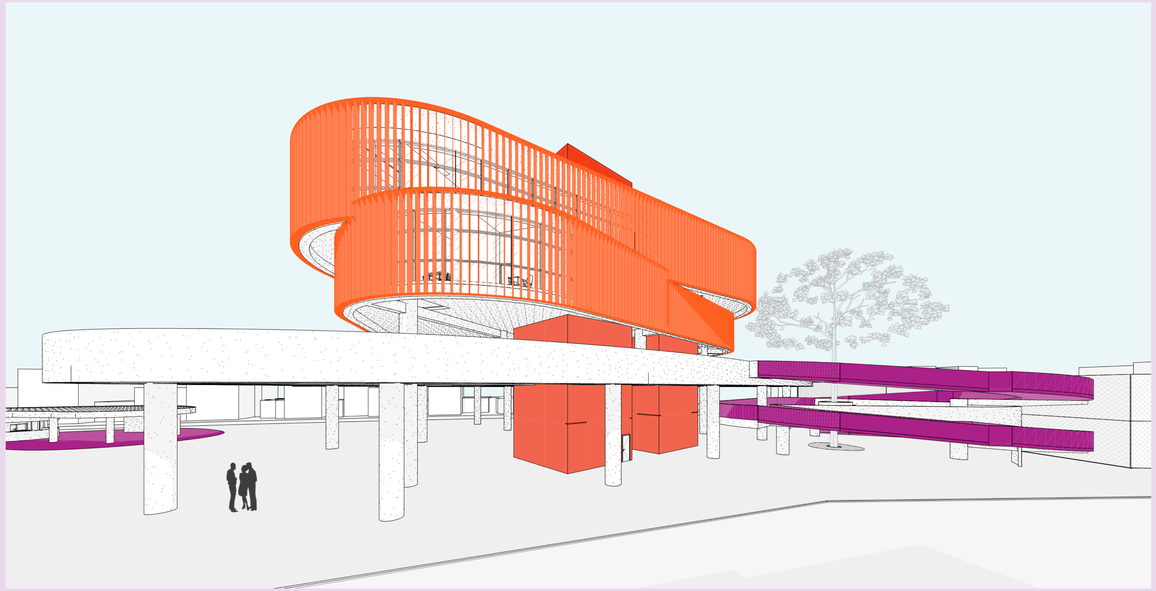
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 96 – Perspectiva 5



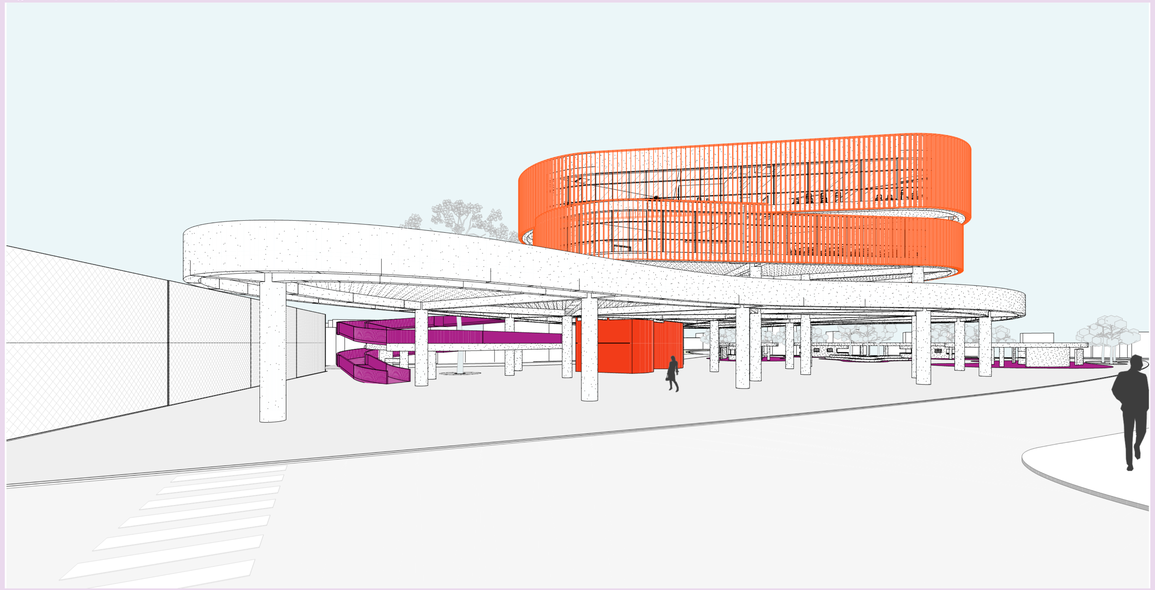
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 97 – Perspectiva 6



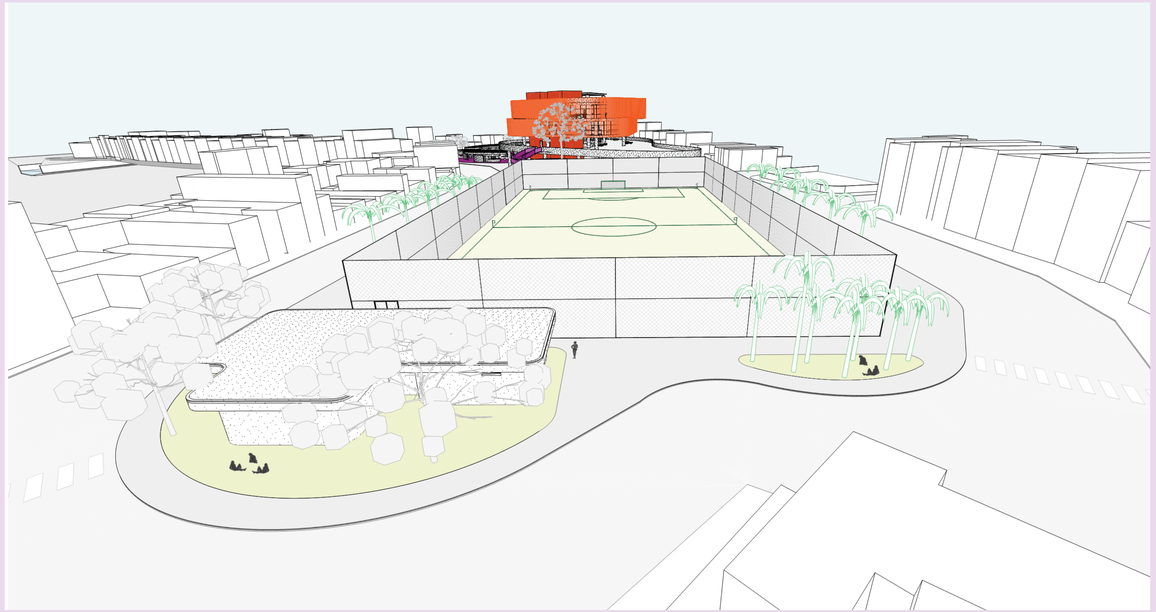
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 98 – Perspectiva 7



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 99 – Perspectiva 8

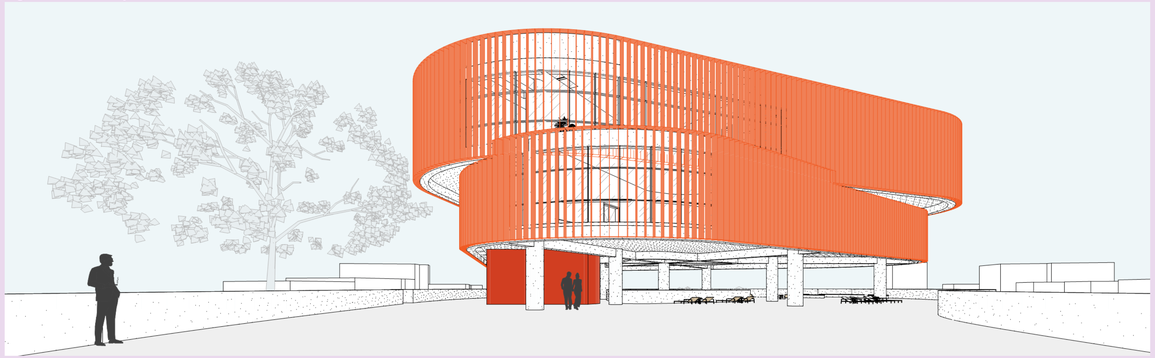


Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 100 – Perspectiva 9

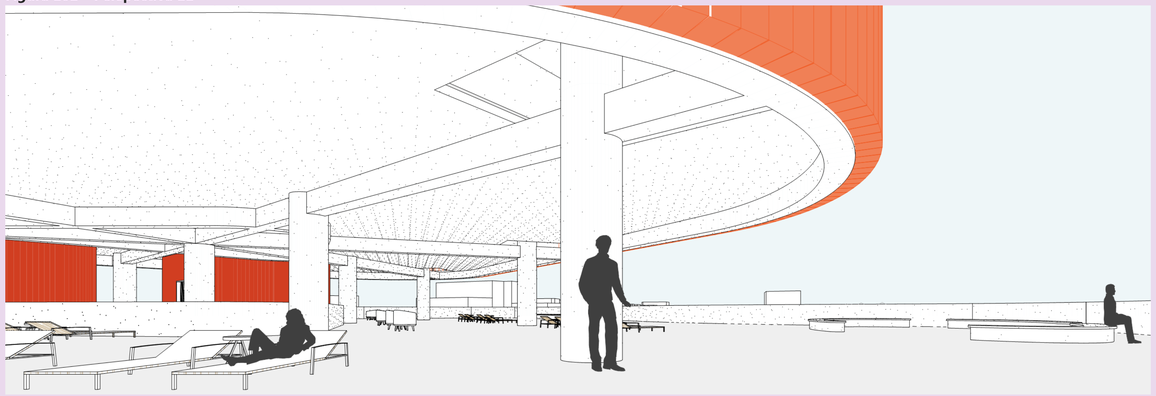
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 101 – Perspectiva 10



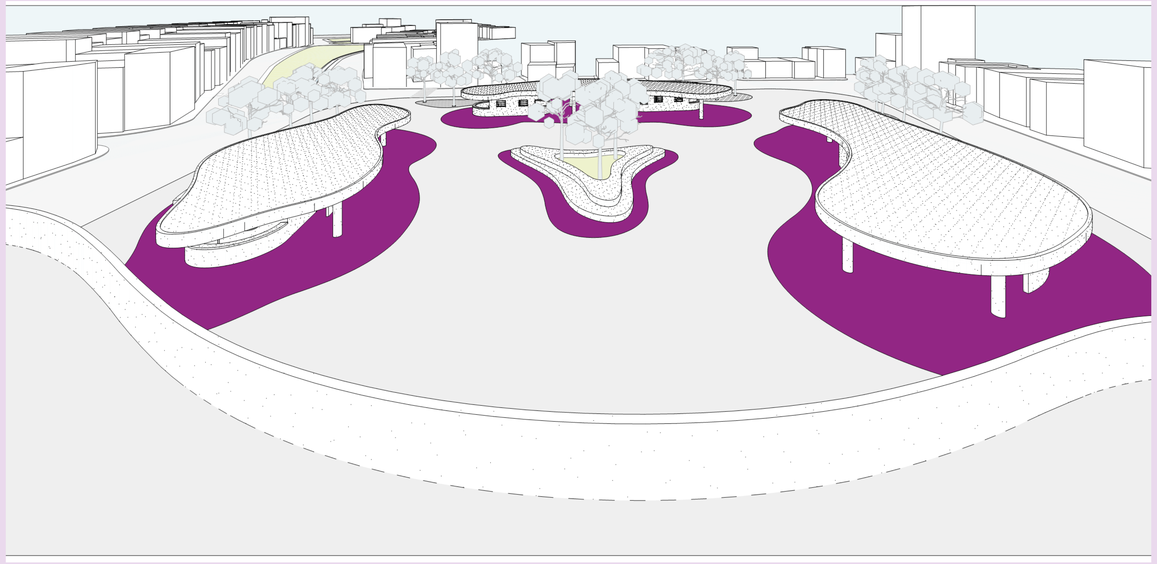
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 102 – Perspectiva 11



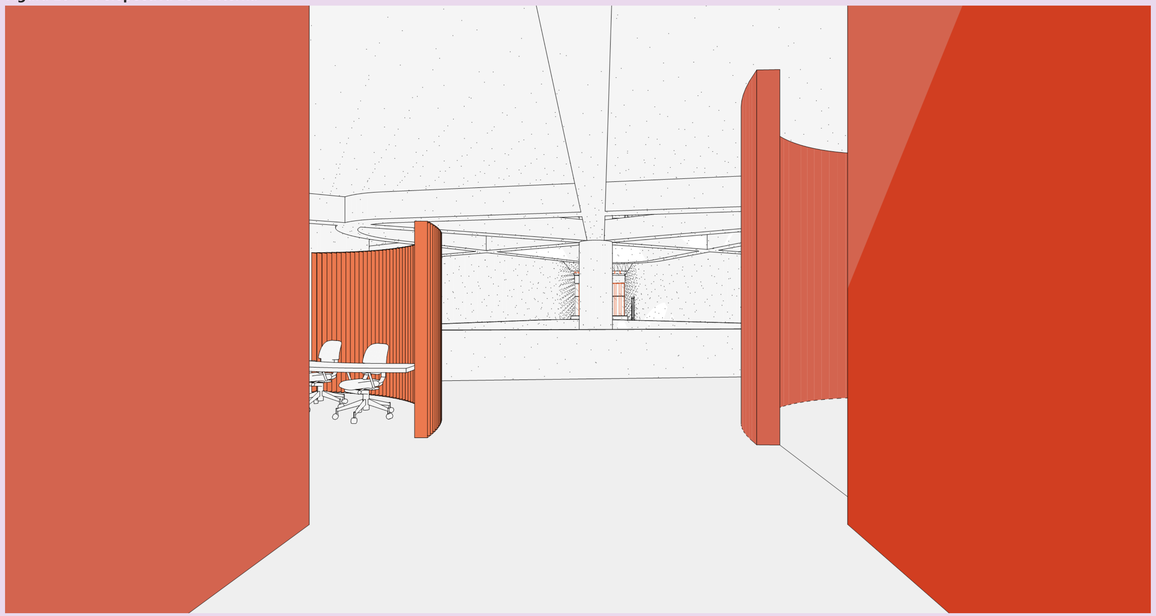
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 103 – Perspectiva 12



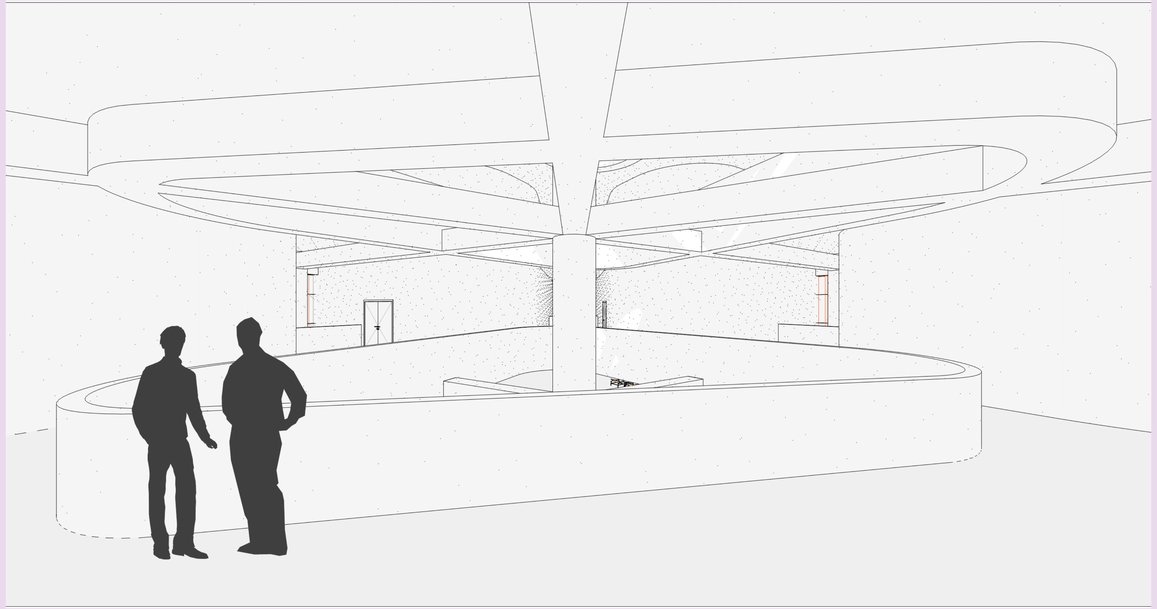
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 104 – Perspectiva 13 - Interna



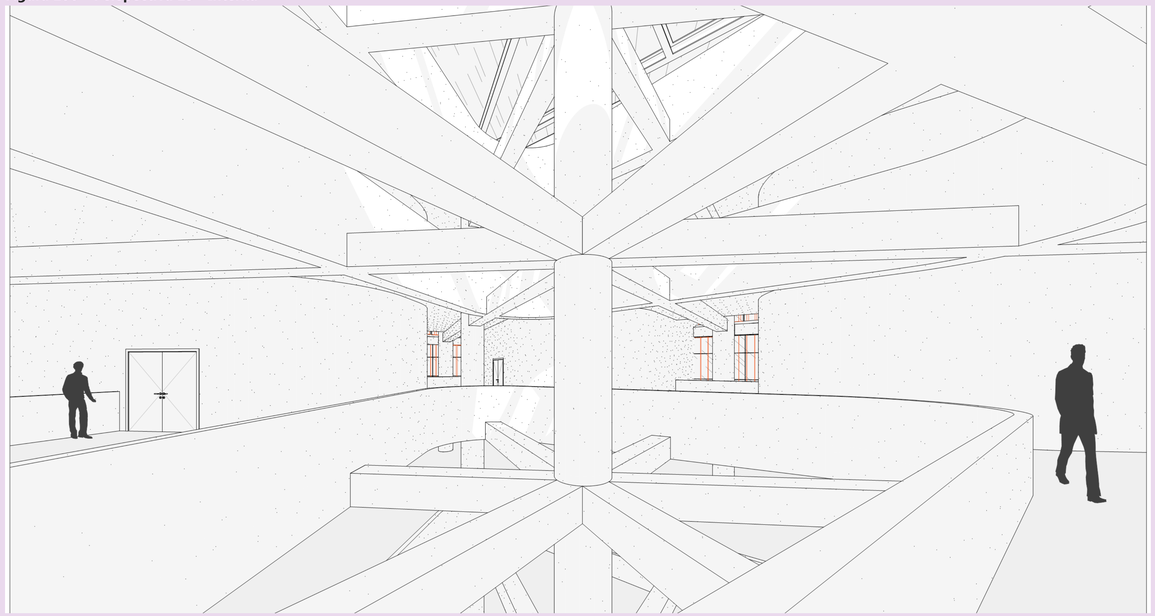
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 105 – Perspectiva 14 - Interna



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 106 – Perspectiva 15 - Interna



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Considerações Finais

Mesmo com o surgimento do funk como se conhece hoje ser datado na década de 1990, o funk ainda enfrenta forte preconceito e repressão, com respostas e atitudes da sociedade em geral que ultrapassam o discurso e se refletem em ações de coibição, como por exemplo a dispersão confusa dos bailes de ruas que, algumas vezes, culminam até em acidentes e mortes.

O bairro de União de Vila Nova, área de inserção da proposta projetual deste TFG, apresenta diversas oportunidades pela diversidade de equipamentos públicos, áreas de lazer, rede comercial, potencial social e, também, os bailes de ruas. O desafio está em como organizar os fluxos nos fixos justapondo a organização popular com políticas públicas.

Apesar do prestígio, grande presença nas periferias e força dinâmica e auto organizacional que são os bailes funks, foi constatado que ele quase não possui representação nas discussões em relação ao seu planejamento, incentivo e manutenção pelo poder público; desta forma, gerando mais conflitos relacionados aos usos dos espaços, criminalidade e repressão.

O projeto proposto neste trabalho tenta atender as demandas do funk para além do baile de rua em si. Em nível de proposta projetual isso é resgatado por intermédio da simulação do baile com o conjunto dos quiosques e a extensão da rua para a praça criada que não possui entradas demarcadas, mas também reforçado pela implantação de um equipamento cultural voltado à prática do aprendizado de dança e de música, que pode ser também um ambiente de produção de artes, fazendo com que o funk e outros gêneros sejam fortalecidos e por que não dizer, desmistificados enquanto expressão popular, no local onde é consumido.

A escolha pela reforma do campo de futebol e implantação do vestiário é uma forma de respeitar a pré-existência e criar diálogo com outras formas de usos do espaço.

Mas é importante ressaltar que o projeto em si não consegue resolver a questão conflituosa entre o direito à diversão versus o direito ao descanso. Criar um ambiente fechado e com isolamento acústico iria completamente contra a essência do movimento de contestação que são os bailes de ruas. Uma governança que possui gestão participativa poderá elaborar políticas públicas voltadas a essa questão; sobretudo, porque esta discussão não pode ficar apenas na pasta de segurança pública, mas precisa extravasar para o âmbito da expressão popular e artística. Por isso, durante o desenvolvimento do presente trabalho, este autor experimentou um sentimento muito grande e conflituoso por se trabalhar com uma questão tão delicada. O ideal inicial era de que seria possível se resolver tudo por intermédio da arquitetura; mas em todos os âmbitos que se pôde discutir este trabalho, desde o processo de orientação, às trocas com colegas de classe e colegas de estágio, ficou muito marcante a indagação de como um projeto poderia delimitar um espaço juntamente com todas as soluções acústicas existentes (de maciços arbóreos a paredes duplas com enchimentos), sem descaracterizar o funk enquanto manifestação. Mas com o aprofundamento dos estudos, principalmente os voltados à história do funk, mergulhou-se numa bonita composição de identidades, culturas, ícones e forças socioeconômicas que, pela natureza desta expressão popular, não poderia ser reprimida em um local fechado.

Referências

ADJE, Ake Marc Abert. **O Funk Paulista como forma de expressão identitária e de influência urbana.** 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Relações Interculturais, Universidade Aberta, São Paulo, 2021.

ALESSI, Gil. **Do samba ao funk,** o brasil que reprime manifestações culturais de origem negra e periférica. o Brasil que reprime manifestações culturais de origem negra e periférica. 2019. El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/sociedade/2019-12-07/do-samba-ao-funk-o-brasil-que-repri
e-manifestacoes-culturais-de-origem-negra-e-periferica.html. Acesso em: 09 abr. 2022.

ARNOLDT, Jason Patrick. **Transformações no funk carioca (1980-2017):** cenário sócio-histórico e cultural, hibridismos e principais personagens. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Música, Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO (São Paulo). Governo de São Paulo. **Mais uma enchente castiga a população do Jd. Pantanal.** 2016. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=369582. Acesso em: 30 abr. 2022.

BARBOSA, Luíza Chiarelli de Almeida. **Vale do Anhangabaú:** multiplicidade do espaço no imaginário. multiplicidade do espaço no imaginário. 2020. Archidaily. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/952948/vale-do-anhangabau-multiplicidade-do-espaco-no-imaginario. Acesso em: 09 jun. 2022.

BEZERRA, Júlia; REGINATO, Lucas. **FUNK:** a batida eletrônica dos bailes cariocas que contagiou o brasil. São Paulo: Panda Books, 2017. 159 p.
BONZI, Ramón Stock. Os projetos e a nova Praça Roosevelt. Revista Labverde: Cidade Mais Verde, São Paulo, v. 6, n. 13, p. 248-253, 20 jun. 2013. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/61921/64748. Acesso em: 22 maio 2022.

BORELLI, José; MERIGO, Hercules. **Praça Roosevelt.** Disponível em: https://www.borellimerigo.com.br/urbanismo/praca-roosevelt. Acesso em: 22 maio 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 mar. 2022.

CALLIARI, Mauro. Praça Roosevelt. Um espaço emblemático da relação de São Paulo com seus espaços públicos. Minha Cidade, São Paulo, ano 13, n. 147.03, Vitruvius, out. 2012. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/13.147/4504. Acesso em: 22 maio 2022.

COLOSSO, Paolo. **Direito À Cidade:** o que é e qual sua atualidade. Santa Catarina. Youtube, canal Comuns Urbanos, 28 de ago. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BITZH-yIfkM&t=156s. Acesso em: 21 abr. 2022.

FABIANO JUNIOR, Antonio. **Vão do Masp.** Uma viagem no tempo e a dura realidade atual. Arquiteturismo, São Paulo, ano 07, n. 081.01, Vitruvius, nov. 2013. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/07.081/4969>. Acesso em: 2 jun 2022.

Funk Ostentação. Documentário. Direção de Renato Barreiros e Konrad Dantas. Produção de Kondzilla, 3K Produções e Funk na Caixa. Roteiro: Renato Barreiros e Konrad Dantas. 2009. Son., color. Disponível em: https://vimeo.com/53679071. Acesso em: 27 mar. 2022.

GEHL, Jan. **Cidade Para Pessoas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

GRUNOW, Evelise. Requalificação e Reurbanização do Vale do Anhangabaú: prefeitura municipal de são paulo. Prefeitura Municipal de São Paulo. 2020. REVISTA PROJETO. Disponível em: https://revistaprojeto.com.br/acervo/prefeitura-municipal-de-sao-paulo-jan-gehl-pjj-malucelli-mario-biselli-consorcio-central-requalificacao-e-reurbanizacao-do-vale-do-anhangabau-sao-paulo/. Acesso em: 09 jun. 2022.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes:** do direito à cidade à revolução urbana.
São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOLANDA, Marina de . **Clássicos da Arquitetura: MASP / Lina Bo Bardi.** 14 Jul 2012. ArchDaily Brasil. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-59480/classicos-da-arquitetura-masp-lina-bo-bardi. Acesso em: 2 jun 2022. ISSN 0719-8906

IZEL, Adriana. **30 anos do funk:** confira o panorama de um dos ritmos preferidos no brasil. Confira o panorama de um dos ritmos preferidos no Brasil. 2019. Correio Braziliense. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/
diversao-e-arte/2019/10/01/Interna_diversao_arte,792863/30-anos-do-funk.shtml. Acesso em: 09 abr. 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à Cidade.** 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008. 143 p.

LOPES, Adriana Carvalho. **"Funk-se quem quiser":** no batidão negro da cidade carioca. 2010. 187 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2010.

MACIEL, Daiana dos Santos Costa; BRITO, Stephanie Freire. **Design, cultura e sociedade.** Curitiba: InterSaberes, 2021.

MARTINS, Renato. **Conheça o projeto Funk SP:** responsável pelo fluxo legalizado em São Paulo. responsável pelo fluxo legalizado em São Pau-lo. 2017. Disponível em: https://kondzilla.com/m/conheca-o-projeto-funk-sp-responsavel-pelo-fluxo-legalizado-em-sao-paulo. Acesso em: 27 mar. 2022.

MC GUIMÊ. YouTube. Foto de capa do vídeo clipe "MC Guimê - 22 (prod. Noise The Wizard)". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZIsx7T9C2eE. Acesso em: 12 jul. 2022.

OLIVEIRA, Ligia Alves de. **Precariedade Urbana na Metrópole:** União de Vila Nova. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

OTERO, Guido. **Novo Anhangabaú:** apagamento e elitização custando caro aos cofres públicos. apagamento e elitização custando caro aos cofres públicos. 2020. LabCidade. Disponível em: http://www.labcidade.fau.usp.br/novo-anhangabau-apagamento-e-elitizacao-custando-caro-aos-cofres-publicos/. Acesso em: 09 jun. 2022.

PIMENTEL, André de Pieri. O "direito à cidade" enquanto categoria em disputa: uma análise dos conflitos políticos em torno dos usos cotidianos da Praça Roosevelt, em São Paulo. **Interseções:** Revista de Estudos Interdisciplinares, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 438-462, 30 dez. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. http://dx.doi.org/10.12957/irei.2020.56791. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/56791/36613. Acesso em: 22 maio 2022.

PREFEITURA DE SÃO PAULO (SÃO PAULO). O Vale do Anhangabaú. Ges
tão Urbana SP. Disponível em: https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/centro-dialogo-aberto/o-vale-do-anhangabau/. Acesso em: 09 jun. 2022.

PROJETO Pantanal: Urbanização de Favelas. São Paulo: **Conselho Brasileiro de Construção Sustentável,** 2010. 59 slides, color. Disponível em: http://www.cbcs.org.br/userfiles/comitestematicos/projeto/pantanal-viviane-19-08-10.pdf. Acesso em: 30 abr. 2022.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes; BENFATTI, Denio Munia. Sistemas de Espaços Livres Urbanos: construindo um referencial teórico. **Paisagem Ambiente:** ensaios, São Paulo, n. 24, p. 81-88, 31 dez. 2007. Anual. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/paam/issue/view/6555/948. Acesso em: 27 mar. 2022.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Projeto de Lei Nº 2855/2020.** Rio de Janeiro, RJ: Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www3.alerj.rj.gov.br/lotus_notes/default.asp?id=144&url=L3NjcHJvMTkyMy5uc2YvMThjMWRkNjhmOTZiZTNlNzgzMjU2Nm-VjMDAxOGQ4MzMvNDRmNDYyMTk3NDNjYzk2YTAzMjU4NTlmMDA2NTI3MWI/T3BI-bkRvY3VtZW50. Acesso em: 27 mar. 2022.

RISÉRIO, Antonio. **O direito à cidade.** [S/I]. Youtube, canal SescTV. 1 abr. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Nt5B8ptyTdM. Acesso em: 21 abr. 2022.

REURBANIZAÇÃO do Vale do Anhangabaú. Portal do legado de Jorge Wilheim. Disponível em: http://www.jorgewilheim.com.br/legado/Projeto/visualizar/1835. Acesso em: 09 jun. 2022.

REVISTA PROJETO. **Rubens Reis e Fupam:** Praça Roosevelt e Parque do Belém, São Paulo. Praça Roosevelt e Parque do Belém, São Paulo. 2013. Revista Projeto. Disponível em: https://revistaprojeto.com.br/acervo/rubens-reis-fupam-praca-roosevelt-parque-estadual-belem-08-04-2013/. Acesso em: 22 maio 2022.

ROSSI, Amanda; BRITO, Luísa (São Paulo). **Zona Leste de SP teve ao menos 24 assassinatos em bailes funks em 2015.** Tv Globo. São Paulo, p. 1-1000. 28 abr. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/zona-leste-de-sp-teve-ao-menos-24-assassinatos-em-bai. Acesso em: 30 abr. 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 259 p.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO (São Paulo). Prefeitura de São Pau
lo. **Festival Funk Da Hora acontece neste final de semana na Zona Leste.** 2019. Disponível em: https://www.capital.sp.gov.br/noticia/festival-funk-da-hora-acontece-neste-final-de-semana-na-zona-leste. Acesso em: 09 abr. 2022.

SILVA, Talita Micheleti Honorato da. **O uso do espaço livre público nas manifestações culturais em Joinville-SC. 2017.** 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/182893/349760.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 mar. 2022.

SUBPREFEITURA DE SÃO MIGUEL PAULISTA: O novo bairro de São Paulo se chama: União de Vila Nova. São Paulo, 30 jun. 2009. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_miguel_paulista/noticias/?p=6. Acesso em: 27 mar. 2022.

TEIXEIRA, Lino A. S. A música do território e o território da música: o funk e os bailes nas favelas do rio de janeiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 16., 2019, Espírito Santo. **Anais [...] .** Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019. p. 2778-2796. Disponível em: http://www.periodicos.ufes.br/simpurb2019/. Acesso em: 27 mar. 2022.

THIAGO GUIMARÃES (Brasil). Rede Globo de Televisão (ed.). **Entenda os 'pancadões',** fenômeno do funk que é febre nas periferias de São Paulo. **Fantástico.** São Paulo. 08 dez. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/12/08/entenda-os-pancadoes-fenomeno-do-funk-que-e-febre-nas-periferias-de-sao-paulo.ghtml. Acesso em: 11 abr. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. O baile da Serra é o primeiro legalizado em Minas Gerais. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/evento-debate-o-funk-como-instrumento-de-cultura-de-trabalho-e-de-lazer>. Acesso em: 12 jul. 2022.

VIANNA, Hermano. **O Baile Funk Carioca:** festas e estilos de vida metropolitanos. 1987. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

VEIGA, Almir. Portal Geledés. Pessoas dançando em um baile "soul" no Rio de Janeiro na déc. De 1970. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ditadura-investigou-bailes-black-no-corinthians-e-no-madureira-nos-anos-70/>. Acesso em: 12 jul. 2022.

Fonte: Jef Delgado (2019)